



Foto: Knar Bedian, CC BY 2.0, via www.flickr.com

Rosa Maria Serra Fernandes

JOVENS RURAIS: FUTUROS URBANOS?

Motivações e Constrangimentos na Decisão de Ficar ou Partir

Dissertação de Mestrado em Sociologia, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
Orientador: Prof. Doutor Pedro Hespanha

setembro, 2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FEUC FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Rosa Maria Serra Fernandes

Jovens Rurais:Futuros Urbanos?
Motivações e Constrangimentos na Decisão de Ficar ou Partir

Dissertação de Mestrado em Sociologia,
apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
para obtenção do grau de Mestre

Orientador: Prof. Doutor Pedro Hespanha

Coimbra, 2014

À memória dos meus pais que me deram a vida, a forma de ser e o amor que preenche a minha existência e garante que o meu sorriso nunca se apague perante os momentos de adversidade e se ilumine nos de felicidade.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Doutor Pedro Hespanha, pela sua generosa partilha de saber, pela sua sempre habitual cordialidade e jeito de ser afável.

A todos os jovens mortaguenses que de forma gentil e generosa colaboraram nesta investigação.

À minha colega de trabalho e amiga, Petra Saldanha, excelente profissional e leal companheira em tantos desafios profissionais já vencidos e seguramente em muitos outros ainda para vencer, pela sua colaboração no trabalho de *design* de elaboração da capa da dissertação.

Ao meu marido, pela partilha, encorajamento e apoio em tantos momentos de angústia e pela compreensão por tantos outros momentos de ausência.

Ao meu filho, pela minha presença ausente e solitária em tantos momentos e pela compreensão inocente de tantos outros momentos de afetos roubados. A sua colaboração no cumprimento do objetivo da mãe foi também para ele uma aprendizagem e uma lição de vida, justificada pela apreensão dos valores de trabalho e persistência para ultrapassar obstáculos e alcançar objetivos.

Aos meus familiares e amigos, perdão pela minha ausência em tantos momentos seguramente felizes. Obrigada por darem luz à minha vida!

Resumo

As questões que decorrem de se viver no interior de Portugal, em territórios rurais de baixa densidade, não só a nível populacional mas também relacional, contextualizam o presente estudo. O envelhecimento demográfico, a incapacidade de fixação de população e o êxodo rural que há sucessivas décadas se faz sentir e que face ao atual contexto de crise se acentua, estão a reforçar as já de si fortes assimetrias regionais da realidade portuguesa e as tendências de desertificação de mais de 50% do território nacional. Incapazes de fixar população jovem e de travar estes surtos migratórios internos e externos, os territórios rurais de baixa densidade veem ameaçadas a sua sustentabilidade e o seu futuro. A investigação realizada no concelho de Mortágua, também território rural de baixa densidade, procurou compreender *as razões que, na perspetiva dos jovens de territórios rurais do interior, determinam a sua opção de saída ou fixação nesses territórios*. Através da realização de entrevistas deu-se voz aos jovens, naturais do concelho de Mortágua, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, divididos em 3 diferentes grupos, em função do momento em que tomam a decisão, para compreender os múltiplos fatores explicativos que fundamentam a sua tomada de decisão. A conclusão central da investigação realizada, transversal a todos os grupos de jovens entrevistados, é a de que a existência de oportunidades de emprego se torna decisiva para a fixação dos jovens no interior. Na opinião da maioria dos jovens, o território de Mortágua oferece boas condições para a fixação, boa localização geográfica, boa qualidade de vida, boa integração familiar, boas relações primárias (de amizade e vizinhança) e de participação associativa. Contudo, o facto de não oferecer oportunidades de emprego compatível com as qualificações e expectativas pessoais e profissionais dos jovens, sobretudo, os mais ambiciosos, força os jovens a procurar territórios urbanos capazes de oferecer essas oportunidades. Existe entre os entrevistados mais jovens, que ainda não decidiram e que estão ainda mais próximos da passagem para a vida adulta, a percepção de que a sua tomada de decisão será de inevitável saída do território para centros urbanos, e face ao contexto de crise que vivemos em Portugal, até mesmo para outros países. Essa percepção, relativamente ao contexto de crise, não é transversal a

todos os jovens, entendendo alguns que pode determinar a decisão de regresso à “zona de conforto” do apoio familiar, ou abrir janelas de oportunidade de criação de negócio e de inovação. Relativamente às perspetivas futuras de retorno dos jovens mais velhos, que decidiram sair do concelho há pelo menos 5 anos, ele é encarado de forma diferenciada, sendo a temporalidade indicada apenas na situação de reforma e para fruir da qualidade de vida que o concelho tem para oferecer no caso dos mais ambiciosos, ou a curto prazo para os restantes, desde que garantida a obtenção de emprego. Por último, na perceção da totalidade dos jovens entrevistados, o futuro do território do concelho de Mortágua, em resultado da contínua saída dos jovens, é sombrio e encontra-se fortemente ameaçado.

**Palavras-Chave: Juventude, Ruralidade/Interioridade, Territórios de Baixa Densidade/
Êxodo Rural**

Abstract

The issues that emerge from living in the interior of Portugal, in low density rural areas, not only at a population level but also at a relational level set the present study. The demographic ageing, the inability of the population settling, the rural exodus felt for repeated decades and that is accentuated by the present context of crisis are reinforcing the already present strong regional asymmetries of the Portuguese reality and the desertification tendencies of more than 50% of the national territory. Unable to retain the young generation and stop the internal and external migration humps, the sustainability and future of the low density rural areas are threatened. The research done in the Municipality of Mortágua, also a low density rural area, meant to understand *the reasons that, in the perspective of the young generation living in the interior rural areas, determine their choice to settle in or leave these areas*. Young people, aged from 18 to 35, native from the Municipality of Mortágua were heard in an interview. The young people were divided into 3 different groups, according to the moment when they make their decision in order to understand the various factors that support their decision making. The central conclusion of the research, covering all the interviewed group of young people, is that the job opportunity is decisive in the settling of young people in the interior of the country. In most of the young people opinion, the area of Mortágua offers good conditions for settling, a good geographical localisation, a good quality of life, a good familiar integration, good primary relationships (friends and neighbours) and is good for associative participation. However, the fact of not offering job opportunities compatible with the young people qualifications and personal and professional expectations, mainly for the more ambitious ones, forces young people to look for urban areas able to offer them these opportunities. There is also, among the youngest interviewed, those who haven't decided yet and who are closer to adult life, the perception that their decision making will be to leave the territory to urban centres and even to foreign countries due to the context of crisis we are going through in Portugal. This perception, regarding the context of crisis, is not shared by all the young people - for some of them, it will determine the decision to come back to the "comfort zone" of the

family support or open windows to the opportunity of a business creation and innovation. Regarding the future perspectives of the older young people coming back, those who left the Municipality at least 5 years ago, it is faced differently – the temporality is only indicated in the retirement situation or to enjoy the quality of life that the Municipality can offer to the most ambitious ones, or in a short term for the others, as long as they can be guaranteed a job. At last, in the perception of the totality of the young people interviewed, the future of Mortágua Municipality area is gloomy and is strongly threatened, in result of the continuous leaving of the young people.

Key words: Youth, Rurality / Interiority, Low density Areas / Rural exodus

Índice

Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	ix
Índice	xi
Índice de Figuras	xiii
Índice de Tabelas.....	xiii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - JUVENTUDE E TERRITÓRIOS RURAIS DE BAIXA DENSIDADE.....	5
1.1 O Conceito de Juventude	5
1.2 O Conceito de Ruralidade/Interioridade.....	9
1.3 O Conceito de Êxodo Rural.....	13
CAPÍTULO 2 – MODELO DE ANÁLISE E NOTAS METODOLÓGICAS.....	17
2.1 Modelo de Análise	17
2.2 Notas Metodológicas	18
2.3 Técnicas de Investigação – A Entrevista.....	19
2.4 A Amostra.....	21
CAPÍTULO 3 – TERRENO EMPÍRICO – CONCELHO DE MORTÁGUA.....	27
3.1 Breve Enquadramento Territorial	27
3.2 Breve Caraterização Demográfica.....	30
3.3 Breve Caraterização Socioeconómica	34
3.4 População Jovem – Breve Retrato Estatístico.....	40
CAPÍTULO 4 - MOTIVAÇÕES E CONSTRANGIMENTOS NA DECISÃO DE FICAR OU PARTIR	45
4.1 Partir – Opção ou Fatalidade?.....	46
4.1.1 Emprego – Fator de atração ou de repulsão.....	47
4.1.2 A Cidade Atrai?.....	51
4.2 Ficar – A Opção de Coração	57
4.2.1 A Família Fixa?.....	57

4.2.2	O Regresso Regular à “Zona de Conforto”	63
4.2.3	As Redes Primárias Fixam?	65
4.2.4	O território oferece condições de fixação?	73
4.3	Diferentes jovens, avaliações diferenciadas?	78
4.4	Decisões condicionadas pela crise?	84
4.5	Consequências do êxodo rural	87
4.6	Perspetivas de Retorno.....	90
4.7	Projetos Futuros	91
5	CONCLUSÃO.....	93
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97

Índice de Figuras

Figura 1 - Ciclo vicioso dos territórios de baixa densidade	13
Figura 2 – Enquadramento do Concelho de Mortágua nas NUT II e III	28
Figura 3 – Evolução da população residente no concelho de Mortágua.....	31
Figura 4 – Variação do número de jovens (15-29 anos), 2001-2011	40

Índice de Tabelas

Tabela 1- Jovens que ainda não tomaram decisão de ficar ou partir do seu território (GRUPO I) .	23
Tabela 2 - Jovens que tomaram a decisão e ficaram (GRUPO II)	24
Tabela 3 - Jovens que tomaram a decisão e partiram (GRUPO III)	25
Tabela 4 – Densidade Populacional	29
Tabela 5 – Variação da População Residente, 2001-2011	32
Tabela 6 – Variação da População Total e por Grupos Etários, 2001 e 2011	33
Tabela 7 – Indicadores de População, 2012.....	34
Tabela 8 - População Residente no Concelho de Mortágua, NUTIII, NUT II e NUT I, segundo o nível de instrução,2011 e taxa de analfabetismo 1991 a 2011	35
Tabela 9 – Distribuição da População Economicamente Ativa por Setores de Atividade	38
Tabela 10 - Variação da População Residente, por Grupos Etários e por Freguesia, 2001-2011.....	42
Tabela 11 – Jovens residentes no concelho de Mortágua, entre os 18 e os 35 anos, em 2011.....	43

INTRODUÇÃO

As profundas transformações do Mundo Rural verificadas no Pós Segunda Guerra Mundial e que suscitaram por vezes teses do *fim do rural*, refletiram-se com maior incidência nos países centrais da Europa, mas também se fizeram sentir em Portugal.

A partir dos anos 60 do Século XX, o mundo rural português, assente na tradicional tetralogia explicativa, perde a sua “centralidade económica, social e simbólica”, reforçando a sua nova função chave de fornecimento de mão-de-obra desqualificada e barata das cidades industrializadas do litoral ou mesmo do estrangeiro. Segundo Hespanha (2003), assiste-se à mudança do uso produtivo do espaço e à rutura da especialização funcional do rural agrícola. Assiste-se à difusão territorial dos padrões e modos de vida urbanos até aos dias de hoje em que o rural pós agrícola passa de espaço de produção a espaço de consumo, assumindo-se como espaço multifuncional, valorizado enquanto património, enquanto espaço idílico, passível de fruição e sinónimo de qualidade de vida.

Por seu turno, o mundo urbano, em crescimento desde a década de 60 e que física e simbolicamente se espraia cada vez mais em direção ao rural, conduzindo a uma crescente indistinção entre rural e urbano (Mingione e Pugliese, 1987), passa a ser entendido como sinónimo de desenvolvimento, de progresso e de qualidade de vida, exercendo uma forte capacidade de atração e contribuindo para o crescente “esvaziamento” demográfico e relacional do mundo rural.

À medida que as cidades cresceram e o litoral urbanizado do país se desenvolveu, assistiu-se em Portugal ao declínio e marginalização social e económica do interior, em consequência do êxodo rural, da emigração em massa durante décadas, e que agora ganha novos contornos e se reforça, do abandono dos campos e do envelhecimento das populações.

Apesar dos processos de desenvolvimento do País terem permitido dotar estes territórios do Interior de equipamentos e infraestruturas que permitem a melhoria da qualidade de vida e o atenuar das distâncias físicas e relacionais entre o mundo rural e

urbano, Portugal transformou-se, assim, num país de fortes assimetrias e desequilíbrios regionais.

Fernando Oliveira Baptista (2006) demonstra que este Portugal remoto, de baixa densidade, é hoje claramente dominante em Portugal. Segundo o autor, mais de 50% do território nacional pode ser assim considerado.

Um trabalho recentemente desenvolvido em parceria por várias instituições de ensino superior português, entre as quais a Universidade de Coimbra através da Faculdade de Economia, no âmbito do projeto *DEMOSPIN* revelou a seriedade do problema de desertificação na maioria das regiões do interior português e como será difícil reverter essa tendência. Mostrou também que apenas a atração de população jovem, através da criação de oportunidades de emprego, pode contrariar a situação (Martins *et al*, 2012).

Este interior português, de baixa densidade e em declínio demográfico, económico e relacional, incapaz de estabelecer “pontes relacionais” nas palavras de José Reis (1997), acentua a perda demográfica contínua de jovens, tornando-se incapaz de renovar gerações e conduzindo-se crescentemente para a desertificação.

É pois face a esta problemática e neste contexto de atualidade, pertinência e de relevo para a Sociologia que se coloca a questão que conduziu toda a investigação: quais as razões que, na perspetiva dos jovens de territórios rurais do interior, determinam a sua opção de saída ou fixação nesses territórios?

A presente dissertação é, pois, o resultado de um trabalho realizado com o objetivo de obter a perceção subjetiva dos próprios jovens sobre os contextos de decisão de saída ou permanência nestes territórios e, mais especificamente, no território que se constituiu como terreno empírico – o Concelho de Mortágua. Refira-se que, tratando-se, de um trabalho de carácter exploratório não comporta em si quaisquer pretensões de exaustividade ou de representatividade, tendo por objetivo único aprofundar a reflexão em torno desta problemática e, eventualmente, levantar interrogações sociológicas que permitam o desenvolvimento de futuras investigações.

Estruturada de forma lógica e coerente, a dissertação que agora se apresenta respeita a seguinte sequência de capítulos:

No primeiro capítulo, é efetuado o enquadramento teórico do problema de pesquisa abordado, tendo por base os conceitos-chave: Juventude, Ruralidade/Interioridade/Territórios de Baixa Densidade e Êxodo Rural.

No segundo capítulo, é apresentado o modelo de análise, reveladas as hipóteses de trabalho e explanados os métodos e técnicas de investigação utilizados e caracterizada a amostra.

No terceiro capítulo, é efetuada uma breve caracterização do concelho de Mortágua que se constituiu o terreno empírico da investigação realizada e que é o retrato fiel dos Territórios Rurais de Baixa Densidade do nosso país.

No quarto, e último capítulo, são apresentados os resultados da investigação realizada e identificados os diferentes fatores intervenientes nos processos pessoais de tomada de decisão dos jovens em ficar ou partir dos seus territórios de origem.

CAPÍTULO 1 - JUVENTUDE E TERRITÓRIOS RURAIS DE BAIXA DENSIDADE

Considerando que o problema de pesquisa abordado no âmbito da presente dissertação se insere num quadro de referência teórica que tem por base os conceitos-chave: Juventude, Ruralidade, Interioridade, Territórios de Baixa Densidade e Êxodo Rural, procura-se ao longo do presente capítulo, descortinar esses conceitos na sequência de toda a pesquisa documental e bibliográfica e posterior revisão da literatura, de modo a asseverar a compreensão do objeto de estudo, ou seja, a compreensão das diferentes dimensões intervenientes na tomada de decisão de saída ou fixação dos jovens nos seus territórios de origem, rurais, de interior de baixa densidade.

1.1 O Conceito de Juventude

Em sociedades envelhecidas como as europeias em que nos inserimos, as gerações mais novas vão sendo encaradas como um bem escasso e muito valorizado (Guerreiro e Abrantes, 2007).

É neste contexto, que a *Juventude*, enquanto categoria emergente, surge na primeira metade do Século XX.

As gerações mais jovens têm sido frequente objeto de análise da Sociologia Portuguesa, entendendo-se a *Juventude* “como decomponível em várias fases e dimensões, através das quais se transita para a vida adulta” (Bourdieu, 1980; Cavalli e Galland, 1995 *apud* Guerreiro e Abrantes, 2007).

Apesar da variedade de pesquisas efetuadas na área da *Juventude*, os processos de transição para a vida adulta tem sido dos menos estudados. José Machado Pais (1990;1993) foi pioneiro nessa área de estudo, sendo hoje considerado o autor português de referência na compreensão de como os jovens percecionam o futuro e a articulação das suas vidas profissional e familiar, enquanto adultos. (Guerreiro e Abrantes, 2007)

Segundo Pais (1990;1993), Juventude é uma “categoria socialmente manipulada e manipulável”, pois, como refere Bourdieu (1980), o facto de se falar dos jovens como uma

“unidade social”, um grupo dotado de “interesses comuns” e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui uma evidente manipulação.

Na perspectiva de Machado Pais, as teorias sociológicas da juventude podem ser agrupadas em duas correntes:

- Corrente geracional – em que a juventude é entendida no sentido de fase de vida, em termos etários, dando-se ênfase ao aspeto unitário da juventude.
- Corrente classista – em que as culturas juvenis são sempre culturas de classe, sendo a juventude entendida como um conjunto social diversificado. Diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, situações económicas, parcelas de poder, interesses, oportunidades ocupacionais, etc. (Pais, 1990 e 1993).

Perante estas duas formas, opostas, de entender a juventude, Machado Pais propõe que esta deva ser olhada em torno de dois eixos semânticos: “como aparente unidade (quando referida a uma fase de vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros)” (Pais, 1990:149)

Em seu entender, a questão central que se coloca à Sociologia da Juventude, muito mais do que encarar os jovens como uma cultura juvenil unitária, com expectativas, práticas e estilos de vida comuns, deve explorar as diferenças sociais que entre eles existem, encarando-os assim não numa perspectiva homogénea de cultura juvenil, mas numa perspectiva de heterogeneidade de culturas juvenis, resultantes das diferenças sociais que entre eles existem, da sua diversidade e até complexidade.

Na sua transição para a vida adulta, os jovens são marcados por uma certa instabilidade, associada a determinados “problemas sociais”, que têm de ultrapassar, pois, caso contrário, correm o risco de serem apelidados de “irresponsáveis” ou “desinteressados”.

Um adulto é “responsável”, diz-se, porque responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e aprovisionamento). A partir do momento

em que vão contraindo estas responsabilidades, os jovens vão adquirindo o estatuto de adultos. (Pais, 1990:141).

Mas, tal como nos explica Raluca Vieira na sua Dissertação de Mestrado, os jovens constituem igualmente uma categoria instável por duas razões. São, por um lado, uma categoria instável pelas conjunturas externas, de uma sociedade em constante transformação e, por outro lado, porque eles próprios atravessam uma fase de instabilidade decorrente do desenvolvimento da adolescência.

As mudanças biológicas e psíquicas típicas nos jovens nessa fase etária assinalam o fim e o início de novas etapas de desenvolvimento, com o início da vida sexual, o início da vida ativa, o início da vida cívica, o aumento de responsabilidade perante si e perante os outros em vários domínios e por aí em diante. As duas razões expostas explicam a combinação de uma instabilidade emocional com uma instabilidade adaptativa. Ainda, os jovens, mais do que qualquer outro grupo, vivem em tempo de aceleração, do “fast” e do efémero: na alimentação (“fast food”), nos contatos e na comunicação, no estudo, encurtando distâncias para o conhecimento de certas áreas de interesse e até no trabalho (Vieira, 2009:15).

À instabilidade emocional, psíquica que marca o fim da adolescência e a passagem à idade adulta, acrescem, pois, os inúmeros problemas sociais que os jovens têm cada vez mais de enfrentar.

Machado Pais identifica a entrada no mundo do trabalho, em consequência da crise que afeta a Europa Ocidental, e que, em parte, se deve ao *baby boom* posterior à Segunda Guerra Mundial, como sendo o problema principal que se coloca à juventude de hoje. Mas, para além da inserção na vida ativa, são múltiplos os problemas sociais com que os jovens se têm de debater atualmente:

a multiplicidade de relações de pertença e a circulação incessante por diversas situações – nomeadamente perante o trabalho (desemprego, inatividade, emprego, formação aprendizagem, trabalho clandestino, intermitente, parcial, etc) – constituem um dos traços específicos da juventude de hoje.(...) A juventude como problema social: eles são os problemas de inserção social, os problemas da droga, os problemas da delinquência, os problemas com a escola, os problemas com os pais, só para focar alguns dos problemas socialmente mais reconhecidos como específicos dos jovens. (Pais, 1993: 26,27)

Os jovens, que Pais (1993) considera serem de carácter cada vez mais “urbano”, enfrentam-se com o futuro, o momento em que deixarão de ser jovens, seguindo diferentes trajetórias de transição para a vida adulta.

São múltiplas as dimensões intervenientes nesse processo de transição dos jovens. No entanto, na construção dos projetos de vida e no modo como se delinea a passagem à vida adulta, não podemos ter apenas em consideração a influência de condições sociais e culturais objetivas e esquecer o principal interveniente - o próprio jovem.

Segundo Guerreiro e Abrantes,

Para além dos níveis estrutural e cultural, e na perspetiva de autores como Beck (1992) ou Casal (1996), o modo como se delinea a transição para a vida adulta decorre ainda da decisão e da ação do sujeito. A capacidade individual de definir estratégias e traçar projetos, no quadro dos recursos e oportunidades disponíveis, acrescentaríamos nós, pode também gerar modalidades específicas de transitar para a vida adulta e de perspetivar o futuro. (Guerreiro e Abrantes, 2007:8).

Como referimos anteriormente, através do Projeto de Investigação *Demospin*, a fixação dos jovens nos territórios do interior revela-se fundamental para a inversão das tendências de desertificação que ensombram mais de 50% do território nacional, conduzindo-o, irremediavelmente, para a desertificação. Foi, pois, sobre esse momento, na transição para a vida adulta, fase de construção dos projetos de vida dos jovens, em que se coloca como imperativa a tomada de decisão de ficar ou partir do seu território de origem, que incidiu a investigação. Mais do que entender a juventude como um todo unitário, na minha perspetiva, numa leitura redutora, procurou-se compreender a Juventude na sua diversidade à luz de Pais (Pais, 1993) explorando as suas diferenças sociais e reconhecendo a sua pertença a vários “universos” em simultâneo. Seguindo os ensinamentos de Pedro Hespanha, procurou-se pois “mais do que obter sinais “objetivos” das decisões que as pessoas tomam (...) recolher igualmente os significados pessoais das escolhas, as respetivas motivações e o grau de importância atribuído a cada uma das alternativas à mão”(Hespanha, 2003:5)

1.2 O Conceito de Ruralidade/Interioridade

Tema clássico da Sociologia, o rural tem sido “...uma boa chave para interpelar a matriz socioeconómica, simbólica e material da nossa formação social, bem assim como alguns dos principais aspetos da sua natureza estrutural e da sua evolução” (Reis, 2001:1)

Autores clássicos como Comte, Marx ou Weber, dedicaram grande parte das suas obras às relações entre o mundo rural camponês e o mundo urbano industrial, nos processos de transição para a modernidade que lhe são inerentes, entendendo-se campo e cidade de forma dicotómica e antagónica.

Essa dicotomia entre rural/urbano tem vindo a ser objeto de vasta e profícua reflexão através dos tempos. No entanto, as profundas transformações ocorridas nas sociedades tem vindo a mostrar como são hoje cada vez mais ténues e difíceis de delimitar as fronteiras entre esses dois mundos, crescentemente marcado por cruzamentos e hibridismos.

Segundo João Ferrão, o Mundo Rural Secular organiza-se historicamente em torno de uma *tetralogia* de aspetos bem conhecida:

- uma *função* principal: a produção de alimentos;
- uma *atividade económica* dominante: a agricultura;
- um *grupo social* de referência: a família camponesa, com modos de vida, valores e comportamentos próprios;
- um tipo de *paisagem* que reflete o equilíbrio entre as características naturais e o tipo de atividades humanas desenvolvidas (Ferrão, 2000:46).

O sociólogo Henri Mendras (1971) atribui ainda a este mundo rural camponês três características fundamentais: a autarcia (demográfica, económica e social), a homogeneidade cultural e a diversidade social.

Trata-se de um espaço rural de interconhecimento que tende a preservar a coesão, a autorregulação e a solidariedade entre os pares (Almeida, 1999) salientando-se como principais traços da “ruralidade” o papel dos grupos domésticos e das relações de vizinhança na definição dos seus principais processos sociais (Pinto, 1985).

A este mundo rural ancestral posteriormente apelidado de “arcaico”, opunha-se o mundo urbano-industrial “moderno”, construído contra o rural e marcado por funções, atividades, grupos sociais e paisagens distintas (Ferrão, 2000).

A progressiva evolução das sociedades, marcada decisivamente pela Revolução Industrial, fez com que as quatro características enumeradas e que durante muito tempo serviram para caracterizar o Mundo Rural se tenham vindo a desvanecer por influência de diferentes fatores.

À medida que ganha uma nova função chave: a de fornecimento de mão-de-obra desqualificada e barata para as cidades, o mundo rural perde *centralidade económica, social e simbólica* (Ferrão, 2000).

O mundo urbano passa a ser visto como sinónimo de desenvolvimento e qualidade de vida, reforçando-se o papel das cidades.

O quadro rural modifica-se, profundamente, no pós 2ª Guerra Mundial em toda a Europa, com efeitos mais evidentes nos países mais centrais e desenvolvidos. Em Portugal, esses fatores de rutura surgem de forma mais evidente a partir dos anos 60, podendo-se sinteticamente apresentar os seguintes:

- a emigração (Portela,1997);
- a industrialização da agricultura, virada para o mercado (Hespanha,1994);
- o emprego nas cidades (migrações pendulares) e a consequente importação e difusão local de novos modelos culturais de origem urbana (Almeida, 1999); (Pinto, 1985);
- a agricultura complementar e a tempo parcial, permitindo através das migrações pendulares o fornecimento de bens alimentares às cidades e evitando o engorgitamento urbano (Pinto, 1985)
- a localização da indústria nos espaços rurais nos anos 80 (Reis, 1992);
- o uso do espaço rural para instalação de equipamentos urbanos;
- a “urbanização galopante” (Peixoto, 2004b).
- o “desaparecimento” de localidades tipificadas de rurais (Peixoto, 2004b);

José Portela (1997) retrata de forma extremamente interessante essas transformações ocorridas no mundo rural português, em que “depois de décadas de arrastado imobilismo e isolamento orgulhoso, o país abre-se e muda”.

De salientar, contudo, que em Portugal a distância entre o rural e o urbano é muito pequena, pelo que a distinção entre meios rurais e urbanos é difícil e a sua delimitação terá sempre de ser relativizada.

Paulo Peixoto (2004) salienta que a modernização ocorrida em Portugal nos últimos trinta anos, permitiu a execução de novas vias rodoviárias e a consequente abertura dos espaços rurais, tornando-os mais atrativos para fins turísticos e residenciais, mais permeáveis a influências culturais e à interligação com as cidades mais próximas.

Por último, José Reis (2001) identifica quatro factos que distinguem as mudanças ocorridas nas últimas décadas em Portugal: uma maior urbanização, um maior cosmopolitismo de comportamentos, uma mais intensa relação com os mercados de trabalho e uma maior territorialização das relações sociais. Paulo Peixoto (2004) acrescenta a estes ainda um quinto – a terciarização da economia rural.

Face às alterações introduzidas, a oposição entre rural-urbano deixa de ser a mais decisiva, passando a centralidade de análise agora para a questão da modernidade que deixa de ser exclusiva do mundo urbano e fratura o mundo rural em Rural Moderno/Tradicional.

Segundo João Ferrão (2000) a participação das áreas rurais é em função da sua proximidade (física, mas também funcional e socioeconómica) aos principais centros urbanos, surgindo a diferenciação entre áreas rurais “centrais” ou “periféricas” e “marginais” ou ainda a designação de “áreas rurais profundas”.

A problemática do mundo rural passa a ser abordada sob uma nova conceção: a da interioridade, que é simultaneamente a dos espaços de baixa densidade não só física, associada ao despovoamento intenso que caracteriza estas áreas, mas também relacional. A dimensão que mais nos interessa é não tanto geográfica da interioridade, mas mais ao nível da baixa densidade de capital identificado como recurso social, abrangendo as dimensões económicas e sociais.

Em Portugal, e segundo os critérios definidos pela OCDE e o PRODER, o território rural português compreende 2857 freguesias de um total de 4037 no Continente (Silva *et al*, 2010) e, de entre este, o rural de baixa densidade ocupa cerca de metade do território nacional.

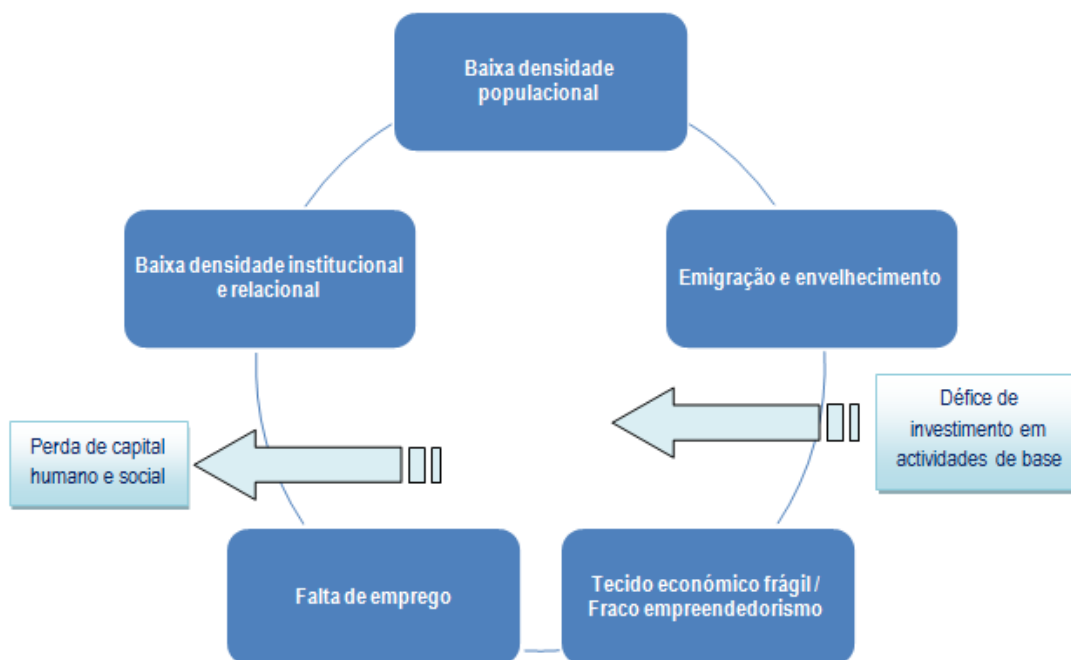
Segundo Elisabete Figueiredo (2012), no artigo que assina no *Jornal Pessoas e Lugares* sob o título “há rural depois da agricultura?”, trata-se de um *mundo à parte*, negligenciado pelas políticas de desenvolvimento económico e social em Portugal, ao longo de muitas décadas e que levou a que estes territórios rurais possam ser considerados frágeis, periféricos e remotos tanto do ponto de vista material como simbólico. São lugares quase vazios de serviços, de equipamentos, de infraestruturas, de atividades, de dinâmicas e, claro, de pessoas.

Esses territórios do interior do país, são pois, territórios de baixa densidade, não apenas em termos demográficos, mas também em termos:

- de escassez de atividades com características de base económica, e por conseguinte, com fraca capacidade de atração de rendimentos exógenos;
- de insuficiente dimensão da maioria dos centros urbanos, mesmo os mais importantes;
- institucionais, pelo reduzido leque de entidades com atribuições e competências de proximidade;
- relacionais, pela reduzida eficácia na construção de parcerias;
- das formas de ocupação dos recursos humanos, devido ao reduzido leque de oportunidades de emprego oferecidas; e,
- da exiguidade dos mercados locais, o que limita as condições de valorização de mercado das respetivas produções (DPP, 2008:39).

Este ciclo vicioso pode ser retratado através do esquema da figura 1.

Figura 1 - Ciclo vicioso dos territórios de baixa densidade



Fonte: Silva *et al*, 2010

1.3 O Conceito de Êxodo Rural

O tema das migrações foi ignorado pelos autores clássicos das ciências sociais, apesar da importância dos fluxos migratórios (internos – dos campos para as cidades e externos - migrações transoceânicas) na Europa de final do Séc. XIX e início do Séc. XX.

Ao longo do Séc. XX ganharam crescente interesse, destacando-se o seu carácter de interdisciplinaridade, com influência em especial da geografia e economia (Peixoto, 2004a).

Ernest George Ravenstein é o único autor considerado “clássico” na área de estudo das migrações. Publicou as *Leis da Migração* (1885/1889), baseadas na análise empírica dos movimentos migratórios em Inglaterra e País de Gales (Peixoto, 2004a).

Segundo Ravenstein, a decisão de se migrar de um território para outro, é tomada com base num binómio geográfico em que se consideram as vantagens e desvantagens económicas, laborais, sociais, etc. de residir e trabalhar no local 1 versus o local 2. Na

origem de uma migração, estaria em destaque a influência dos fatores repulsivos do local 1 e, em contraposição, em evidência os fatores atrativos do local 2 (Castro, 2012).

Segundo Peixoto (2004a) este autor está na base de todos os modelos de atração-repulsão, os modelos de *push-pull*.

Com forte influência territorial, revelam três tipos de abordagem que se interrelacionam:

- a) Geográfica – distância e direção dos fluxos, relação entre os espaços rurais e urbanos, movimentos de contra corrente;
- b) Social – tipologia dos fluxos associada ao género e à constituição familiar (agregados);
- c) Económica – motivações (possivelmente) laborais para a deslocação, importância da indústria e do comércio como setores de atração dos migrantes (Castro, 2012).

As *Leis da Migração* foram, e são ainda hoje, alvo de críticas, pelo seu carácter empírico, sem fundamentação teórica. Contudo, constituíram-se como base analítica para posteriores teorias migratórias.

Segundo Jorge Castro Ribeiro (2010) algumas das observações de Ravenstein, posteriormente sujeitas a análise crítica são em síntese:

- a) os fluxos migratórios gerarem refluxos;
- b) a preferência dos emigrantes por distâncias curtas;
- c) a preferência por grandes cidades nas migrações de longa distância;
- d) o facto das populações rurais emigrarem mais do que as urbanas; e;
- e) o facto de os jovens adultos estarem mais predispostos do que as famílias à migração internacional.

Apesar das críticas que efetua a Ravenstein, Lee (1969) assenta nos seus princípios uma nova *Teoria da Migração* considerando a existência de obstáculos intervenientes e de fatores pessoais como aspetos determinantes na decisão de migrar (Peixoto, 2004a).

A literatura que se sucede sobre as migrações “aponta a grande complexidade do fenómeno e refere que os determinantes das migrações devem ser objeto de abordagens

interdisciplinares: económicas, sociológicas, políticas, sistémicas e de transição da mobilidade” (Zlotnik, 2003 *apud* Martins *et al*, 2012).

De ressaltar a forte ligação com a sociologia económica, pelo que conceitos como os de: *embeddedness*, *capital social* ou *redes sociais* são frequentemente usados nas questões migratórias.

João Peixoto (2004) divide as perspetivas teóricas sobre as migrações em:

- a) Teorias Micro-Sociológicas de raiz económica - privilegiam o indivíduo. Por muitas que sejam as condicionantes externas à decisão, é a racionalidade individual, que conjuga (diferenciadamente) as envolventes e promove a decisão da mobilidade.
- b) Teorias Macro-Sociológicas – Privilegiam a ação de fatores de tipo coletivo, ou estruturante, que condicionam as decisões migratórias dos agentes sociais.

Ao analisarmos a evolução do mundo rural concluímos que uma das novas funções chave deste rural não agrícola é a de fornecimento de força de trabalho aos sectores produtivos não agrícolas e salientámos aí a importância de que revestiu o êxodo rural em Portugal, sob a forma de migrações para o espaço urbano-industrial nacional (êxodo rural interno, migrações sazonais, migrações pendulares) ou internacional (emigração). De ressaltar também, o facto de recair sobre o espaço rural todo o custo de produção da força de trabalho deslocada, beneficiando o polo económico e social dominante (Pinto, 1985).

Ao procurar incidir a investigação em territórios de interior de baixa densidade, particularmente marcados pelo envelhecimento demográfico e pelo forte êxodo de população jovem, o conceito de êxodo rural, também ele uma forma de migração, ganha importância analítica no estudo e compreensão da perspetiva de saída ou permanência dos jovens nos seus meios de origem. Ao incidir a análise sobre o conceito de êxodo rural, socorri-me das teorias da atração-repulsão de Ravenstein. O êxodo rural não era a única opção, mas pareceu-me ser o mais adequado à questão em análise, uma vez que as teorias da atração-repulsão podem ser entendidas em quatro sentidos, permitindo não só

a repulsão, mas também a atração do rural, bem como a atração, mas também a repulsão do urbano. É certo que o acréscimo da acessibilidade aos meios urbanos onde existem oportunidades de trabalho favoreceu um aumento das chamadas migrações pendulares, em que os trabalhadores residem no seu território de origem e se deslocam diariamente¹ para trabalhar, travando um pouco a hemorrhagia do êxodo rural e permitindo uma compatibilização entre os efeitos da repulsão rural (devido à inexistência de oportunidades de emprego) e da atração rural (existência de vínculos familiares, sociais e culturais fortes). Contudo este tipo de migrações exige uma certa “proximidade” dos locais de emprego.

Não utilizei, portanto a sua teoria como teoria explicativa no sentido em que foi usada durante muito tempo, e que para explicar o êxodo rural nos nossos dias pode ser limitada, mas como um excelente esquema mental explicativo.

Procurámos, pois, entender a perspectiva de saída ou permanência dos jovens no Rural Interior, especificamente num concelho, analisando esta questão sob a perspectiva de migrações internas (fluxos entre regiões), externas (fluxos entre países) e pendulares.

¹ Dependendo da distância, estas deslocações podem ser de maior duração: à semana, ao mês ou por temporadas, assim se aproximando das migrações sazonais.

CAPÍTULO 2 – MODELO DE ANÁLISE E NOTAS METODOLÓGICAS

2.1 Modelo de Análise

Efetuada o enquadramento teórico da problemática a abordar, procuro agora precisar a relação entre os conceitos abordados, formulando as hipóteses e inscrevendo-as na lógica dessa problemática. Esta tarefa de construção de um modelo de análise capaz de estabelecer relações precisas e esclarecedoras, torna-se mais difícil, porquanto, se trata ainda de um trabalho exploratório.

Procurando, então, responder à questão inicial: *“Quais as razões que, na perspectiva dos jovens de territórios rurais do interior, determinam a sua opção de saída ou fixação nesses territórios?”* formulou-se uma hipótese principal (HP): *“Os territórios de origem dos jovens não oferecem condições de fixação”* e duas secundárias (HS): *“A oportunidade de emprego constitui a condição principal de fixação”* (HS1) e *“A avaliação pelos jovens dessas condições variam com o nível de escolaridade, condição social e idade”* (HS2).

Tendo em conta que as hipóteses devem ser formuladas de modo a serem observáveis, indicarei de seguida o tipo de observações a ter em consideração na análise para averiguar empiricamente se elas podem ser confirmadas ou infirmadas pelos factos.

Neste contexto, na dimensão da operacionalização da Hipótese Secundária 1 (HS1) e tendo por base os conceitos de atração/repulsão serão considerados os seguintes fatores explicativos, ainda que, porventura, os resultados a obter possam ser explicados por concausalidade:

- Existência de relação entre oportunidades de emprego e de empreendedorismo e a tomada de decisão dos jovens.
- Existência de relação entre atração urbana (simbólica ou material) e a tomada de decisão dos jovens.
- Existência de relação entre o sentimento de pertença à comunidade, o grau de participação social e a tomada de decisão dos jovens.
- Existência de relação entre o grau de integração familiar e a tomada de decisão dos jovens.

Relativamente à Hipótese Secundária 2 (HS2) as dimensões de operacionalização da hipótese serão as seguintes:

- Relação entre o aumento das expectativas pessoais e profissionais por via da qualificação escolar e a tomada de decisão dos jovens.
- Relação entre o atual contexto de crise e a tomada de decisão dos jovens.

2.2 Notas Metodológicas

Ao longo do processo evolutivo de realização da presente dissertação, foram várias as etapas metodológicas. A pesquisa, recolha e análise documental e bibliográfica sobre o tema em análise, bem como de indicadores estatísticos sobre os contextos onde os jovens se inserem e que condicionam de modo mais ou menos consistente as suas “opções” (indicadores demográficos, ensino, emprego, atividade económica...) e posterior revisão de literatura permitiu-me a elaboração do quadro teórico e do modelo analítico da investigação a realizar.

Tratando-se a presente dissertação de um estudo de carácter exploratório situado no campo das intersubjetividades que pretende conhecer em profundidade os jovens de um determinado território e as várias dimensões capazes de influir na sua tomada de decisão de ficar ou partir nesse território, foi necessário seguir uma estratégia metodológica de carácter qualitativo, o que nos termos de Ghiglione *et al*, (1993:11) “corresponde à preocupação de estudar em profundidade as várias componentes de um problema”.

A opção por este tipo de metodologia ficou a dever-se ao facto de que permite uma recolha mais rica de dados relacionados não só com as condições, localizações e experiências (passadas e presentes) dos atores sociais, mas também da forma como os próprios atores as vivem e refletem sobre elas (Quivy e Campenhoudt, 2008).

Ainda segundo Ghiglione *et al* (1993) assumindo esta estratégia metodológica, é “...mais comum, porque indicado, fazer-se recurso a diversos tipos de entrevista (em profundidade, semi-diretiva ou diretiva), bem como à análise documental”.

2.3 Técnicas de Investigação – A Entrevista

O trabalho de investigação desenvolvido, de carácter exploratório e sem preocupações de exaustividade e representatividade, socorreu-se da entrevista, no modelo semi-diretivo, “por vezes chamada clínica” como principal método de investigação utilizado.

Na sua tese de doutoramento, Jorge Caleiras refere que

enquanto técnica de recolha de informação, a entrevista, ao contrário do inquérito por questionário, caracteriza-se basicamente por um contato direto entre o entrevistador e o entrevistado e por um baixo grau de diretividade por parte do primeiro. Por esta via estabelece-se “um processo de troca”, durante o qual o entrevistado exprime as suas perceções de um acontecimento ou situação, as suas interpretações e experiências. Através de perguntas abertas, o entrevistador facilita e promove essa expressão, tornando a informação tão rica e fecunda quanto possível, procurando simultaneamente evitar o afastamento dos objetivos da investigação (Caleiras, 2011: 155).

Socorro-me também da sua explicação para fundamentar a minha escolha por este tipo de técnica de investigação no âmbito das metodologias qualitativas.

No modelo de entrevista semi-diretiva,

existe um pequeno esquema de entrevista (grelha de temas, por exemplo). Porém, a ordem pela qual os temas podem ser abordados é livre; se a pessoa entrevistada (e.) não abordar espontaneamente um ou vários dos temas do esquema, quem entrevista (E.) deve propor-lhe o tema. No âmbito de cada tema, os métodos aproximam-se da entrevista livre. A ambiguidade é menor, na medida em que o esquema da entrevista estrutura o indivíduo, quer o queiramos ou não, e, conseqüentemente, lhe impõe um quadro de referência (Ghiglione *et al*, 1993: 92).

No total foram realizadas 29 entrevistas individuais, centradas e aplicadas seguindo esse modelo.

Na preparação das entrevistas a realizar, foi elaborado um guião de entrevista para aplicação aos jovens. Atendendo a que os jovens a entrevistar se inseriam em três grupos alvo distintos, o guião de entrevista foi também ele adaptado a cada um desses grupos, havendo questões transversais a todos os jovens e outras específicas a cada um

dos públicos-alvo. Esse guião estruturado, que consta do anexo I da presente dissertação, serviu-me de guia orientador na abordagem dos diferentes temas. Contudo, e uma vez que se pretendia obter informação que permitisse o aprofundamento de opiniões dos jovens, das suas representações, práticas e expectativas futuras quanto aos seus processos de decisão face ao seu território de origem, a ordem de aplicação das questões nem sempre foi totalmente respeitada. Segundo Ghiglione *et al*,

na entrevista semi-diretiva, por vezes chamada clínica ou estruturada, o entrevistador conhece todos os temas sobre os quais tem de obter reações por parte do inquirido, mas a ordem e a forma como os irá introduzir são deixados ao seu critério, sendo apenas fixada uma orientação para o início da entrevista” (Ghiglione *et al*, 1993:70).

Privilegiou-se a liberdade do entrevistado, respeitando, no entanto, a aplicação de todas as questões formuladas e, não esquecendo, nunca, os objetivos que me propunha alcançar.

No geral, as entrevistas, realizadas de forma individual e em lugar calmo, por norma na residência do(a) entrevistado(a) ou da entrevistadora, permitiram criar forte empatia entre os intervenientes, “momentos bons”, propícios à fluidez e riqueza de discursos. De referir, apenas maior nervosismo, no caso dos entrevistados mais jovens e que ainda não tomaram qualquer decisão de ficar ou partir, talvez pela novidade da situação, pela própria inexperiência, pela dificuldade de reflexão e de produção de discurso em torno de uma problemática que se lhes afigura ainda longínqua.

Em média as entrevistas tiveram a duração de 45 minutos, sendo gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, o que se tornou tarefa morosa e penosa, mas bastante proveitosa!

A informação recolhida através das entrevistas, rica, diversa e com algum grau de profundidade e complexidade, foi objeto posterior de análise de conteúdo – seguindo uma análise categorial temática.

2.4 A Amostra

O âmbito territorial de estudo foi o Concelho de Mortágua, a população alvo foram os jovens, com idades entre os 18 e os 35 anos.

Foram definidos 3 grupos distintos de jovens, tendo em atenção o distanciamento face ao momento de tomada de decisão de partir ou permanecer no seu território de origem:

- Grupo I- Jovens que ainda não tomaram decisão de ficar ou partir do seu território
- Grupo II- Jovens que tomaram a decisão e ficaram
- Grupo III- Jovens que tomaram a decisão e partiram (que tenham tomado a decisão de sair do território há pelo menos 5 anos)

Em cada um destes grupos, o perfil de jovens a entrevistar tentou ser o mais abrangente e diversificado possível, segundo diferentes variáveis, nomeadamente: género, idade, estado civil, origem social, nível de escolaridade, situação escolar ou profissional e contexto familiar presente.

Dentro de cada um destes grupos, foi selecionado um jovem que nos indicou outros, num sistema tipo *bola de neve*. Esta metodologia utilizada dificultou, um pouco, a obtenção de maior diversidade de jovens entrevistados.

No total foram entrevistados 29 jovens, naturais do concelho de Mortágua, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos (Anexo II).

No grupo I (jovens que ainda não decidiram) foram entrevistados 9 jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 23 anos, sendo 5 do sexo masculino e 4 do sexo feminino.

No grupo II (jovens que tomaram a decisão e ficaram) foram entrevistados 10 jovens, com idades compreendidas entre os 23 anos e os 35 anos, sendo 4 do sexo masculino e 6 do sexo feminino.

No grupo III (jovens que tomaram a decisão e partiram) foram entrevistados 10 jovens, com idades compreendidas entre os 29 e os 35 anos, sendo 4 do sexo masculino e 6 do sexo feminino. As migrações destes jovens foram maioritariamente em direção ao litoral urbanizado do nosso país, cidades de: Viseu, Coimbra, Porto e Figueira da Foz.

Apenas uma das opções foi em direção a uma cidade do interior (Covilhã) e ficou, tal facto, a dever-se à realização de estudos universitários na Universidade da Beira Interior.

Em três outros casos, os jovens tomaram a decisão de emigrar para: Rússia (jovem licenciado em engenharia civil), Suíça (jovem licenciado em gestão de empresas) e Inglaterra (jovem licenciada em enfermagem).

A caracterização sociográfica dos entrevistados, considerando a classe social de origem, o nível de escolaridade, a situação familiar, a condição perante o trabalho e o sexo dos jovens entrevistados em cada um dos grupos é agora apresentada nas tabelas 1, 2 e 3.

Tabela 1- Jovens que ainda não tomaram decisão de ficar ou partir do seu território (GRUPO I)

		Sexo Feminino	Sexo Masculino	Total
Grupo Social de Origem	Empresários, dirigentes e prof.liberais		1	1
	Prof. técnicos e de enquadramento	2	2	4
	Trabalhadores Independentes	1		
	Empregados executantes	1		
	Assalariados executantes pluriactivos			
	Operários		2	2
Nível de Escolaridade	Mestrado			
	Mestrado incompleto/em curso			
	Licenciatura	1		1
	Licenciatura incompleta/em curso	1	1	2
	Ensino secundário completo –geral			
	Ensino secundário incompl. - geral/em curso	2	3	5
	Ensino secundário completo. – profissional		1	1
	Ensino secundário incompl. -profissional/em curso			
	9º ano ou menos			
Situação familiar	Casado, com filhos, em casa própria			
	Casado, sem filhos, em casa própria			
	Casado, com filhos, em casa dos pais			
	Coabitação com filhos			
	Coabitação sem filhos			
	Solteiro, com filhos, noutra casa			
	Solteiro, com filhos, em casa dos pais			
	Solteiro, sem filhos, noutra casa			
	Solteiro, sem filhos, em casa dos pais	4	5	9
Condição perante o trabalho	Patrão ou trabalhador por conta própria			
	Trabalhador permanente por conta de outrem			
	Trabalhador temporário por conta de outrem			
	Estudante	3	4	7
	Desempregado	1	1	2

Fonte: Adaptado de Guerreiro e Abrantes, 2007

Tabela 2 - Jovens que tomaram a decisão e ficaram (GRUPO II)

		Sexo Feminino	Sexo Masculino	Total
Grupo Social de Origem	Empresários, dirigentes e prof.liberais	1	1	2
	Prof. técnicos e de enquadramento	1		1
	Trabalhadores Independentes	3	1	4
	Empregados executantes			
	Assalariados executantes pluriactivos			
	Operários	1	2	3
Nível de Escolaridade	Mestrado	1		1
	Mestrado incompleto/em curso	1		1
	Licenciatura	4	2	6
	Licenciatura incompleta/em curso			
	Ensino secundário completo –geral		1	1
	Ensino secundário incompl. - geral/em curso			
	Ensino secundário completo. – profissional	1	1	2
	Ensino secundário incompl. - profissional/em curso			
9º ano ou menos				
Situação familiar	Casado, com filhos, em casa própria	2		2
	Casado, sem filhos, em casa própria			
	Casado, com filhos, em casa dos pais			
	Coabitação com filhos			
	Coabitação sem filhos	1	3	4
	Solteiro, com filhos, noutra casa	1		1
	Solteiro, com filhos, em casa dos pais			
	Solteiro, sem filhos, em casa dos pais	2	1	3
Solteiro, sem filhos, noutra casa				
Condição perante o trabalho	Patrão ou trabalhador por conta própria	1	1	2
	Trabalhador permanente por conta de outrem	5	3	8
	Trabalhador temporário por conta de outrem			
	Estudante			
	Desempregado			

Fonte: Adaptado de Guerreiro e Abrantes, 2007

Tabela 3 - Jovens que tomaram a decisão e partiram (GRUPO III)

		Sexo Feminino	Sexo Masculino	Total
Grupo Social de Origem	Empresários, dirigentes e prof.liberais			
	Prof. técnicos e de enquadramento			
	Trabalhadores Independentes	1	1	2
	Empregados executantes	2		2
	Assalariados executantes pluriactivos			
	Operários	3	3	6
Nível de Escolaridade	Mestrado	1		1
	Mestrado incompleto/em curso			
	Licenciatura	4	4	8
	Licenciatura incompleta/em curso			
	Ensino secundário completo –geral			
	Ensino secundário incompl. - geral/em curso			
	Ensino secundário completo. – profissional		1	1
	Ensino secundário incompl. - profissional/em curso			
	9º ano ou menos			
Situação familiar	Casado, com filhos, em casa própria	1		1
	Casado, sem filhos, em casa própria	1	1	2
	Casado, com filhos, em casa dos pais			
	Coabitação com filhos			
	Coabitação sem filhos	1	1	2
	Solteiro, com filhos, noutra casa			
	Solteiro, com filhos, em casa dos pais			
	Solteiro, sem filhos, em casa dos pais			
	Solteiro, sem filhos, noutra casa	3	2	5
Condição perante o trabalho	Patrão ou trabalhador por conta própria			
	Trabalhador permanente por conta de outrem	5	4	9
	Trabalhador temporário por conta de outrem			
	Estudante			
	Desempregado	1		1

Fonte: Adaptado de Guerreiro e Abrantes, 2007

CAPÍTULO 3 – TERRENO EMPÍRICO – CONCELHO DE MORTÁGUA

Como vimos anteriormente, o território rural português, e de entre este, o rural de baixa densidade, ocupa cerca de metade do território nacional. Vimos também que a problemática do mundo rural passa a ser abordada sob a conceção da interioridade, que é simultaneamente a dos espaços de baixa densidade não só física, mas também relacional e de capital, identificado este como recurso social, abrangendo as dimensões económicas e sociais.

Neste contexto, e considerando que a dimensão que mais nos interessa é não tanto a dimensão geográfica da interioridade, mas mais a dimensão da baixa densidade demográfica, de capital social e relacional, considerámos o concelho de Mortágua, também ele um concelho rural de baixa densidade, como o terreno empírico deste trabalho de investigação de carácter exploratório, visando conhecer a perspetiva dos seus jovens relativamente aos seus processos de decisão na saída ou permanência nesse território.

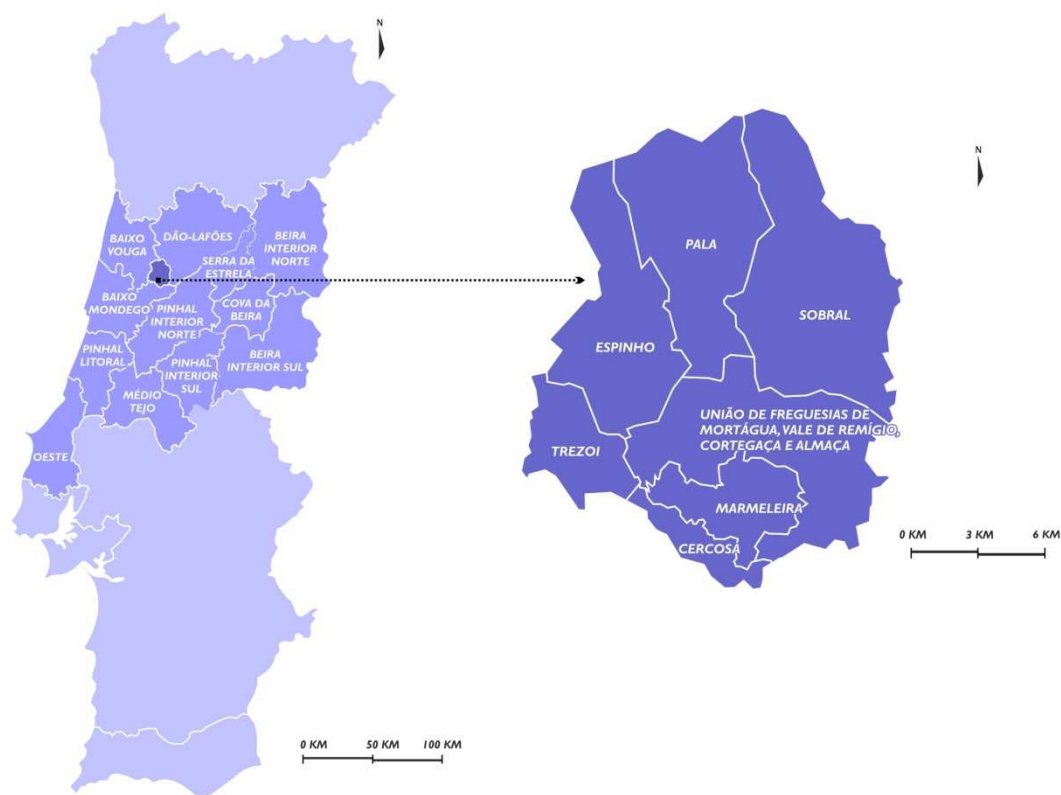
Neste capítulo, procura-se, assim, efetuar um breve retrato económico e social do concelho de Mortágua, através do recurso a alguns indicadores demográficos, económicos e sociais, mas sem qualquer pretensão de efetuar uma complexa e exaustiva análise estatística sobre o concelho.

3.1 Breve Enquadramento Territorial

Situado em plena Região Centro (NUTII), o concelho de Mortágua localiza-se a Sul do Distrito de Viseu, integrando para fins estatísticos a Sub-Região Dão-Lafões (NUT III).

Contudo, e apesar de integrar para fins estatísticos a Sub-Região Dão Lafões, em termos administrativos, o concelho de Mortágua faz parte da Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra (Figura 2).

Figura 2 – Enquadramento do Concelho de Mortágua nas NUT II e III



Fonte: Adaptado de Câmara Municipal de Mortágua, 2004

Pintado de verde, uma vez que a floresta, maioritariamente monocultura intensiva de eucalipto, cobre cerca de 85% do território, Mortágua é um concelho com uma extensa área territorial, 251,2 km². Os seus 9484 habitantes, registados segundo o Anuário Estatístico da Região Centro 2012, tornam, pois, o concelho de Mortágua num concelho rural de baixa densidade populacional (37,6 Hab/Km²), muito abaixo da densidade populacional registada na região (81,5 Hab/Km²) no país (113, 7 Hab/Km²) (Tabela 4).

Tabela 4 – Densidade Populacional

Unidade Territorial	População Residente (Nº Hab.)	Área Total (km ²)	Densidade Populacional
			Hab/Km ²
Portugal	10383494	92212,0	113,7
Região Centro	2271257	28199,4	81,5
Baixo Mondego	328689	2062,8	158,2
Dão Lafões	273652	3488,9	78,4
Mortágua	9484	251,2	37,6

Fonte: INE (2013) Anuário Estatístico da Região Centro 2012

O seu povoamento é disperso e de baixa densidade distribuído por 92 povoações, organizadas administrativamente em 7 freguesias classificadas como áreas predominantemente rurais (Cercosa, Espinho, Marmeleira, Pala, Sobral, Trezói e a recém criada União das Freguesias de Mortágua, Vale de Remígio, Cortegaça e Almaça).

Os seus concelhos vizinhos são: Santa Comba Dão, Tondela, Penacova, Anadia, Águeda e Mealhada.

Situado entre as Serras do Buçaco e do Caramulo, com o extenso lago azul da Albufeira da Aguieira a seus pés, fazendo jus ao nome Mortágua, este é um concelho do interior rural de Portugal, a escassa distância/tempo do litoral urbanizado (Coimbra, Viseu e Aveiro a cerca de 50 Km/30 minutos de viagem) mas que comporta em si todas as características anteriormente referidas e que são associadas ao rural interior de baixa densidade (declínio demográfico, envelhecimento populacional, êxodo rural, nomeadamente da população jovem e tendência de desertificação de algumas aldeias do concelho). Isto apesar da melhoria dos níveis de desenvolvimento e dos índices de qualidade de vida que o concelho obteve ao longo das últimas décadas. De referir que, segundo o estudo publicado no último semestre de 2012 pelo Observatório de Desenvolvimento Económico e Social da Universidade da Beira Interior, o concelho de Mortágua apresenta um Índice Concelhio de Desenvolvimento Económico e Social de 39,339, ocupando a posição 71 no *Ranking* dos Municípios Portugueses (Manso *et al*, 2012)

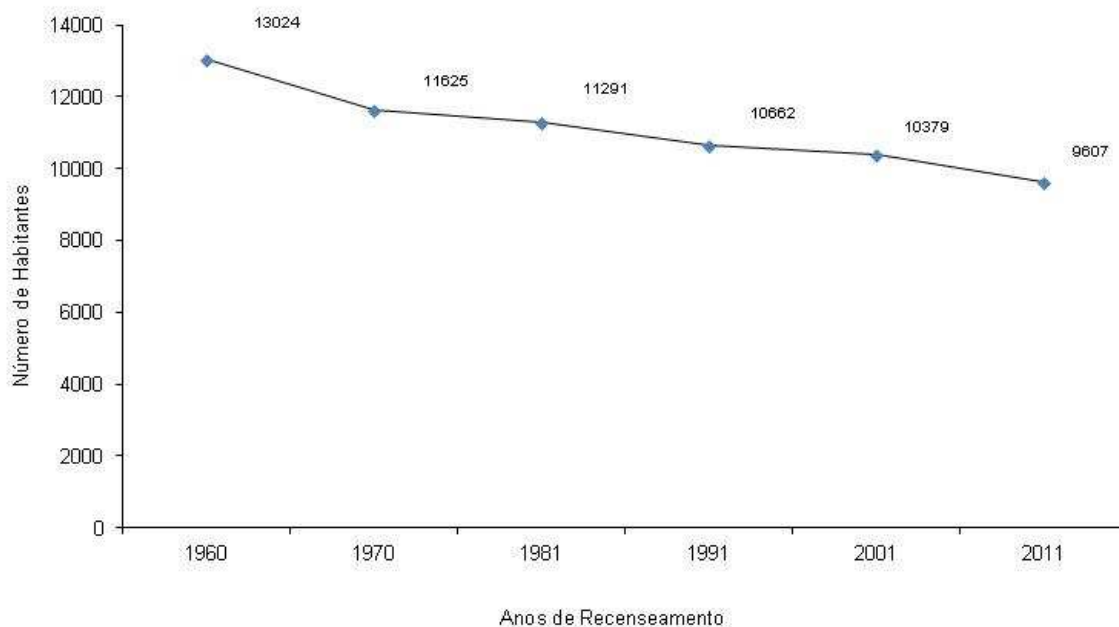
De referir, ainda, que atualmente o concelho tem para oferecer uma excelente rede viária e de infraestruturas e equipamentos, bem como um conjunto de políticas de incentivo à natalidade (2.000 euros atribuídos em duas prestações, sendo que 500 euros deverão ser aplicados no comércio local) apoio à família (pagamento do almoço a todas as crianças que frequentam o ensino pré-escolar e o primeiro ciclo do ensino básico e comparticipação nas despesas com livros e material escolar), à fixação de jovens famílias (isenção de licenças para construção) e também de empresas (existência de um Parque Industrial devidamente infraestruturado, um Ninho de Empresas para incubação de empresas, incentivos fiscais às empresas, apoio ao licenciamento, informação sobre apoios nacionais/comunitários à criação e desenvolvimento de empresas e apoios ao recrutamento/contratação através do Gabinete de Apoio ao Empreendedor e do Gabinete de Inserção Profissional do Município).

3.2 Breve Caraterização Demográfica

À semelhança do que foi acontecendo por todo o Interior de Portugal, o concelho de Mortágua tem registado sucessivas perdas populacionais desde a década de 60. Refira-se que os anos 60-70 do século XX, marcaram um período de grandes transformações sociais e demográficas no país alimentadas por fatores diversos como as migrações internas em direção ao litoral urbanizado, as migrações externas em direção a países da Europa Central, o controlo da natalidade e o aumento da melhoria da qualidade e da esperança de vida.

No caso do concelho de Mortágua, a emigração, maioritariamente em direção a países tais como Luxemburgo, França e Alemanha, fez-se sentir nestas décadas com acuidade, surtindo este “êxodo rural” efeitos na generalidade das freguesias do concelho, com consequências para o seu crescimento natural e reflexos até aos nossos dias, deixando ainda antever graves repercussões futuras. O novo surto migratório que vivenciamos, essencialmente entre a população jovem e qualificada, promete agora agravar esta situação que já era de si bastante grave.

A figura 3 ilustra a variação intercensitária da população do concelho de Mortágua desde a década de 60.

Figura 3 – Evolução da população residente no concelho de Mortágua

Fonte: INE, Censos 1960 a 2011

Da análise da figura 3 podemos verificar que:

- a) Entre 1960-1970 o concelho perdeu 1399 indivíduos;
- b) Entre 1970–1981, apesar do retorno dos residentes nas ex -colónias, perdeu 334 indivíduos;
- c) Entre 1981–1991, perdeu 629 indivíduos;
- d) Entre 1991–2001, perdeu 283 indivíduos, o que corresponde a uma taxa de variação negativa na ordem dos -2,6%; a mais ténue destas décadas;
- e) Entre 2001–2011, o concelho perdeu 772 habitantes, o que corresponde a uma taxa de variação negativa de -7,4%.

Podemos, pois, concluir que, apesar do atenuar do declínio populacional verificado na década de 1991 a 2001, a década de 2001 a 2011 retomou e acentuou a

curva descendente de contínuo processo de perda populacional verificada no concelho de Mortágua.

Efetuando, agora a contextualização da variação da população residente no concelho, face às regiões envolventes, à região centro e ao país (Tabela 5), podemos concluir pelo reforço das características anteriormente atribuídas aos concelhos rurais de interior de baixa densidade.

Tabela 5 – Variação da População Residente, 2001-2011

	2001 (N)			2011 (N)			Varição 2001-2011 (%)
	HM	H	M	HM	H	M	Total
Portugal	10356117	5000141	5355976	10562178	5046600	5515578	1,99
Região Centro	2348397	1131819	1216578	2327755	1111263	1216492	0,88
Baixo Mondego	340309	161437	178872	332326	156603	175723	-2,34
Dão Lafões	286313	137661	148652	277240	131554	145686	-3,17
Mortágua	10379	5073	5306	9607	4621	4986	-7,44

Fonte: INE - Censos 2001 e 2011

A forte variação negativa registada no concelho de Mortágua e nas NUT III Dão Lafões e Baixo Mondego, contraria os valores positivos verificados na Região Centro e em Portugal, em que o crescimento populacional é impulsionado pelos médios e grandes centros urbanos do litoral. Isto, apesar de, segundo os resultados definitivos dos Censos 2011, também a nível nacional se ter verificado na última década "... um abrandamento do crescimento demográfico, com 2% de aumento, face aos 5% observados na década de 90" (INE, 2012:18).

A análise destes dados, permite, assim, reforçar as assimetrias verificadas entre o interior rural de baixa densidade, em que o concelho de Mortágua se inclui e o litoral urbanizado.

Para além da análise geral da população residente, há que proceder à análise dessa variação segundo os grandes grupos etários. A tabela 6 permite-nos essa leitura, contextualizada na região e no país.

Tabela 6 – Variação da População Total e por Grupos Etários, 2001 e 2011

Zona Geográfica	População Residente – Variação entre 2001 e 2011 (%)				
	Variação Total %	Grupos Etários			
		0-14	15-24	25-64	65 ou mais
Portugal	1,99	-5,09	-22,46	5,54	18,69
Região Centro	-0,88	-9,40	-25,73	2,49	14,25
Baixo Mondego	-2,35	-9,44	-30,47	0,54	15,50
Dão Lafões	-3,17	-15,20	-30,08	1,46	14,85
Mortágua	-7,44	-18,78	-40,74	-7,35	21,87

Fonte: INE - Censos 2001 e 2011

Para além do concelho de Mortágua registar uma variação negativa da população total em percentagem muito superior à verificada a nível regional e nacional, a análise comparada dessa variação por grupos etários permite também evidenciar a gravidade do problema de perda populacional na base da pirâmide (crianças e jovens) e de aumento da população no topo da pirâmide, ou seja, acima dos 65 anos (idosos).

Ganha destaque a variação negativa registada entre a população jovem, isto apesar da tendência regional e nacional ser também de perda. Refira-se que, segundo os Censos, o Concelho de Mortágua registava em 2001 um total de 1522 jovens entre os 15 e os 24 anos e apenas 902 em 2011, ou seja, menos um total de 620 jovens.

A contextualização e enquadramento regional e nacional de outros indicadores demográficos reafirmam a colocação de Mortágua entre os territórios rurais do interior de baixa densidade de Portugal, como se pode verificar na tabela 7.

Face ao contexto regional e nacional, a menor taxa de natalidade, a mais elevada taxa de mortalidade e o elevado índice de envelhecimento registado no concelho de Mortágua são indicadores marcantes e preocupantes da evolução demográfica e do forte envelhecimento populacional do concelho. Refira-se que o índice de envelhecimento registado em Portugal, segundo o Anuário Estatístico da Região Centro 2012, era de 131,1 em Portugal, 164,5 na Região Centro e 251,3 no concelho de Mortágua. De evidenciar ainda o constante acréscimo desse índice no Concelho de Mortágua ao longo das últimas

décadas. Assim, com base nos Censos da População do Instituto Nacional de Estatística, esse índice que relaciona a população idosa com a população jovem, era de 56,3 idosos por cada 100 jovens em 1981, 84,4 em 1991, de 176,3 em 2001 e 264,3 em 2011.

Tabela 7 – Indicadores de População, 2012

Unidade Territorial	Taxa de crescimento efetivo	Taxa de crescimento natural	Taxa de Crescimento Migratório	Taxa Bruta de Natalidade	Taxa Bruta de Mortalidade	Índice de Envelhecimento
	%	%	‰	‰	‰	Nº
Portugal	-0,52	-0,17	-0,36	8,5	10,2	131,1
Região Centro	-0,75	-0,47	-0,27	7,5	12,2	164,5
Baixo Mondego	-1,03	-0,40	-0,63	7,5	11,5	177,1
Dão Lafões	-0,76	-0,47	-0,29	7,4	12,1	169,3
Mortágua	-0,97	-0,71	-0,36	5,7	12,7	251,3

Fonte: INE (2013) Anuário Estatístico da Região Centro 2012

3.3 Breve Caracterização Socioeconómica

Procura-se agora proceder a uma breve caracterização socioeconómica do Concelho de Mortágua, tendo por base o *site* da Câmara Municipal de Mortágua e os documentos Pré Diagnóstico e Diagnóstico Social do Concelho de Mortágua, elaborados no âmbito do Programa Rede Social, entre 2002 e 2004.

Acompanhando o processo gradual de desenvolvimento do país, o concelho de Mortágua tem também vindo a sofrer profundas alterações e ajustamentos ao nível socioeconómico ao longo das últimas décadas.

- **Educação e Ensino**

O Capital Humano representa a maior riqueza de um território, pelo que a análise do nível de instrução da sua população se revela de primordial importância para aferir o grau de desenvolvimento desse território.

Ao nível da educação e do ensino, o concelho de Mortágua tem hoje para oferecer um conjunto de serviços e de equipamentos de excelente qualidade em resultado do investimento efetuado pelo Município nas últimas décadas. A evolução verificada tem também vindo a ser positiva ao nível de toda a rede escolar, ao nível das frequências, dos resultados e de diminuição das taxas de insucesso e abandono escolar.

Contudo, essa tendência de evolução positiva nem sempre se reflete na estatística. Na tabela 8, poderemos obter uma breve perceção do nível de instrução da população residente no concelho, contextualizada na região e no país.

Tabela 8 - População Residente no Concelho de Mortágua, NUTIII, NUT II e NUT I, segundo o nível de instrução, 2011 e taxa de analfabetismo 1991 a 2011

Níveis de Instrução	Portugal	Centro	Baixo Mondego	Dão Lafões	Mortágua
	%	%	%	%	%
Nenhum	8,5	8,9	8,1	9,3	9,4
Ensino pré-escolar	2,5	2,4	2,3	2,4	1,8
1º CEB	29,8	32,8	29,4	35,3	42,5
2º CEB	10,4	9,9	8,5	10,9	10,5
3º CEB	15,7	15,1	14,3	13,8	12,3
Ensino Secundário	16,7	15,9	15,8	14,5	12,6
Ensino Médio	0,9	0,87	0,8	0,7	0,6
Ensino Superior	15,4	14,0	20,7	13,0	10,1
Taxa de Analfabetismo em 1991	11	14	11,24	14,7	13,2
Taxa de Analfabetismo HM 2001	9	11	9,42	11,6	11,1
Taxa de analfabetismo HM 2011	5,23	6,39	5,53	7,11	7,33

Fonte: INE, Censos 1991, 2001, 2011

Os dados apresentados permitem-nos concluir que a maioria da população residente no concelho de Mortágua possui um baixo nível de escolaridade (até ao 6º ano).

Refira-se que 42,5% da população não vai além do 1º ciclo do ensino básico, quase o dobro da percentagem nacional.

Contudo, a análise destes dados não pode ser efetuada sem o cruzamento da variável idade. O fenómeno do envelhecimento demográfico que atinge o concelho, reforça o peso dos grupos etários menos instruídos dentro da população, ou seja os mais velhos, e dentro destes, as mulheres. Em resultado disso, apesar de toda a evolução positiva registada ao nível da educação no concelho e do aumento generalizado dos níveis de escolaridade da população concelhia, tal não se reflete em indicadores gerais como sejam a taxa de analfabetismo que deste modo se situa acima da média nacional.

- **Atividade Económica**

Se ao longo do Século XX o concelho de Mortágua era marcadamente um concelho rural com atividades económicas centradas no setor primário (agricultura e floresta) e em indústrias tradicionais (serrações de madeira e cerâmicas) baseadas nos recursos naturais existentes em abundância (barro vermelho e floresta de pinho), o concelho de Mortágua é hoje, em pleno século XXI, um concelho com um perfil socioeconómico profundamente modificado, resultante do seu próprio processo gradual de desenvolvimento e também do país.

À semelhança do que aconteceu por todo o país, o número de explorações agrícolas reduziu drasticamente e, em simultâneo, também a população agrícola envelheceu e diminuiu, contribuindo para o abandono dos campos, deterioração da paisagem e tendência de desertificação das aldeias.

A exígua dimensão média da propriedade existente no concelho não permite ir além da agricultura de subsistência de cariz familiar e conduz a que esta assuma cada vez mais um papel secundário e de complementaridade ao rendimento das famílias.

A floresta, hoje, tal como no passado, assume um papel de extrema importância para o concelho. O pinheiro bravo que cobria as extensas áreas florestais do concelho no

século passado, alimentando também a indústria local, encontra-se em “vias de extinção”, dando lugar ao eucalipto que cobre hoje cerca de 85% da área do concelho de Mortágua. A monocultura intensiva de eucalipto praticada no concelho, principal matéria-prima das celuloses e também com peso determinante nas exportações do país, representa hoje um papel de suma importância para a economia local, também aferido pelo elevado número de empresas de exploração florestal e de comércio de madeiras existentes no concelho, bem como pelo número de trabalhadores que emprega e pelo aumento dos rendimentos que propicia de um modo geral às famílias. Refira-se que a forte divisão dos terrenos, permite que a grande maioria dos mortaguenses seja também proprietária florestal.

Ao nível industrial, Mortágua iniciou no final do século XIX um marcante percurso industrial caracterizado maioritariamente por atividades predominantemente ligadas aos recursos naturais existentes em quantidade e qualidade (madeira de pinho e barro vermelho) e utilização de grandes quantidades de mão-de-obra pouco qualificada.

Tal como referimos anteriormente, as serrações de madeira e as cerâmicas de barro vermelho foram determinantes na economia do concelho até meados do século XX, que chegou a ser apelidado como “o concelho mais industrial da Beira Alta”.

Terminado este ciclo de desenvolvimento económico assente na indústria tradicional ligada aos recursos locais, assistiu-se a uma nova era de produção industrial a que não esteve alheio, numa primeira fase, o incremento da construção civil e das indústrias com ela relacionadas, bem como as políticas municipais de infraestruturação e criação de equipamentos e de apoio à captação e fixação de investimentos no concelho, nomeadamente, com a criação do Parque Industrial do Concelho e mais tarde também do Ninho de Empresas de Mortágua.

Surgiu assim um leque muito diversificado de dinâmicas micro e pequenas empresas, em alguns casos, com características de inovação e capacidade de integração de mão-de-obra altamente qualificada, como, por exemplo, na indústria farmacêutica, que se afirma cada vez mais em Mortágua, ou mesmo na fileira florestal através da produção de *pellets* ou de biomassa para produção de energia elétrica.

As energias renováveis que hoje assumem um papel de grande relevo na economia nacional são, aliás, um dos *clusters* industriais identificado no concelho.

Mortágua é atualmente uma montra exemplificativa dos diferentes tipos de produção de energia possíveis através da utilização dos recursos oferecidos em abundância pela natureza. O aproveitamento hidroelétrico da Barragem da Aguieira, Central Termoelétrica de Mortágua e Parque Eólico do alto de Monção, são alguns dos exemplos.

A diversificação das atividades industriais do concelho contribuiu para a mudança do perfil socioeconómico dominante e fez surgir inúmeras necessidades de atividades ligadas ao comércio e serviços. O setor terciário, reflexo do próprio processo de terciarização da economia do país em consequência do seu gradual processo de desenvolvimento, ganhou também relevo no concelho.

Paralelamente, também as atividades ligadas ao Terceiro Setor e à Economia Social, fortemente responsáveis pelos padrões de qualidade de vida que o concelho tem hoje para oferecer, tiveram aqui crescimento exponencial, antevendo-se a continuidade do seu crescimento.

Sintetizando, assistiu-se no Concelho de Mortágua, ao longo das últimas décadas, a uma tendência generalizada de redução efetiva e acentuada do peso do setor primário e de crescimento, do setor secundário e do terciário, com peso acrescido do terciário, como podemos verificar na tabela 9.

Tabela 9 – Distribuição da População Economicamente Ativa por Setores de Atividade

Distribuição da População Ativa Empregada do Concelho de Mortágua, por Setores de Atividade			
	Setores de atividade		
	Primário %	Secundário %	Terciário %
Censos 1981	46	32	21
Censos 1991	35	35	30
Censos 2001	16	39	45
Censos 2011	7	32	52

Fonte: INE, Censos 1981, 1991, 2001, 2011

Analiseemos agora os principais indicadores de emprego e desemprego demonstrativos da realidade socioeconómica de Mortágua.

Segundo os Censos 2011, a taxa de atividade total do concelho de Mortágua era de 40,1% (42% em 2001), sendo 47,8 % a taxa de atividade masculina e 33,01% a taxa de atividade feminina. No total, a população economicamente ativa do concelho de Mortágua era de 3853 pessoas, de entre as quais 2207 homens e 1646 mulheres. A população economicamente ativa empregada total era de 3529 pessoas, 2057 homens e 1472 mulheres.

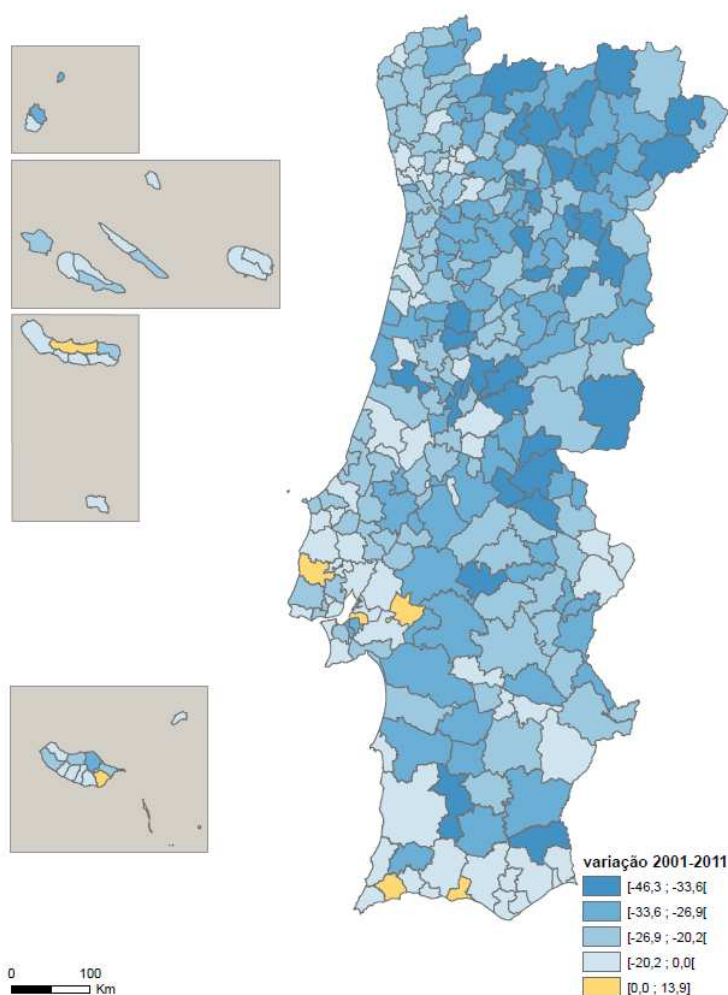
Relativamente à população ativa desempregada, à data da realização dos Censos 2011, o concelho de Mortágua registava um total de 324 desempregados e uma taxa de desemprego de 8,4% em 2011 (5,9% em 2001), sendo a taxa de desemprego mais elevada entre as mulheres (10,6%), face aos homens (6,8%). De salientar, que à data dos Censos 2011, o concelho apresentava uma taxa de desemprego bastante inferior à registada a nível nacional que era 13,2%, sendo de 12,6% para os homens e 13,8% para as mulheres.

Segundo o Instituto de Emprego e Formação Profissional, o Concelho de Mortágua registava em julho de 2014 um total de 347 desempregados inscritos no Centro de Emprego, de entre os quais 167 homens e 180 mulheres. Saliente-se que o desemprego em Mortágua tendencialmente é maioritariamente feminino, apesar de ter nos últimos anos vindo a diminuir, em virtude do aumento de emprego nos serviços do terceiro setor. Do total de desempregados inscritos, apenas 44 se encontravam no grupo etário abaixo dos 25 e no grupo etário entre os 25 e os 34 anos, 68. Relativamente às habilitações dos desempregados inscritos, em reflexo da própria estrutura populacional do concelho mais envelhecida, verifica-se que a maioria dos desempregados possui baixas habilitações. Do total de 347 desempregados, apenas 51 possuem habilitações de nível superior e 75 de nível secundário. De referir ainda, que dos 347 desempregados registados, apenas 41 se encontravam à procura do primeiro emprego.

3.4 População Jovem – Breve Retrato Estatístico

Aquando do Dia Internacional da Juventude, em 12 de Agosto de 2014, o Instituto Nacional de Estatística, publicava no seu *site*, um estudo sobre a juventude em Portugal, em que ganhava evidência a perda de quase meio milhão de jovens na última década no nosso país, em reflexo da diminuição de população jovem ocorrida em 302 dos 308 municípios portugueses (Figura 4).

Figura 4 – Variação do número de jovens (15-29 anos), 2001-2011



Fonte: Censos 2001, 2011 (Imagem retirada do site www.ine.pt - Destaque Dia Internacional da Juventude, 2014)

Segundo esse estudo, a evolução do número de jovens em Portugal vinha a acompanhar a própria evolução da população residente até 2001, tendo-se desviado dessa tendência entre 2001 e 2011, com um decréscimo significativo do número de jovens.

À data do último momento censitário, em 21 de março de 2011, residiam em Portugal 1 803 391 jovens com idade entre os 15 e os 29 anos, tendo-se registado um decréscimo no número de jovens nesse intervalo e, em relação a 2001, um decréscimo de -21,4%, com repercussões em todos os grupos etários.

Em relação a 1991, para além do decréscimo no número de jovens, verifica-se também que a população jovem está “envelhecida”, registando-se maior número de jovens nesta faixa etária do que nas restantes idades.

Nesse destaque podemos ler, por um lado, que a diminuição do número de jovens é um dos indicadores do fenómeno do envelhecimento que atinge a população portuguesa e reflete a redução continuada do número de nascimentos verificada em Portugal e, por outro lado, que a distribuição territorial dos jovens evidencia um contraste entre o litoral e o interior do país, mas também entre norte e sul. Os municípios com maior proporção de jovens concentram-se sobretudo nas regiões autónomas e no norte litoral, áreas que tradicionalmente apresentavam maiores taxas de fecundidade.

De forma sintética, esse destaque retrata os jovens portugueses como tendo um peso significativo na emigração, casando cada vez mais tarde, cada vez mais permanecendo a residir com os pais, registando crescente aumento dos níveis de qualificação (a percentagem de jovens entre os 15 e os 29 anos com curso superior passou de 8,3% em 2001 para 14,9% em 2011), aumentando as suas competências informáticas e de línguas. Entre 2011 e 2013, em média 55% desses jovens estavam no mercado de trabalho (40,6% empregados e 14,4% desempregados). A taxa de desemprego dos jovens foi nesse período de 26,3%, quase o dobro da taxa de desemprego total. Os seus rendimentos são cada vez mais inferiores à média nacional.

Efetuada este breve retrato estatístico da Juventude portuguesa na atualidade, retiramos como principais preocupações para o nosso estudo a diminuição da poluição

jovem em todo o país, também ele envelhecido, e o contraste que mais uma vez se evidencia entre o litoral e o interior do país na distribuição territorial dos jovens.

Mortágua é o reflexo desse país do interior envelhecido e um dos 302 Concelhos acima identificados com registo de elevada variação negativa da população jovem, -40,74 na população entre os 15 e os 24 anos, aproximadamente o dobro da taxa registada a nível nacional.

Na tabela 10 podemos também observar o registo de variação negativa da população jovem entre os 15 e os 24 anos, em todas as freguesias do concelho. Sendo, no entanto, a taxa menor registada na freguesia de Mortágua, onde se localiza a sede do concelho, a Vila de Mortágua, mais urbana e, por isso, também, com maior capacidade de atração de população.

Tabela 10 - Variação da População Residente, por Grupos Etários e por Freguesia, 2001-2011

Zona Geográfica	População Residente, por freguesia – Variação entre 2001 e 2011 (%)				
	Variação Total %	Grupos Etários			
		0-14	15-24	25-64	65 ou mais
Almaça	-11,58	-55,56	-46,67	-4,35	12,00
Cercosa	-15,13	-50,00	-46,43	-12,57	19,23
Cortegaça	-6,62	-10,71	-40,00	-4,02	11,22
Espinho	-21,74	-45,98	-54,42	-16,42	0,90
Marmeleira	-5,63	-14,81	-42,25	-17,93	50,85
Mortágua	-0,14	-2,04	-22,76	-2,15	21,45
Pala	-2,50	-13,43	-51,43	2,98	33,67
Sobral	-4,90	-18,59	-43,85	-4,47	34,04
Trezói	-23,84	-51,85	-39,39	-24,21	-2,44
Vale de Remígio	-9,60	-5,71	-47,87	-15,53	23,56

Fonte: Censos 2001, 2011

Por último, face a este contexto de envelhecimento e de contínua perda de população jovem, uma das principais protagonistas do êxodo populacional que afeta o

concelho e que ganha no nosso estudo dimensão de análise, apresentamos a tabela 11, que contextualiza, a população alvo da investigação, os jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos de idade, e de que entrevistámos apenas uma pequena amostra.

Tabela 11 – Jovens residentes no concelho de Mortágua, entre os 18 e os 35 anos, em 2011

Idades	População Residente no Concelho de Mortágua, por idades, entre os 18 e os 35 anos, em 2011		
	HM	H	M
18 anos	93	47	46
19 anos	89	45	44
20 anos	99	55	44
21 anos	87	51	36
22 anos	104	56	48
23 anos	103	53	50
24 anos	116	68	48
25 anos	118	54	64
26 anos	110	55	55
27 anos	129	66	63
28 anos	116	68	48
29 anos	118	54	64
30 anos	112	58	54
31 anos	110	55	55
32 anos	129	66	63
33 anos	125	70	55
34 anos	132	63	69
35 anos	118	65	53
Total (18 a 35 anos)	1924	1003	921

Fonte: INE, Censos 2011

CAPÍTULO 4 - MOTIVAÇÕES E CONSTRANGIMENTOS NA DECISÃO DE FICAR OU PARTIR

Quais as razões que, na perspetiva dos jovens de territórios rurais do interior, determinam a sua opção de saída ou fixação nesses territórios?

Foi esta a questão de partida que conduziu todo o nosso estudo desenvolvido na intenção de obter a perceção subjetiva dos próprios jovens de territórios rurais, do interior de baixa densidade, sobre a sua perspetiva de saída ou permanência nesses territórios, especificamente, no Concelho de Mortágua, que como vimos anteriormente foi o terreno empírico da investigação conduzida.

Ao procurar incidir neste território, também ele de baixa densidade, marcado pela perda populacional e pelo crescente envelhecimento demográfico, o conceito de êxodo rural, também ele uma forma de migração, ganha importância analítica no estudo e a compreensão das razões subjacentes à decisão de saída ou permanência dos jovens nos seus meios de origem, antecipando assim consequências futuras para o próprio desenvolvimento do concelho.

Raluca Vieira, na sua dissertação de mestrado, refere que

permanecer ou sair do seu concelho é uma opção determinada por um conjunto de fatores inerentes à pessoa ou ao local onde se reside. (...) As determinantes da escolha operam diferentemente conforme a fase da vida dos jovens, dependem da disponibilidade para sair ou, em outros casos, da premência da decisão, no sentido em que está mais longe de ter de optar e se sente mais livre para fazer escolhas” (Vieira, 2009: 145).

Através das entrevistas individuais realizadas aos três grupos distintos de jovens do concelho de Mortágua, que constituíram a nossa amostra, e que se encontram em fases de vida diferenciadas e momentos distintos face ao momento da sua tomada de decisão, procurou-se, em primeiro lugar, partindo da Hipótese de que *“Os Territórios de Origem dos Jovens não Oferecem Condições de Fixação”*, perceber em que medida as tomadas de decisão pessoais dos jovens estão dependentes do território de origem e quais os fatores que estes identificam como cruciais na sua tomada de decisão.

Apesar da investigação realizada não ter qualquer pretensão de representatividade estatística, apenas nos é possível corroborar parcialmente essa hipótese, uma vez que a opinião dos jovens entrevistados se divide em todos os grupos entre os fatores de atração e de repulsão que identificam neste território.

4.1 Partir – Opção ou Fatalidade?

Os processos de modernidade e globalização têm gerado diversas convulsões no mercado de trabalho, com enormes consequências nas formas de transição dos jovens para a vida adulta. Nesse processo de transição, os jovens veem na obtenção, cada vez mais difícil, de um emprego, ainda que caracterizado pela instabilidade e volatilidade, que lhes confira autonomia financeira um elemento determinante (Guerreiro e Abrantes, 2007).

Nessa transição cada vez mais incerta, o maior desafio que se coloca aos jovens e o maior problema social que têm de ultrapassar é a sua integração no mercado de trabalho, sobretudo face à crise que se vive na Europa Ocidental, em parte derivada do *Baby Boom* do Pós Segunda Guerra Mundial (Pais, 1993).

A questão do emprego, afigura-se, pois, como determinante na fase de vida de transição para a vida adulta e na tomada de decisão de ficar ou partir do seu território de origem.

Sob a perspetiva dos jovens entrevistados do concelho de Mortágua, partir, sair do seu concelho de origem, deixar a sua família, vizinhos e amigos, a sua “zona de conforto”, deixa de ser uma opção para passar a ser uma inevitabilidade sempre que não se vislumbre no seu horizonte a oportunidade de encontrar em Mortágua um trabalho que “permita sustentar bem a vida”, assegurar “estabilidade”, “segurança, principalmente, económica”, “perspetivas profissionais” nas áreas de estudo ou formação e “uma carreira” que permita a evolução e a realização pessoal/profissional.

4.1.1 Emprego – Fator de atração ou de repulsão

Ponto fulcral e determinante no seu processo de decisão, comum à quase generalidade dos jovens entrevistados, é a **existência ou não de oportunidades de emprego no concelho**.

No caso dos entrevistados mais jovens, que se encontram ainda numa fase da vida mais longínqua do momento da tomada de decisão de partir ou ficar, é visível a tendência de saída do seu concelho, numa primeira fase, para prosseguimento de estudos, no caso dos jovens que pretendem prosseguir estudos para o ensino superior ou que já se encontram a frequentar o ensino superior e depois, numa segunda fase, para trabalho nos centros urbanos onde realizaram os seus estudos, ou em outros centros urbanos do país ou mesmo do estrangeiro.

Na maioria das opiniões registadas para este grupo de jovens, e apesar de alguma dificuldade sentida na reflexão e produção de discursos sobre a temática que se lhes afigura ainda distante, a tendência será de saída do seu território de origem, no qual identificam poucas oportunidades de trabalho. Partir parece ser um imperativo, primeiro para estudar e depois para trabalhar.

Então, é procurar novas oportunidades que no concelho... não existem. (...) De trabalho e de estudo. Porque chega uma determinada altura que... por exemplo, na universidade, tem de se ir para fora... para depois... poder ir para o mercado de trabalho. Pronto, é basicamente isso a meu ver. (...) Tem poucos postos, pouca variedade também, por isso tem de se recorrer a outros locais .A razão primordial, eu acho que é o mundo do trabalho, não é? Não há... (Entrevista_03_ND, pág. 1, linha 13 a 20)

No caso do grupo de jovens entrevistados, que tendo já tomado decisão, decidiram sair do seu concelho de origem há pelo menos 5 anos, partir, foi também uma fatalidade e não uma opção para a quase generalidade destes jovens, sendo a principal razão apontada para a saída, a questão do emprego. Do total dos 10 jovens entrevistados que constituíram esta subamostra, apenas 2 apontaram outras razões, no caso, razões familiares, oportunidade de emprego de familiares, para a saída do seu concelho.

A percepção de que o concelho de Mortágua não oferece boas condições para a fixação dos jovens, reflete-se nas poucas condições que oferece ao nível de oportunidades de empreendedorismo e de emprego.

Hã... é assim... acho que devia ter mais ao nível do empreendedorismo, mais emprego, mais oferta de trabalho. Devia abranger mais... se calhar uma zona industrial mais diversificada, com maiores empresas para cativar mais os jovens à fixação, mesmo, não é? Porque como eu saí, sei que muito mais pessoas saíram à procura de empregos melhores e de melhores condições de vida. ... porque ao nível da saúde, de educação acho que estamos muito bem servidos. Sinceramente! A nível de educação, de escolas, de saúde e até de lares acho que estamos até muito bem. (Entrevista_02_DS, pág. 5, linha 126 a 134)

Para além do reconhecimento da quase inexistência de oportunidade de emprego para os jovens no concelho, é ainda referido em alguns casos a dificuldade em aceder a alguns tipo de cargos, nomeadamente, cargos públicos e de topo nas empresas privadas.

Na minha opinião, o que leva os jovens a procurar fora de Mortágua é pela simples razão de que não há emprego em Mortágua. Emprego suficiente! Não há... não é dada oportunidade aos jovens. Quando existem vagas de emprego, como todos sabemos, cargos públicos estarão pré-definidos. Ou seja, empregos públicos, à partida, as vagas têm alguém já pré-definido para as ocupar. Ninguém o quer admitir, mas é uma verdade! E... a nível industria, temos ultimamente a aposta na indústria farmacêutica que tem criado ultimamente bastantes postos de trabalho. No entanto, a quantidade de postos de trabalho (...) é mais para um tipo de pessoas com qualificação não superior. Os cargos para pessoas com qualificação superior são muito reduzidos e, por incrível que pareça, são, eu creio que na minha perspectiva são mais ocupados por pessoas fora de Mortágua do que propriamente de Mortágua" (Entrevista 10_DS, pág.1 - 2. linha 13 a 24)

A especificidade do concelho, o reconhecimento das suas características de baixa densidade populacional e empresarial, o reconhecimento da existência de outras oportunidades, associadas a outros territórios, nomeadamente os territórios urbanos, com maior densidade populacional, empresarial, de serviços e capacidade de decisão, associadas a aspirações/expetativas pessoais e profissionais dos "jovens mais

ambiciosos”, por norma com maiores habilitações escolares e profissionais, são também razões apontadas para a saída do território de origem.

...eu acho que é mesmo primeiro pelas próprias características do concelho, por ser um concelho pouco populacionado com uma malha empresarial baixa não oferece muitas perspetivas de fixação de população jovem, uma das coisas, e, segunda, é que a maior parte dos jovens procuram desafios um pouco mais... ou oportunidades que não aparecem necessariamente só no litoral, mas que aparecem em centros urbanos maiores como é o caso do Porto e é o caso de Lisboa. Mortágua, eu falando no meu caso pessoal, é porque não tenho empresas que me sirvam para os projetos que eu quero fazer. Agora é óbvio que isto não se pode generalizar para todas as áreas de atividade que cada um terá, não é?! (Entrevista_01_DS, pág. 1, linha 3 a 21)

Essa perceção é tanto maior, quanto maiores forem os “projetos”, as “expetativas” e as “ambições” dos jovens. No entanto, e apesar da “ambição” e da “necessidade de procurar algo mais”, a fatalidade da partida nem sempre é sentida por estes jovens da mesma forma. Se o entrevistado acima citado, nunca colocou como opção possível permanecer no concelho, tendo prosseguido um percurso, primeiro, em direção ao litoral urbanizado de Portugal e, posteriormente, em direção à emigração, até ao momento em dois países diferentes e sempre numa perspetiva de alcançar projetos mais ambiciosos e de obter uma carreira ascensional, o exemplo que apresentamos de seguida refere também um percurso similar, primeiro, em direção a Lisboa, principal centro de decisão do país, e, segundo, em direção ao estrangeiro, mas somente depois de ter “procurado imenso” trabalho em Mortágua, pois essa seria a sua primeira opção.

Sim, claro e haverá com certeza... haverão com certeza pessoas que, como foi o meu caso, que procuram com certeza algo mais. A ambição também tem a ver. Porque, quer queiramos quer não, em Mortágua nunca se vai chegar ao topo de uma carreira de gestor. Em contrapartida, se se conseguir um emprego nem que seja... numa empresa básico... não sei... começar por baixo numa empresa grande multinacional, há sempre a oportunidade mediante a qualificação de se conseguir chegar hierarquicamente a cargos superiores.(...)Sim, mas para além disso nunca tive oportunidade de trabalhar em Mortágua, apesar de ter procurado imenso! (Entrevista 10_DS, pág.1 – 2, linha 26 a 36)

A questão da existência ou não de oportunidades de emprego no concelho de Mortágua é considerada fulcral para a tomada de decisão, seja esta de partir ou de ficar.

A razão primordial, eu acho que é o mundo do trabalho, não é? Não há... não há... é a questão do emprego, não é? Eu acho que toda a gente que cresce nesta terra quer cá ficar, não é? Quer cá ficar, mas nem tudo é um mar de rosas. Nem tudo é fácil às vezes. As pessoas escolhem uma área e nem no nosso concelho, nem em concelhos limítrofes existe... existe emprego na área que optam por se licenciar e, portanto, às vezes não há essa possibilidade de se fixar no concelho e tem que... e tem que partir... tem que sair... tem que ir para outros locais procurar o futuro às vezes fora do país, porque isto agora está difícil... hoje o mundo do trabalho está complicadíssimo, não é? (Entrevista_16_DF, pág. 1, linha 13 a 20)

Para a maioria dos jovens entrevistados, com exceção dos mais ambiciosos a que já anteriormente nos referimos, existindo oportunidades adequadas de emprego no concelho, ficar será sempre a opção. E esta premissa mantém-se válida para os 3 grupos de jovens que constituíram a nossa amostra.

No caso dos jovens que ainda não tomaram qualquer decisão, a mesma razão que os faz levar a decidir partir, seria a que os levaria a decidir ficar: encontrar no território de origem oportunidades de emprego adequadas.

As mesmas razões! Arranjar trabalho cá, que era melhor! Cá, com a família e com os amigos. Ainda era melhor do que sair e arranjar o mesmo tipo de trabalho. (Entrevista_15_ND, pág. 2, linha 30 a 31)

Também no caso dos jovens entrevistados que tomaram a decisão de ficar no seu concelho de origem, a questão do emprego foi determinante para a sua tomada de decisão. Existem outras questões-chave nesse processo de decisão individual, tal como mais adiante explicitaremos, mas a determinante, na maioria dos casos, é a questão do emprego.

A fixação, quem consegue ter, como é o meu caso, não é?! Quem consegue adquirir um trabalho, acho que nós temos tudo de bom aqui. Havendo emprego, sendo bem remunerados, ou minimamente remunerados, com a qualidade de vida que temos, 50 km de duas grandes cidades, podermos estar neste sossego, nesta paz a nível territorial. Podermos estar junto com a família,

principalmente é esse um dos motivos que também me faz cá ficar junto com a minha família e não ter de ir para uma grande cidade e ter de deixar os meus filhos entregues em ATL o dia todo. Esse foi o principal motivo que me fez fixar e ficar cá. E, pronto, de um modo geral para resumir esta parte, a fixação pela qualidade de vida que temos, pelo facto de... estarmos em contacto com a natureza, ao fim e ao cabo estamos a 40 minutos das grandes cidades, rapidamente nos pomos num grande centro e a parte familiar. (Entrevista_22_DF, pág. 1, linha 16 a 26)

Por último, no caso dos jovens que tomaram a decisão de partir e que partiram há já pelo menos 5 anos, a perspetiva de retorno quando se coloca, e coloca-se na maioria dos casos, mesmo no caso dos jovens que emigraram, passa sempre “por ter um trabalho cá” para si e para a família, “reunir as condições de trabalho cá”, “estabilidade profissional”.

4.1.2 A Cidade Atrai?

O reconhecimento da existência de outras oportunidades, associadas aos territórios urbanos, com maior densidade populacional, empresarial, de serviços e capacidade de decisão, mais adequadas às suas expectativas pessoais e profissionais e que, portanto, se afiguram como territórios mais atrativos para estes jovens, do que os seus territórios de origem é também uma das razões para a sua saída do concelho de Mortágua. A propósito das oportunidades de emprego, citámos já alguns jovens que fazem alusão nos seus discursos a essa assimetria de oportunidades verificada entre os seus territórios de origem, rural, de interior, de baixa densidade e os principais centros urbanos do litoral urbanizado do país ou até de outros países europeus, confirmando assim neste aspeto a existência de relação entre atração urbana e a tomada de decisão dos jovens.

O mesmo havia já sido confirmado por Raluca Vieira na sua dissertação de mestrado,

outro dos motivos que induzem à partida é a busca de um estilo de vida distinto, de um ritmo e uma dinâmica tipicamente urbanas e reproduzidas nas

imagens publicitárias ou nas séries de televisão que incutem nos jovens o sonho de adoção do mesmo estilo de vida. (Vieira, 2009:133)

Procurou-se, pois, ao longo do trabalho exploratório conduzido no concelho de Mortágua, aprofundar esta questão a fim de verificar a existência de relação entre atração urbana (seja esta simbólica ou material) e a tomada de decisão dos jovens.

Para tal, partimos de um projeto desenvolvido pela Associação de Desenvolvimento de Iniciativas Culturais Sociais e Económicas (ADICES) nos territórios que fazem parte da sua zona de intervenção, intitulado “Imagens do Desenvolvimento na Infância”, e que vem sendo desenvolvido desde a década de 80 do século XX com as crianças do pré-escolar e do primeiro ciclo. Em 1999, no âmbito desse projeto, foi pedido a essas crianças que desenhassem e escrevessem sobre a sua terra tal como a viam naquela data (1999) e como gostariam que ela fosse no horizonte de 2030. Em resultado da análise de conteúdo das composições elaboradas pelas crianças surgiu uma publicação em livro (1999), onde se pode ler que: “se os traços do rural marcam o presente, parecem ser os traços do urbano que delimitam o horizonte de 2030, concluindo-se que para a grande maioria das crianças rurais dos concelhos de intervenção da ADICES (Carregal do Sal, Mortágua, Santa Comba Dão e Tondela) o estatuto de cidade é sinónimo de desenvolvimento, pois o seu desejo era maioritariamente que a sua aldeia passasse no futuro ao estatuto de vila ou cidade. Preferencialmente,

... uma cidade grande como Lisboa, que tivesse arranha-céus, hotéis, uma estação de comboios e um aeroporto e que o rio desse para navegar, se construísse um centro comercial, um pavilhão desportivo com piscinas, uma pista de gelo, campos de jogos, futebol, ténis, etc... Também podia existir u castelo de fantasia (tipo a Disneylândia) e que se realizasse aqui uma Expo 2013. (ADICES, 1999:31)

Este futuro, urbano, imaginado pelas crianças previa que “no lugar das casas vai haver prédios”, “prédios de muitos andares porque o espaço começa a ser muito pequeno para tanta gente construir”, “mais casas, muitos arranha-céus, prédios”, mas também que “o sol desaparecerá atrás dos prédios”, contrapondo à harmonia do presente rural, o stress e o bulício das cidades em que se verão “milhões de carros a passar”, haverá “...mais pessoas a andar para lá e para cá”. As pessoas “andarão muito

apressadas”, “muito atarefadas” e de noite “...terão dificuldades em dormir, devido à poluição sonora que os carros provocam nas estradas”.

Introduzimos no guião da entrevista a realizar com os jovens que constituíram a nossa amostra, as principais conclusões deste estudo, procurando aferir se a cidade e o espaço urbano continuam ou não a exercer forte atração sobre os jovens rurais. Concluímos da riqueza e diversidade dos seus discursos que essa atração pelo meio urbano continua a existir, sobretudo pela diversidade de oportunidades que oferece, mas que deixou de exercer essa capacidade de fascínio de forma tão notória como à data da realização desse estudo.

Acho que é normal, os jovens que são de meios mais pequenos, mais interior, mais rurais, onde não há tanta oferta, seja a nível cultural, desportivo, etc. é normal terem e olharem para uma cidade como o *el dorado* das oportunidades. É perfeitamente normal. Nada como experimentar! (Entrevista 16_DF_ pág. 1, linha 13 a 20)

Tal como é referido por Raluca Vieira (2009), a atração pelo território urbano, pela cidade, tem muito de simbólico e é o resultado das representações construídas pelos jovens a partir dos *media*, repercutindo-se com maior influência nas crianças e nas idades mais jovens.

Creio que sim. Sim. Acho que sim, mas isso tem a ver com a televisão e com... os filmes, com isto e com aquilo. Toda a gente quer ir a Nova Iorque e não sabe muito bem porquê. Viram aquela imagem lá na rua e aquilo é um espetáculo. Até podem chegar lá e ficarem impressionados pelo contrário. (...) Acho eu tem um bocado a ver com aquilo que se tenta vender na televisão e de facto... a publicidade, não é a publicidade, são os meios de comunicação, vão sempre influenciar as pessoas e quanto menos conhecerem, mais influenciáveis são. (Entrevista_08_DS, pág. 9, linha 361 a 368)

Essa capacidade de atração e de influência na decisão de partir dos jovens reflete-se sobretudo nos discursos dos entrevistados mais novos, numa fase de vida ainda mais distante do momento de decisão e que veem na cidade o seu primeiro momento de saída e de liberdade.

Creio que sim. Que é algo diferente e qualquer pessoa gosta de... nem que seja só experimentar. Só o impacto que os *media* criam nas pessoas, nem que seja só a televisão... hã... ajuda! Não quer dizer que... após viverem lá um ano ou meio ano tenham a mesma opinião, mas é atrativo! (Entrevista_10_DS, pág. 9, linha 245 a 248)

Esse primeiro momento de saída acontece, normalmente, para prosseguimento de estudos, seja ainda no secundário, quando a oferta de escola local não contempla as opções escolhidas pelos jovens, seja para prosseguimento de estudos no ensino superior.

Não sei... se calhar gostam mais de ir para as cidades, porque há lá mais outro tipo de distrações. (...) Por exemplo, a nível de trabalho porque não arranjam aqui trabalho tão facilmente e então têm de ir. Não só daqui, até para o estrangeiro e assim! A nível depois de diversões e assim, é porque saem deste meozito que tem cá pouca coisa e vão para outro maior e Coimbra, por exemplo, já é um centro maior... há mais centros comerciais, mais diversões, noites e tudo! (...) Não sei. Se calhar... isso é uma coisa que nunca tinha pensado assim. (Entrevista 20_ND, pág. 1, linha 13 a 22)

É também frequente no discurso dos restantes entrevistados, que já tomaram decisão e que, por norma, se encontram numa fase de vida mais avançada em termos profissionais e familiares, que já vivenciaram experiências urbanas, seja enquanto estudantes, seja a nível profissional, a referência à posterior alteração dessa opinião.

Hã... eu penso que... na primeira... na primeira ida... numa primeira ideia as pessoas pensam que sim e são atraídas por esses meios desenvolvidos. Mas passados talvez uns 5, 10 anos de lá estarem e de trabalharem lá, começam a pensar no meio rural. Começam a pensar em ter uma casa, em vir apoiar a família para o meio rural, porque começam a ficar saturados daquela agitação e nem conseguem estar nos sítios calmos. E só se apercebem disso, porque muitos deles sentem a necessidade daquela agitação e nem conseguem estar em sítios calmos, mas depois com a idade começam a aperceber-se que é muito melhor estar nos meios rurais e começam a se descentralizar.(...) Eu acho que inicialmente tem, porque as pessoas pensam “Ah! Vamos para Coimbra, temos cinemas, temos teatro, temos isto, temos aquilo, temos... temos ginásio” e depois acabam por não ir a nada. E depois começam naquela agitação, hã... quando estão mais velhos depois sentem a falta e apercebem-se que gostavam de vir para o meio rural porque sentem-se desgastados daquele ambiente. (...)

Está perto, consegue-se rapidamente chegar lá. Os jovens quando vão estudar, a sua ideia é logo cidade! E eles vão lá para o meio para dentro. Só quando se começam a saturar daquela agitação, há... mas também a verdade é que Mortágua está muito perto desses centros e acabam às vezes por nem se fixar lá. (Entrevistado_05_DS, pág. 9, linha 294 a 318)

Apesar da maioria dos jovens entrevistados reconhecerem a continuidade da atração pelo urbano, reconhecem também que esse fascínio não é tão notório como em 1999, aquando da realização do estudo realizado pela ADICES, em resultado da melhoria das acessibilidades que nos aproximam cada vez mais em termos físicos e relacionais dos meios urbanos e também pela introdução de melhorias significativas de infraestruturas, equipamento, serviços, enfim, de condições e de qualidade de vida ocorrida no concelho de Mortágua ao longo das últimas décadas.

Acho que sim. Acho que muito. Principalmente por uma série de serviços... aqui não se têm ou não se tinham em 1999 ou se recuássemos a 1989 que apanhava a minha geração, sou de 1978, pelo que em 89 tinha 11 anos. A diferença, face a essa altura em que vivíamos, o concelho de Mortágua comparado com outros centros urbanos eram aberrantes. Eu e os outros jovens do Concelho de Mortágua para irmos para a escola levantávamo-nos às 6 horas da manhã e chegávamos a casa às 6 horas e meia da tarde. Ou seja, jardins-escolas não... existia um na vila, mas nas aldeias periféricas não. Ou seja, eu não fiz jardim-escola e como eu 50... ou 60% das crianças que existiam não fizeram jardim escola. Não tanto pelo conceito de que queríamos uma cidade grande com arranha-céus, mas porque queríamos as coisas básicas! Um café, uma escola onde pudéssemos ir em 20 minutos e não demorar uma hora e meia como demorávamos. Em 1999, as coisas penso que mudaram um pouco, mas principalmente no concelho de Mortágua penso que continua... o conceito urbano continua a ser o nível de conforto que uma cidade traria para as pessoas. Eu acho que para as pessoas que são mesmo de Mortágua não notariam assim tanta diferença, porque os serviços que temos aqui serão os necessários e que para os de uma cidade...penso que não se notaria assim tanto essa diferença. (Entrevista 01_DS, pág. 10, linha 268 a 284)

O apego às raízes, os valores e o modo de vida incutidos pelo mundo rural parecem também determinantes na mudança de paradigma que parece ocorrer no

sentido de crescente valorização dos territórios rurais como depreendemos da análise de algumas das entrevistas realizadas.

Eu acho que hoje em dia está a mudar essa visão. Eu acho que as pessoas vão para a cidade pelas oportunidades de trabalho. Pelo que eu noto! Pelas pessoas, mesmo que estavam comigo e que... eram de meios mais pequenos, que as origens eram de aldeias e meios mais pequenos, as pessoas vão pela necessidade de terem um trabalho ou de irem buscar o trabalho para o qual estudaram, mas há... essas pessoas que vêm de meio pequeno valorizam imenso o meio pequeno e têm esses valores de meio pequeno. Há... e não... muitas delas nunca se habituam à cidade, ao viver na cidade, porque estão lá durante o período de trabalho, mas quando terminam ou têm os dias de folga, o... o tempo de *hobby* ou de lazer, voltam às raízes. (Entrevista 09_DS, pág.11, linha 292 a 300)

Por último, e em consequência da atual conjuntura económica e do momento de crise que vivenciamos, é referenciada por alguns jovens a perda de poder de atração dos territórios urbanos, sobretudo a nível material, por diminuição de oportunidades de emprego ou vivências de desemprego. Contrariamente, o território rural de origem e a possibilidade de regresso à “zona de conforto” parece agora ser mais valorizado. Denota-se, também, destas narrativas um maior equilíbrio de forças entre os territórios rurais e urbanos.

Não. Penso que já atraiu mais. Até porque hoje em dia muitos jovens estão a regressar ao meio rural. Estão a sair do meio urbano para o meio rural. (...) Porque já não existe lá tanta oferta. Porque lá está, tal como eu disse anteriormente, eu há 5 anos quando eu saí de cá, saí à procura de melhores condições de vida. Mas como eu saí, muita gente saiu e o facto da oferta ser maior, a procura também é superior, não é?! E o que se torna um bocadinho insustentável... e o facto de nós aqui podermos cultivar lá está... a nossa agricultura de subsistência acho que está a trazer de volta muitos jovens de volta à casa dos seus pais, por força de não conseguirem pagar as suas obrigações... de renda ou uma prestação de um imóvel, não é? Porque estando desempregado não é fácil! E aqui vão cultivando alguns alimentos, produzindo alguns alimentos para a sua subsistência! (Entrevista 02_DS, pág. 1, linha 13 a 20)

4.2 Ficar – A Opção de Coração

Vimos anteriormente o que, na perspectiva dos jovens de Mortágua, os leva a deixar o seu concelho, rumo a outras paragens no país ou no estrangeiro em busca das oportunidades que consideram não existir aqui.

Apresentamos agora, aqueles que, na perspectiva dos jovens, são os fatores de atração do seu território e que consideram ter influência suficiente ao ponto de os decidir a “ancorar” “de alma e coração” no concelho onde cresceram.

4.2.1 A Família Fixa?

Garantida a existência de oportunidades de emprego no território, a família é seguramente o fator que mais pesa e que se torna capaz de ser determinante na tomada de decisão dos jovens para permanecer no seu concelho, confirmando-se, assim, a existência de relação entre o grau de integração familiar e a tomada de decisão dos jovens.

É se houver emprego ou não. (...) Também é a família! Também tem um bocado a ver... deixar tudo para trás. (...) O emprego, às vezes temos de sair mesmo porque não temos outra opção. Para ir trabalhar. Outras vezes, a família, por outro lado também implica, porque se os queremos deixar ou não. (...) A minha última alternativa é partir, a decisão é sempre de ficar, mas... Ainda não, [tomou a decisão de ficar ou partir] mas muito mal calha que hei-de sair!!! (risos) (Entrevista 28_ND, pág. 1, linha 13 a 28)

No caso do jovem entrevistado anteriormente citado, não existe qualquer dúvida de que o emprego é fator determinante tanto para sair como para ficar, enquanto que a família é “mais para ficar”.

No caso dos jovens que ainda não tomaram a decisão de partir ou ficar, foi possível obter testemunhos de dor e até de choro em algumas situações aquando da realização das entrevistas, quando o grau de integração familiar é muito forte e se vêm num “beco sem saída”, perspectivando-se a inevitabilidade da decisão de saída por motivo de falta de oportunidades de emprego no seu concelho.

No entanto, deste grupo de 10 entrevistados, apenas em 2 situações se coloca a decisão de ficar no concelho de Mortágua, em primeiro lugar, por razões familiares.

Numa dessas situações, a família, nomeadamente a possibilidade dada pelo contexto familiar de futura continuidade de um negócio de família, parece ser determinante não só na opção a tomar a nível de prosseguimento de estudos no ensino superior e de escolha da área de formação, mas também fundamental na posterior decisão de ficar no território de origem por esse motivo.

Eu se calhar estou mais a pensar em ficar cá, porque eu, se calhar, estou mais a pensar tirar um curso mais ligado com o meu pai e depois, pronto, já cá tenho trabalho. (...) Engenharia florestal, porque como ele tem a empresa [exploração florestal] já ficava por cá se calhar. Se conseguir tirar na área dele! Se tirar noutra área posso ter de ir para fora, para outra terra, para outro país, não sei? (...) Alguma coisa ligada ao meu pai, para que pudesse cá ficar. Se não conseguir, oh... é normal, tenho de ir embora, porque arranjar aqui trabalho noutra área é um bocado complicado, porque há cá pouca coisa” (Entrevista 20_ND, pág. 2-3, linha 55 a 66)

Na perspetiva de todos os jovens deste grupo de entrevistados, a opinião da sua família será ouvida e terá influência na sua tomada de decisão futura, mas a questão do emprego e, porventura, a saída do concelho por esse motivo será sempre a mais determinante.

Então, acho que ficar é mais por causa da família e isso assim... a saída é para quem não consegue arranjar trabalho e modo de vida cá no interior. (...) Arranjar trabalho cá, que era melhor! Cá, com a família e com os amigos. Ainda era melhor do que sair e arranjar o mesmo tipo de trabalho. (...) A família é sempre a família. Conta. Não querem o nosso mal, por assim dizer, mas... estou certo que a decisão que eu tomar os meus pais apoiam-me. (...) Porque eles apoiam-me no que for preciso e eu apoio-os a eles também. (Entrevista 15_ND, pág. 1-2, linha 13 a 43)

No caso das entrevistas realizadas com o grupo de jovens que já tomaram a decisão e decidiram ficar, é reforçada a existência de relação entre o grau de integração familiar e a tomada de decisão dos jovens. É neste grupo de jovens que podemos inferir

que a existência de relações fortes com a família pode contribuir para a fixação no concelho de origem!

A fixarem-se, eu acho que já vivi em muitos outros locais tanto urbanos, como muito mais... rurais... ou mais atrasados e acho que Mortágua é um bom sítio para se viver. Temos cá tudo e temos as vias de comunicação que rapidamente nos ligam aos centros urbanos, a Coimbra ou a Viseu, quando precisamos de alguma coisa, e temos a nossa família. Temos a nossa família que é muito importante e que foi o que me fez a mim não me ir embora. Também, mas não só. (Entrevista 29_DF, pág. 1, linha 16 a 21)

O elevado grau de integração familiar, muitas vezes em associação com vivência de situações pessoais, por exemplo de doença ou de morte de familiares, e com a consequente necessidade efetiva de proximidade para apoio/suporte a familiares pode, segundo as entrevistas efetuadas a este grupo, ser fator determinante da orientação de decisão dos jovens de permanecer no território de origem.

E- Em teu entender, a família teve um papel determinante na tua tomada de decisão?

e – Sim. Sim. (...) Sim, pronto comecei a trabalhar e apoiaram-me pronto, “uma vez que trabalhas, se conseguires manter o emprego, acho que é bom” e acabei por ajudá-los em certo ponto. (...)

E- As tuas relações com a família são fortes?

e – Sim, posso explicar porquê. Principalmente com a minha mãe, portanto o meu pai faleceu há alguns anos e... pronto, claro ficámos a apoiar-nos um no outro e o meu irmão também e a partir daí fortaleceu” (Entrevista 19_DF, pág. 2, linha 32 a 45)

Em alguns casos, as situações familiares vividas não deixam sequer outra opção, tornando ainda mais evidente a influência deste fator na tomada de decisão dos jovens.

Não foi a opinião, mas na altura foi por questões familiares que eu nem sequer procurei outro trabalho. Na altura o meu avô adoeceu e depois tive uma série de acontecimentos que fizeram com que eu ficasse cá. (Entrevista_13_DF, pág. 2, linha 33 a 35)

No caso das jovens, mulheres, mães, a existência de uma rede de suporte familiar que permita forte apoio na fase de maternidade e de infância dos filhos afigura-se como um fator determinante de fixação.

Também eu facilmente arranjei logo trabalho cá. Tive 2 meses fora. Hã... se eu tivesse que... que ir buscar trabalho mais longe, até se calhar optaria por manter a minha família aqui e deslocava-me de carro a nível de km. Por exemplo, Coimbra e Viseu, aí ía e vinha. (...) Fixava-me aqui. Sim. Aí num raio de 50 km fixava-me aqui para conseguir o suporte que eu tenho. (...) Sim! Sim! Por causa do suporte familiar, dos meus filhos. Os meus pais caminham para ter alguma idade e também a ter alguma necessidade de mim e eu estou aqui. Poderei não conseguir-lhe dar tudo o que eles necessitam, mas eles estão a dar tudo o que eles podem em relação aos meus filhos e eu também lhes tentarei dar isso. (...) Retaguarda e apoio familiar aos meus filhos, pela minha parte, também o apoio emocional dos meus pais, principalmente a minha mãe é minha mãe, mas não é só minha mãe, mas é minha amiga. Este apoio que tenho por parte dos meus filhos e mesmo emocionalmente da minha parte é fundamental. (Entrevista 22_DF, pág. 2, linha 34 a 52)

Esse apoio é também referido como fundamental para possibilitar a essas jovens mulheres o desempenho de profissões mais exigentes em termos de carreira profissional ou mesmo de percursos individuais de empreendedorismo e de criação de negócios.

Por causa de... para já, os meus pais ajudam-me muito com as minhas filhas no sentido do trabalho. Eu nunca poderia ter este trabalho se não fossem eles. (...) Sou técnica de turismo e tenho a *Aventuris* que é uma empresa de animação turística e a maior parte do trabalho que eu tenho é ao fim-de-semana e durante os feriados e durante as férias dos outros, ou seja, ao fim-de-semana elas [as filhas] não têm aulas, nem aos feriados, nem nas férias dos outros que é quando os meus pais ficam com elas. Se não fossem eles, nunca na vida... se eu estivesse num local sozinha, sem ligações familiares, nunca teria esta facilidade em trabalhar com a rapidez e com o improviso... porque às vezes ligam-me de um momento para o outro, “olha, podes ir fazer uma caminhada?” e eu digo à minha mãe: “elas podem ficar aí?” e ela: “Podem”. E depois temos, para o crescimento delas, nós temos uma família muito grande, muitos primos da idade delas e muitos priminhos mais novos e eu quero que elas tenham essa

relação com os tios e os padrinhos e sim, acho que temos uma relação forte.
(Entrevista 29_DF, pág. 3-4, linha 85 a 99)

Confirma-se, pois, que os laços afetivos, a família enquanto “porto de abrigo afetivo”, “local para recarregar baterias”, local de suporte emocional, de suporte à maternidade e à fase de vida de criação dos filhos pode, por si só, contribuir para a fixação no território de origem.

Por último, e da análise efetuada às entrevistas realizadas com o grupo de jovens que tomaram a decisão no sentido de partir do seu território de origem, verificamos que a opinião da família é sempre solicitada e escutada por todos os jovens, mas não é determinante da decisão dos jovens.

Para estes jovens, a decisão, apesar de ser ponderada em família, é por norma uma decisão pessoal. Quando questionados sobre se a opinião da família teve peso significativo na tomada de decisão, dizem-nos que não. Essa afirmação é perentória no caso dos jovens mais determinados e com características de maior ambição.

Não. Absolutamente que não. (...) Porque sempre fui muito... sempre fiz as coisas à minha maneira e sempre me guiei mais pela minha opinião do que propriamente da opinião de... foi quando escolhi o tipo de curso que queria fazer, foi quando escolhi a minha carreira profissional, foi quando escolhi ir para o estrangeiro. Independentemente de as pessoas poderem aconselhar, poderem... ou seja, obviamente a família puxa sempre para nos ter mais perto de casa, mas não... nunca foi motivação suficiente determinante para me fixar aqui. (Entrevista 01_DS, pág. 2, linha 50 a 58)

No entanto, na quase totalidade das entrevistas realizadas com jovens que tomaram a decisão no sentido de sair, a família pode ser fator facilitador na medida em que garante a “rede” capaz de “aparar a queda”, caso algo corra mal ou não tão bem como o esperado.

Despedi-me, bati a porta, em que simplesmente disse: “não é isto que eu quero, não é...” e simplesmente mudei-me para o desconhecido! (...) não, porque a tua família quando te vê... e vê que tu não estás bem, as pessoas podem ser humildes e podem não saber te orientar em termos de percurso e te ajudar, mas te dão sempre uma palavra que, neste meu caso, e acho que em muitos outros casos de jovens, que é de muito consolo, “ se achas que é melhor

para ti, vai!” E só este “vai” ou... “se não der certo, voltas para casa”, só estas palavras são de um conforto e de um incentivo muito grande. E isso faz com que... porque se vives, a maioria das pessoas, se calhar da minha faixa etária ou até de mais agora dos 20, dos 18, dos 25 que terminam as licenciaturas, a maior parte dos pais não são licenciados ou não têm grande escolaridade, as pessoas só têm bom coração e querem o melhor para os filhos! (Entrevista 09_DS, pág. 3-4, linha 81 a 95)

Mas a família pode também ser fator facilitador na tomada de decisão de saída, nomeadamente no caso da saída em direção a outros países, reproduzindo percursos familiares anteriores de emigração.

De facto, no caso das entrevistas realizadas a emigrantes (dois jovens rapazes que emigraram, num caso para a Suíça e noutro, numa primeira fase, para a Roménia e, numa segunda fase, para a Rússia e uma jovem rapariga que emigrou para a Escócia e posteriormente para a Inglaterra) é comum a todos a existência de experiências anteriores de emigração por parte de alguns familiares.

Creio que sim, porque... nós somos uma família de emigração por natureza. Então, a minha educação já foi ao encontro disso. Os meus pais são emigrantes e eu sei o que é! Então, não foi tão difícil como para uma pessoa que não sabe o que é a emigração. Ou seja, não tem ninguém no estrangeiro ou não vivenciou a experiência de ir ao estrangeiro visitar familiares. (Entrevista 10_DS, linha 63 a 67)

Nas palavras de uma das jovens entrevistadas, enfermeira, emigrante na Inglaterra, a vivência de experiências familiares anteriores de emigração pode ser considerada uma aprendizagem.

O meu pai foi emigrante durante 35 anos. (...) Em França. (...) É uma aprendizagem! É uma aprendizagem, porque tu aprendes a inconscientemente a não ser como... a não fazer, se calhar, os erros que esta geração anterior fez, mas... mas tenho a dizer que o meu pai foi emigrante 35 anos e quando eu fui, o meu pai ligava-me todas as semanas e, apesar de sermos noutro tipo... noutra geração e claro que é difícil, o meu pai dizia-me sempre “ eu sei aquilo que estás a passar”, “Eu quando fui não sabia falar, mas é um dia de cada vez”. (...) Portanto, o que é que eu quero dizer com isto? É que mesmo sair do concelho para Lisboa ou para o Porto é uma emigração, mas até nisso é preciso o... é um

dia de cada vez e não desistir, porque há muitos obstáculos, muitos, muitos, muitos... (Entrevista 09_DS, pág. 4-5, linha 115 a 130)

4.2.2 O Regresso Regular à “Zona de Conforto”

A regularidade de regresso “à terra” para recarregar “baterias” junto dos familiares e amigos, é transversal à totalidade das entrevistas. Nos três grupos em análise, se não todas as semanas, pelo menos de 15 em 15 dias ou de 3 em 3 semanas a maioria dos/as jovens regressam às suas origens.

Porque sabe bem vir à terra!!! Ah isso não digam que não!!! Sabe bem vir à terra, ver a família, ser apaparicada pelo papá, pela mamã, pela família. (...) Eu falo por mim, toda a gente que vai estudar lá fora e depois vão trabalhar fora... muitos, conheço muitos que de facto não querem voltar para Mortágua, porque de facto estão demasiado bem ambientados em Lisboa e Porto e não querem, porque Mortágua é pequeno de mais para eles. É verdade, mas sentem a necessidade de 15 em 15 dias, 3 em 3 semanas dizem: “eh pá! Tenho de ir passar o fim-de-semana à terra” É o apego que temos à terra. Isso sem dúvida. Eu de facto não conheço ninguém que diga, “Mortágua nunca mais!” (Entrevista 07_DF pág. 15, linha 411 a 420)

No caso dos jovens estudantes fora do concelho, o regresso à terra, à casa e ao “porto de abrigo” afetivo da família ao fim de semana é comum. O mesmo acontece, embora, por vezes, já não com tanta regularidade, no caso dos jovens que saíram do concelho e se encontram já noutras fases de vida. Nestes casos, em que se encontram já a trabalhar, ou com a família constituída e local de residência fixo noutros concelhos do país, o regresso ao território de origem e à família, com quem continuam a manter fortes elos de ligação, mantém-se regular. Assegurando a família o apoio à sua qualidade de vida nos centros urbanos onde se encontram, garantindo-lhes com frequência o abastecimento de bens alimentares provenientes da sua produção agrícola.

Há um elo de ligação muito, muito forte! Se calhar como há poucos hoje em dia, não é? Porquê? Portanto... isso demonstra-se pelo facto de eu vir cá todos os fins-de-semana. Regresso a casa todos os fins-de-semana. (...) Dependo dela [da família] a nível afetivo, todos os dias falo com eles. Todos os dias temos

comunicação. A nível financeiro não, mas em termos de alimentos também, no que eles conseguem produzir... de agricultura de subsistência também me vão ajudando. (...) Buscar um bocadinho de tudo o que eles conseguem produzir... de agricultura de subsistência também me vão ajudando. Por exemplo, batata, couve... esses produtos que são muito melhores! (Entrevista 02_DS, pág. 2, linha a 61)

Por último, e mesmo no caso das entrevistas a jovens emigrantes, conclui-se que estes regressam com regularidade a casa, especialmente, em todas as épocas festivas do ano.

Porque eu dou bastante valor à minha família. Eu dou-lhe um exemplo, os meus pais estão no Luxemburgo e eu vivo em Zurique, na Suíça e sempre que eu tenho alguma disponibilidade vou visitá-los ao fim de semana. Vinha a Portugal com muita frequência, mesmo agora nestes últimos tempos, uma vez por mês, até a minha avó falecer que era a última pessoa que restava dos meus avós. Agora venho cá uma vez de dois em dois meses. (Entrevista 07_DF, pág. 15, linha 411 a 420)

Durante os restantes períodos do ano, as relações com a família que garantem continuar a ser fortes, vão sendo asseguradas com recurso ao telefone e, sobretudo no caso das entrevistas a emigrantes, com recurso às novas tecnologias da informação e da comunicação (*skype* e *facebook*).

Hã... o porto de abrigo afetivo hoje em dia... a emigração, eu não me considero uma emigrante! Hã... eu simplesmente optei por ir trabalhar para mais longe! E... e considero que a ponte afetiva é muito importante, mas considero que tu hoje em dia és tão sortuda de ter tantos meios de comunicação que podés usar, em que manténs uma comunicação muito mais próxima e é-te se calhar mais eficaz do que muita gente que vive aqui no concelho e que está diariamente com e vive na mesma aldeia ou em aldeias próximas, ou que está no Algarve ou em Lisboa. Eu falo e sei e brinco e faço... e sei de tudo o que se passa com a minha família, porque é um trabalho que se tem de fazer, as pessoas têm de saber que quando vão tem que ter noção que é uma opção. Emigrar não é para toda a gente! Eu costumo dizer isso. Porque as pessoas têm que ter... ou não sei... posso dizer a palavra maturidade, para assimilar a nova cultura para a qual vão. Não entrar na vertente, é tudo mau... simplesmente ver o mau... e nós é

que somos bons, cada um tem o melhor, nós só temos de tirar partido do que é bom e encaixar... (Entrevista 09_DS, pág. 4, linha 99 a 112)

4.2.3 As Redes Primárias Fixam?

Ao longo do trabalho de investigação conduzido com os jovens do concelho de Mortágua pretendemos também verificar se a existência de relação entre o sentimento de pertença à comunidade e o grau de participação social poderia ou não ter influência na decisão dos jovens.

A análise da totalidade das entrevistas realizadas, permite-nos concluir que as próprias características do território do concelho de Mortágua e a forte ligação ao espaço local (o seu tipo de povoamento disperso por inúmeras pequenas aldeias, a sua baixa densidade, os seus valores e modos de vida característicos da ruralidade, como a entreatada e a natureza das redes de vizinhança) são facilitadoras da integração social e do conseqüente enraizamento dos jovens no território.

Hã... porque o concelho de Mortágua tem... é muito fácil... é muito fácil se integrar no concelho de Mortágua, porque é um concelho pequeno, as pessoas conhecem-se todas umas às outras, as pessoas são... são...são inteligentes aqui em Mortágua, são simpáticas, são cultas. É fácil a integração no concelho. (Entrevista 16_DF, pág. 16, linha 163 a 166)

Há, no entanto, o reconhecimento, por parte de alguns jovens, que essa proximidade das redes de vizinhança pode ter prós e contras, sendo os contras mais fortes identificados nas aldeias e não na vila, que apresenta já maior densidade populacional e características e modos de vida mais urbanos.

Os amigos sim. Os vizinhos nem tanto. É mais aquele tipo de relação de bom dia e boa tarde, que às vezes... aqui [na vila de Mortágua] não noto tanto, mas lá em cima [na aldeia de origem] quando as pessoas sabem demais da nossa vida é muito complicado. (risos) (...) Nas aldeias é assim, nas aldeias toda a gente se conhece... pronto, e qualquer coisa que acontece toda a gente fala e é um falatório e não sei quê! (...) Aqui, isso acaba por não acontecer tanto. (...) Aqui na Vila, em Mortágua. Pronto daqui da vila para as aldeias é completamente diferente, porque os vizinhos acabam por não... acaba por ser quase só bom dia

e boa tarde e nós quase não nos conhecemos. Eu falo pela minha experiência aqui, agora. (...) Não, não me incomoda. Até... até gosto, é só que tem aspetos bons e tem aspetos maus... qualquer coisa que aconteça toda a gente sabe toda a gente fala, toda a gente opina. Pronto é diferente! (Entrevista 11_DF, pág. 4, linha 97a 114)

As redes de amizade e de vizinhança proporcionadas pela baixa densidade que caracteriza o concelho de Mortágua e o grau de proximidade e de entreaajuda que estas possibilitam são realçadas como sendo um fator de atração do território, algo muito positivo e bom!

Sim. Sim! Conheço toda a gente. Toda a gente me conhece. Dou-me bem com toda a gente. (...) Tem prós e contras. Constrangedor para mim, não é! Tem a vantagem que... quando somos conhecidos no meio, rapidamente chegam a nós para alguma coisa ou precisam da nossa ajuda ou querem-nos propor alguma coisa rapidamente chegam a nós. Também tem o contra de que há sempre pessoas que, entre aspas, não interessam e que aparecem no meio do caminho, mas acho que isso é normal. Seja aqui ou seja fora é assim. (...) Acho que é muito bom! Tem muito mais de bom do que de mau. (...) Rapidamente conseguimos chegar a um contacto seja eu a precisar de alguma coisa ou o meu contacto a precisar de mim, rapidamente conseguimos alcançar-nos um ao outro, ajudarmo-nos uns aos outros a encontrar soluções. Acho que é bastante positiva essa entreaajuda. (Entrevista 16_DF, pág. 5, linha 128 a 139)

Para além da família, as redes primárias (amigos e vizinhos) são consideradas por todos os/as jovens entrevistados/as como fundamentais à sua integração social no concelho de origem.

Eu acho que isso da integração, vai mesmo da maneira de ser, se calhar, de cada um e de cada um se interessar ou não pelo meio onde está inserido. Pelo meio, se se interessa ou não por Mortágua. É uma questão cultural, se calhar, também. Sair à noite, beber uns copos, estar com os amigos. É, tudo faz parte da integração e tudo depende de pessoa para pessoa. Não tenho nenhuma explicação lógica, porque é que me sinto integrado. (...) Eu tenho vários grupos de amigos. Alguns que vêm da infância, da escola e que alguns ainda cá estão, não muitos, mas alguns já não estão e depois tenho aqueles amigos que mantenho dos vários grupos por onde passei, do futebol e de muitos outros sítios. (...) Sim. Fui jogador, fui treinador. Das brincadeiras... no Mortágua

Futebol Clube e no Sporting Clube de Vale de Açores. Fui nos dois. Até de propriamente atividades feitas em Mortágua, fins-de-semana radicais e coisas desse tipo. Tudo une as pessoas, tudo cria grupos de amigos. (...) Aliás, é um meio pequeno quase toda a gente conhece toda a gente. (Entrevista 18_DF, pág. 4-5, linha 107 a 123)

Quando questionados relativamente à capacidade de influência dos amigos e vizinhos na tomada de decisão de ficar ou partir do concelho de Mortágua, os jovens dividem-se quanto ao peso da influência dos amigos, mas são unânimes relativamente à ausência de influência dos vizinhos na sua decisão.

Eu acho que sim. Os amigos acho que sim! Toda a vida nós temos amigos que consideramos como irmãos e eu acho que sim, que tem influência nas nossas decisões. (...) Então, porque toda a vida nós socializámos com eles e custa-nos, se calhar, deixar assim a família, amigos e tudo assim... (Entrevista 15_DS, pág. 3, linha 62 a 70)

Relativamente às redes de vizinhança, que os jovens reconhecem serem boas, dado conhecerem toda a gente e, no caso das aldeias, serem “quase todos família” ou “como família”, consideram, no entanto, na sua maioria, que a sua opinião não tem, ou terá muito pouca, influência e capacidade de determinar o sentido da sua decisão de partir ou ficar.

Hã... não. Qualquer peso. Porque quando eu tomei a decisão de ir, houve... a maior parte das opiniões eram contrárias em termos de amigos e houveram pessoas que me disseram que eu já era velha para emigrar com 30 anos. Portanto, essa frase eu nunca me vou esquecer! (...) Porque quando e cheguei lá, quando foi a... os primeiros dias de integração no hospital, éramos para aí 40 ou 50 enfermeiros de todo o mundo em que eu e os meus dois colegas éramos os mais novos do grupo! Então, hã... se nós somos... nós éramos umas crianças à volta. Tínhamos pessoas que já eram avós. Pronto, eu aprendi que cada pessoa mobiliza-se e muda o percurso da sua vida consoante as fases que está na vida. Não tem que ter 20 ou 30 para ser velho ou novo para fazeres algo! (Entrevista 09_DS, pág.6, linha 150 a 162)

O êxodo rural, a sangria migratória de jovens a que assistimos hoje novamente por todo o país, ganha evidência nas entrevistas realizadas aos três grupos de jovens do concelho Mortágua. Isso reflete-se, quer na dificuldade dos jovens com idades e fases de

vida mais avançadas em manter grupos de amigos de infância e juventude, uma vez que estes saem do concelho e se dispersam pelo país ou pelo mundo, quer muitas vezes nas tomadas de decisão e nas trajetórias de saída dos jovens para outros territórios.

É assim, em relação aos meus amigos e vizinhos, se eu seguisse se calhar a experiência deles, já me tinha posto a andar há muito tempo. (risos) Porque, felizmente, e infelizmente, a maior parte dos meus amigos, se calhar alguns mais chegados tiveram que emigrar, porque Portugal não é um país fácil neste momento e mais de metade deles, se calhar, já estão noutra país. (...) Sim. Noutra país, sim. Quase todos. Aqueles que emigraram quase todos foram para outro país e não para o litoral. (...) Principalmente, Europa Central: Luxemburgo, Bélgica, Holanda, Inglaterra e África (Angola, Moçambique, Guiné). (Entrevista 18_DF, pág. 3, linha 93 a 103)

A influência dos amigos e vizinhos acaba, pois, por vezes, em se refletir na tomada de decisão dos jovens no sentido de sair do concelho de origem.

Teve. Posso dizer que os vizinhos foram... sempre motivaram, sempre foram impecáveis! E amigos, sim! Sempre me disseram “sai daqui” porque eles acabaram por sair. (...) os meus amigos daqui maioritariamente saíram. Neste momento poucos amigos tenho aqui. (...) Luxemburgo, um ou outro em Lisboa, mas a maioria está lá fora.

E – E eles influenciaram-na em que sentido?

e – Mortágua não tem, vai para fora que aqui não tens oportunidades! Foi assim mesmo o termo. (Entrevista 23_DS, Pág. 3, linha 73 a 82)

Paulo Baronet, na investigação que conduziu no concelho de Castro Daire aquando da sua dissertação de Mestrado, concluiu também de igual modo que:

... as redes de apoio e conhecimento poderão ser importantes fatores de explicação para que os jovens optem em migrar para o estrangeiro. Como sabemos existem milhares de portugueses por esse mundo fora. As redes de apoio e conhecimento, neste perfil de jovens, poderão ser fulcrais num duplo sentido: são um exemplo vivo de um eventual sucesso de enriquecimento ou estabilização social e são forças de referência e motivação para os seus familiares/conhecidos. (Baronet, 2010:74)

No entanto, e contrariamente, neste estudo exploratório conduzido junto dos jovens do concelho de Mortágua, foi-me possível confirmar, simultaneamente, a importância da família e das redes primárias (amigos e vizinhos) como importante fator de fixação no concelho.

E- A sua prioridade foi sempre procurar perto de Mortágua?

e- A minha prioridade, sempre que possível, sim. Sim. (...) Pelo que já referi há pouco. Por causa da minha família, por causa dos meus amigos, que é a coisa mais importante que nós temos na vida. Acho que é a família e os amigos e acho que nós temos de preservar, não é? (Entrevista 16_DF, pág.3, linha 67 a 71)

Também Raluca Vieira havia chegado a esta conclusão aquando da sua dissertação de mestrado:

Manter o contato com a família e os amigos é um, senão o mais determinante fator para a permanência no concelho. Para aqueles jovens inquiridos que afirmaram não pensarem sair dos seus concelhos, a família, os amigos e a existência de uma estrutura habitacional ou a possibilidade de a constituir, são, como se viu, fundamentais para se ficar no concelho onde se reside. (Vieira, 2009:148)

Por último, procurámos aferir se o grau de participação social dos jovens, nomeadamente através da sua trajetória pessoal de participação em projetos escolares, da comunidade local ou do associativismo, poderá exercer ou não alguma influência sobre a sua decisão em ficar ou partir.

O associativismo assume cada vez mais importância na formação individual dos jovens desenvolvendo manifestações sociais nas áreas da cultura, do desporto, do recreio e do lazer, do ambiente, do património e da solidariedade social. As associações juvenis constituem por isso um pivô fundamental no processo de educação, mesmo que por via informal, servindo para reforçar a capacidade crítica dos jovens. O grau de envolvimento dos jovens na vida comunitária e o desejo em continuar a fazer parte das estruturas locais são plausíveis agentes convidativos para os jovens desenvolverem projetos nos seus concelhos. (Vieira, 2009:155)

Na maioria das entrevistas realizadas foi possível verificar um forte envolvimento dos jovens do concelho de Mortágua, desde a infância, em atividades de associações

locais, como sejam, Clubes de Futebol, mais nos casos do sexo masculino, ou, para os jovens de ambos os sexos, em atividades da Banda Filarmónica, nomeadamente de aprendizagem na escola de música ou do Coral Juvenil. Em idades escolares, denota-se também a existência e participação dos jovens em vários eventos, por exemplo, desporto, música, teatro, “projeto escoliadas” desenvolvido em competição interescolar com provas de música, teatro, desenho, entre outros.

São vários os casos verificados nas entrevistas realizadas em que se confirma a manutenção regular da participação associativa no concelho de origem aquando da primeira saída dos jovens para as cidades universitárias ou, em alguns casos até, aquando da saída, para trabalho em outros territórios.

Esta participação associativa, nas palavras de uma das jovens entrevistadas, que decidiu sair do concelho e fixar-se, por razões profissionais, na cidade onde fez os estudos superiores, mas que mantém a sua participação associativa com regularidade em Mortágua e que gostaria de se aproximar novamente do seu território de origem, caso tivesse oportunidade de emprego, a participação associativa pode ser um importante fator para a fixação dos jovens no concelho.

Sim, pode. Porque as associações, o concelho, as aldeias, se não tiverem meios associativos e que não tentem envolver a comunidade, perde-se as ligações entre as pessoas, perde-se... muitas situações e culturas que existiam antigamente e deixa-se de ter utilidade. Os jovens parece que não sabem o que hão de fazer, não há quem os puxe, não há ligação por uma causa e passam os dias deles sem nada para fazer e sem se ocuparem. Se houvesse mais associativismo e mais envolvimento, penso que a mesma população tinha... era diferente! (...) Devia! Devia... é assim, dever, devia haver, mas as pessoas não... não... os jovens não querem saber... portanto, não só se houvesse uma forma de os puxar, não sei qual?! Os jovens e as associações que existem e que eu tenho mais ligação à volta da filarmónica, portanto, os coros, há... os jovens não sei por onde é que eles andam, eles desaparecem, eles não têm responsabilidade sobre as associações a qual pertencem. (...) São chamados, mas não... tem que ser várias vezes chamados. (risos) Não têm responsabilidade sobre aquilo que assumiram! Em vir! Tenho exemplo, na banda também acontece, mas nos coros... chega-se à altura do ensaio e não há 1 jovem!

E – E isso deve-se a quê?

e – Hã... não sei... neste momento, como muitos deles estão a estudar fora eu penso que... talvez falta de recursos económicos, muitas vezes também não vêm mais e ficam lá os fins-de-semana e não vêm regularmente a casa. Não sei se isso será o principal, mas também há uma falta de interesse genérico. (...) É. Uma falta de dinâmica. Não... vê-se que não há nada que lhes interesse a não ser computadores, tablets e coisas assim do género. Mas as partes das associações não os vejo a puxar” (Entrevista 05_DS, pág. 7, linha 181 a 206)

Na perspetiva desta outra jovem desempregada e que ainda não tomou a decisão de ficar ou partir, o facto de estar ligada a uma associação cultural é um importante fator de integração social, “sem dúvida”!

Sim, estou no coral juvenil. (...) Faço parte da direção e também sou coralista. Sou vogal. (..) No coro, como coralista já ando desde os 5 anos e como, como... na direção não sei bem se há 1, se há 2. Por aí... foi nas últimas eleições e agora não tenho bem presente... Para além dos concertos que fazemos, começámos também por fazer um magusto onde... que era um almoço convívio de coralistas... todos estavam convidados a participar. Em princípio iremos também fazer uma caminhada. Tudo para tentar unir o coro e quem lá andou. Porque acho que isso é engraçado! Há alguns que já têm lá filhos! (...) Por semana? Ora ensaios nós temos todas as semanas. Uma vez por semana. Normalmente são duas, mas eu só posso ir a uma delas. Portanto, 1 vez por semana, 1 hora e meia que nós temos ensaio. Depois a reunião de direção que nós temos uma por mês, depende também das atividades que temos. (Entrevista 27_ND, pág. 5, linha 101 a 121)

No entanto, face à questão se a participação associativa poderá ou não contribuir para a fixação dos jovens no concelho, a resposta atualmente é negativa.

Olhe, atualmente eu diria que não. Acho que se perdeu um bocado. (...) olhe, eu noto, pronto, é a única experiência que eu tenho em termos associativos. Eu noto que houve um desleixo por parte de muitos coralistas. Eu, eu quando... pronto, quando era mais nova, agora também já está a ficar na idade de sair da parte de coralista, mas não tinha aquela necessidade que a minha mãe ou alguém me dissesse: “olha, vai ao coro”. Uma pessoa ia porque gosta mesmo e gosta de lá andar e gosta de... não só da parte do canto, mas de tudo o resto. Do convívio, das amizades que se fazem lá. Acho que hoje isso se está a perder um pouco, os jovens não participam, não estão muito ativos na parte cultural.

Não sei se é em termos gerais, se é só na nossa associação. Por isso é que também tentamos fazer outras atividades a ver se, se os cativamos. E mesmo da própria família, os pais parece eu não há aquela responsabilidade, “se tens um compromisso, se tens responsabilidade com aquela associação, tens de ir” e parece que isso não acontece. Está a falhar muito. (...) Agora a partir dos 13, 14 anos, tenho coro, mas se houver alguma coisa que eu gosto mais, outra opção, eu prefiro ir para outro lado do que para o coro, apesar de termos assumido a responsabilidade com o coro. (...) Muitas vezes temos concertos que uma pessoa tem coralistas, portanto, tem coralistas para poder garantir o concerto. Dizem que sim, mas depois á última da hora já não... “ah, afinal não posso ir... apareceu isto e aconteceu aquilo...” (Entrevista 27_ND, pág. 5-6, linha 131 a 154)

Denota-se do discurso destas jovens muita preocupação quanto à atual “apatia”, falta de interesse e desresponsabilização dos jovens na participação associativa.

No entanto, uma destas jovens quando questionada quanto ao papel que gostaria de assumir refere:

E- Consideras-te bem integrada socialmente em Mortágua?

e – Hã... não. Não tenho muitas ligações, a não ser o meio associativo, o associativismo. Tenho muitas pessoas conhecidas e muito poucos amigos como se costuma dizer! Estou muito mais integrada onde estou...

E – Mas tu continuas a ter ligação forte em termos de associativismo?

e – Sim! Portanto, são 20... e... 22 anos... de participação numa associação. (...) Filarmónica de Mortágua. (...) Sim. Durante algum tempo fiz parte dos órgãos sociais, mas neste momento devido ao... ao estar afastada e não haver disponibilidade, tive que dar o lugar a quem estava mais próximo. (...) Portanto, eu participo em todas... sou elemento da filarmónica, portanto, participo nas atividades que eles desenvolvem a nível musical. Portanto, as atividades de enquadramento e de associação que não sejam da música em si, muitas vezes não participo, porque não venho de propósito por causa delas. Mas por causa das representações que tenha fora do concelho de Mortágua ou mesmo no concelho de Mortágua, venho!

E – E qual é a regularidade?

e – 15 em 15 dias, mas se tiver de vir fins-de-semana seguidos também o faço devido mesmo á filarmónica.

E – Gostaria de participar em projetos locais em Mortágua?

e – Se estivesse cá sim! E teria um papel muito mais forte mesmo nessa associação. Se estivesse cá, candidatava-me à direção. Não tenho dúvidas disso! (Entrevista 05_DS, pág. 5-6, linha 137 a 168)

4.2.4 O território oferece condições de fixação?

Como vimos anteriormente, segundo Hespanha (2003), assiste-se hoje à mudança do uso produtivo do espaço e à rutura da especialização funcional do rural agrícola. Assiste-se à difusão territorial dos padrões e modos de vida urbanos até aos dias de hoje em que o rural pós agrícola passa de espaço de produção a espaço de consumo, assumindo-se como espaço multifuncional, valorizado enquanto património, enquanto espaço idílico, passível de fruição e sinónimo de qualidade de vida.

A qualidade de vida proporcionada pelo concelho é um dos fatores de fixação mais recorrentemente verificada na análise de conteúdo efetuada às entrevistas realizadas nos três grupos de jovens do concelho de Mortágua que constituíram a nossa amostra. O excerto da entrevista que seguidamente apresentamos, apesar do jovem ter decidido sair do concelho por razões profissionais, condição primeira para o processo de decisão, já anteriormente identificada, demonstra-o eloquentemente.

Para a fixação? Ah, isso é qualidade de vida, evidentemente! É uma cena mais calma. Eu acho que hoje em dia já não está tão bem servida em termos de meio de comunicação terrestres. Sinceramente, acho que hoje em dia é difícil chegar a Coimbra, porque as vias de acessibilidade são más [IP3]. Estamos mais ou menos bem servidos de tudo. É... é... como é que eu hei-de dizer, é possível viver em Mortágua e ter uma boa vida, por assim dizer. Dependendo daquilo que as pessoas quiserem, obviamente, mas acho que sim. Acho que quem procura uma cena mais calma, que é excelente!" (Entrevista_08_DS, pág.2, linha 50 a 59)

“Desde que eu tenha trabalho, tenho qualidade de vida”, repete-se com frequência esta premissa junto da maioria dos entrevistados. Quando questionados sobre o que é para si “vida de qualidade”, e se tal é possível no concelho, respondem:

É ter um emprego que corresponda e que seja adaptado às minhas necessidades e ao meu bem-estar, ao meu e ao da minha família e que me dê

uma certa estabilidade e que eu consiga no meio em que estou a viver ter tudo o que eu necessito em termos de bens essenciais, em termos de hipermercados, de saúde, de educação. (Entrevista 02_DS, pág.6, linha 161 a 164)

Assegurada a questão do emprego, o território de origem destes jovens, o concelho de Mortágua, em seu entender, oferece inúmeros motivos de atração e de fixação, nomeadamente: localização geográfica, com proximidade geográfica a centros urbanos, serviços, equipamento e infraestruturas de qualidade e, para além disso, liberdade e segurança.

Qualidade de vida? Compatibilizando o profissional, o social, o pessoal ... eu acho que sim. (...) Porque neste momento, e conjugando o presente com a minha projeção daquilo que eu quero para mim para o futuro, eu vejo que estou num sítio que, desde que eu tenha trabalho, tenho qualidade de vida que preciso de ir a um centro urbano, não estou longe. Preciso fazer umas compras, tenho cá o básico e um bocadinho acima do básico também temos. Hã...temos infraestruturas para eu praticar desporto, ter acesso a cultura, espetáculos, biblioteca, etc. Tenho tempo para quando saio do trabalho apetece-me ir ver uma amiga, vou jantar a casa dela, vou tomar café a casa de outra, vamos beber um copo ao fim de um dia de trabalho ou ao fim-de-semana. Sim. Não tenho trânsito para vir trabalhar ou para regressar casa. Projetando um bocado para a frente e eu que sou mulher se eu quiser ter família, vejo-me mais a construir família num espaço como Mortágua do que num espaço como uma Lisboa. Nem pensar para mim ter um filho em Lisboa. Enquanto que em Mortágua é diferente! Há espaço, há liberdade, há segurança, que é muito importante, há tempo que podemos dedicar, porque em Lisboa basicamente não há tempo e aqui conseguimos ter tempo, porque não temos trânsito. Essas coisas todas que já mencionei e isso tudo proporciona uma qualidade de vida, que no meu ponto de vista é importante e é interessante. Aí está, quando se regressa... eu antes não dava valor a essas coisas, quando fui para Lisboa não me interessava por nada disso. Estando em Lisboa eu comecei-me a aperceber, caramba! Lá não temos tudo, tudo, tudo, mas é fácil ter tudo. Basta pegar no carro e ir a Coimbra, basta estar na internet e encomendar e lá chega-nos. Estando fora é que se dá o valor. Tenho colegas minhas que nunca saíram daqui e queixam-se disto, daquilo e daqueloutro e eu própria lhes digo, "faz a experiência, vai viver para Lisboa um ano e volta." É verdade! Eu não tenho tudo como tinha em

Lisboa, mas também quando sinto falta vou até lá! Mas no dia-a-dia, acho que é mais saudável e de muito maior qualidade de vida num centro como...num centro interior como o nosso, do que numa grande metrópole. (Entrevista 07_DF, pág.9-11, linha 251 a 278)

A valorização do património natural, com a identificação dos principais recursos naturais (floresta e água – rios e Albufeira da Agueira), o reconhecimento da importância económica da floresta para a manutenção do nível de vida da população do concelho, a pacatez, tranquilidade e calma proporcionados pelo concelho são os elementos mais associados pelos jovens à qualidade de vida que o concelho oferece.

...para já, nós temos a questão dos eucaliptos e isso invariavelmente acaba por oferecer boas condições de vida às pessoas, dinheiro fácil, árvore das patacas, pronto! Depois temos a questão das estradas, nós saímos daqui para outros concelhos, atravessamos o concelho para Penacova ou para Santa Comba e está tudo mau. Nós temos boas acessibilidades, sim. Mais? Boas condições para os jovens se fixarem? É assim, acho que não tem, porque não há trabalho aqui. (...) Sociais, acho que sim. É um sítio onde as pessoas se sentem bem, onde ainda se está bem para andar na rua, onde o pessoal é boa onda, acho que sim! (...) Há uma condição aqui boa, aqui nossa... para quem gosta, que é o ambiente natural que nos rodeia, apesar de tudo. E eu tenho muito orgulho de viver em Mortágua e temos dois fatores que é... temos floresta e temos água e isso a mim dá-me... a mim, pessoalmente, faz-me sentir muito bem. Quando eu precisar de ir nadar tenho muita água. (...) Temos a Albufeira da Agueira. Temos o Valongo, várias partes do Valongo onde se pode nadar. Temos o Rio Criz. (...) Para quem dá valor a isso! Há pessoas que estão a marimbar para isso, mas eu valorizo. Eu sou uma pessoa anormal. Eu valorizo, estar próxima da água e da floresta, por exemplo, da floresta que há próximo de minha casa. (Entrevista 29_DF, pág. 1, linha 257 a 284)

Mesmo para os jovens que ainda não tomaram qualquer decisão, o que os faria decidir ficar seria:

Estar num meio mais pequeno que eu acho que a qualidade de vida não se compara. Aqui posso ter uma casa, posso ter espaço, não tenho aquela confusão de ter de me levantar uma hora mais cedo ou meia hora para ir para o trabalho e também se eu quisesse ter um tipo de vida mais calma e optasse por médica de família e ficasse cá em Mortágua, acho que ia ter essa qualidade de

vida e acho que isso é atrativo (...) Pois, é assim, eu em Mortágua, se eu conseguisse ficar em Mortágua e trabalhar em Mortágua, acho que ia ter qualidade de vida, mas isso não significa que fosse isso que eu gostava mesmo de fazer. Para mim o modo de vida de qualidade não é 100% compatível com aquilo que eu gostava realmente de fazer. (...) poder sair de casa, por exemplo, 10 minutos antes de ir para o trabalho ou de ir para a Faculdade no meu caso ... e o contrário de qualidade, para mim, acho que assim acho que é mais fácil assim, é, por exemplo, ter de acordar uma hora antes, ter de apanhar este autocarro, ter de apanhar aquele, stress, só chegar a casa à noite depois de ter andado por todo o lado e eu acho que aqui conseguia ter isso, por ser um meio pequeno e ter ar puro também. (Entrevista 25_ND, pág. 2-3, linha 39 a 59)

O conceito de “qualidade de vida” e a “vida de qualidade” que desejam para si vai, contudo, sendo alterada consoante as fases etárias e de vida em que os jovens se encontram.

Qualidade de vida, penso que depende muito de... das fases etárias que tu vais passando. Neste momento, qualidade de vida, para mim, foi...deixar de fazer noites. Portanto, estou num patamar em que achei que deixar de fazer noites seria qualidade de vida, que era já o basta... por isso é que me meti neste novo projeto, porque me permite isso. Portanto, se... se eu me imagino quando for numa fase mais... daqui a uns anos, 15, 20 anos em que tenha algum poder económico se... se me imaginas o que seria qualidade de vida para ti era fazer algo que me dá prazer e que eu gosto, sem haver esta pressão de tempos, sem o fator económico e simplesmente ter esse tempo para investir naqueles jovens que eu falei há pouco. (...) Ah...sim e não! Nunca se sabe... a gente tem que ter várias opções. Mas... mas se provavelmente...provavelmente só virei quando deixar de trabalhar e não sei...

E - Se eu bem percebi, daquilo que tu falaste inicialmente o teu modo de qualidade de vida passa pela realização profissional e pessoal?

e - Sim! Sim! Tem que haver um balanço.

E - E nesse ponto de vista, o concelho não to oferece?

e - No início não oferece, mas se por... acho que não vais, mas imagina que te acontece qualquer coisa que não te permite trabalhar. Eu tenho este plano B de fazer algo... eu costumo dizer, se não te realizas de uma maneira, tens de procurar outra para obter realização pessoal e aí o concelho poderá oferecer-

me isso. (...) Pela qualidade de vida em termos de espaço, de... de natureza, de qualidade de vida em termos de paz de espírito, de não haver tanta correria no dia a dia. Isso permite. (Entrevista9_DS, pág.9-10, linha 258 a 280)

No caso do jovem emigrante na Rússia, a qualidade de vida e o modo de vida de qualidade que deseja para si passa pelo objetivo de alcançar objetivos profissionais mais ambiciosos que nem o concelho, nem a região lhe permitiriam alcançar.

Tenho a ambição de trabalhar numa empresa grande, que tenha projetos grandes e em que eu possa participar nesses projetos e essas empresas não existem sequer aqui! Ou se calhar não existem sequer em Coimbra ou não existem sequer em Aveiro. (...) Eu não sei se aquilo é qualidade de vida?! Hã... são opções profissionais! Não sei... acho que também tem um pouco a ver com a vaidade, com... com a realização profissional. Não sei... acho que há pessoas que se conformam em que um emprego é ter dinheiro no final do mês e ganhar bem, há pessoas que procuram desafios, em que não são tão bem pagas e que lhe dão muita dor de cabeça e que até não são assim tão bem pagas, mas que é aliciante porque são projetos arriscados! Eu acho que me enquadro mais na segunda parte. Obviamente não trabalho de graça. Nunca trabalhei de graça, mas... mas nunca fiz as minhas prioridades só relacionadas apenas pela componente financeira. Procurei sempre escolher os projetos mais ambiciosos e que me permitissem abrir outras portas. (...) No início quando acabei o curso fui trabalhar para... para a zona de Leiria. Depois, quando tive oportunidade de mudar para uma empresa maior, fui para a Roménia porque achava que se fosse para uma empresa maior, com projetos maiores, que a seguir viriam outros. Depois mudei para um ainda maior, para um projeto ainda maior e pronto! Para a frente, se calhar, há-de acontecer o percurso inverso, ou seja... em que venha para as empresas mais pequenas. Acho que é um pouco... não sei... acho que tudo depende das oportunidades que se encontra na altura em que se fala e das decisões que se tomam. (Entrevista 1_DS, pág.9, linha 232 a 254)

O retorno ao concelho, passa na perspetiva deste jovem por “ganhar o totoloto e reformar-me!!!!”

4.3 Diferentes jovens, avaliações diferenciadas?

A Câmara Municipal de Mortágua, através do Centro de Estudos Territoriais do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, desenvolveu, entre 2002 e 2005, no concelho de Mortágua um estudo a que deu o nome de “Estratégias para a Juventude no Desenvolvimento Socioeconómico de Mortágua”. Neste documento (não publicado) que visava o desenvolvimento de estratégias para a fixação e atração de jovens ao concelho, e em que foram envolvidos e auscultados inúmeros jovens e os principais agentes de desenvolvimento local, a falta de emprego local compatível com as expectativas e formação foi também o fator referenciado como determinante na relação com a saída dos jovens do concelho.

Aquando do trabalho exploratório que conduzi recentemente neste território e que deu origem à presente dissertação, a questão do emprego foi novamente referenciada de forma transversal a todas as entrevistas como fator central e determinante na tomada de decisão dos jovens de fixação ou de saída do concelho de Mortágua.

Determinante na saída, sobretudo nos casos em que os jovens possuem expectativas pessoais, profissionais e materiais com características de maior ambição, e que, desde logo, percebem que não são passíveis de realização nos seus territórios de origem.

Da saída, eu acho que Mortágua tem vantagens e inconvenientes. Dá para falar das duas vertentes. Para a saída, uma pessoa que estuda as oportunidades aqui, seja aqui ou nos concelhos à volta, seja Tondela, Santa Comba Dão, Tábua, Penacova são poucas. (...) Oportunidades a nível de colocação. A nível de trabalho e de emprego. São poucas e algumas nós não podemos comparar, por exemplo, uma oportunidade vamos supor, no meu caso, em Turismo, em Viseu do que em Lisboa. As condições, as remunerações, penso que não terão nada a ver. E isso leva as pessoas que estudam fora a querer entre aspas a procurar oportunidades fora daqui e a não ser a primeira opção. Porque de facto, às vezes a opção não existe. Também penso que há pessoas que procuram fora antes de procurar aqui.

E- Mas fora, onde?

Capitais. Por exemplo, Lisboa ou então Porto ou Coimbra. Primeiro, porque é muito aquela coisa, onde se estuda gostava de se trabalhar. Segundo, ir trabalhar em Lisboa dá um curriculum diferente do que em Viseu. Também há pessoas que se guiam por isso. Eu comecei assim e acho que ainda há muita gente que faz assim, obviamente. (Entrevista 07_DF, pág. 13 a 28)

A idade, as diferentes fases de vida, parecem também ser determinantes na tomada de decisão dos jovens.

... a gente...a gente... quando aquela fase de decisão, dos 18 anos... a fase de decisão dos jovens, de escolher a área que nós queremos seguir, depois passados 4 ou 5 anos, no fim de nós termos a licenciatura, às vezes as possibilidades de emprego que nós temos não são abrangentes, não são... não existem e depois o que é que acontece? Acontece as pessoas saírem fora do concelho ou saírem fora do país ou então ficarem sem trabalho. Refiro-me nomeadamente ou especificamente à área da educação. Há imensos... imensos professores desempregados. (Entrevista 16_DF, pág. 12, linha 289 a 295)

O momento da decisão na transição dos jovens para a vida adulta, numa fase de vida marcada pela construção dos seus projetos de vida, ao nível de formação, familiar e profissional, associado com a tomada de consciência dos constrangimentos e das fragilidades dos territórios e da sua incapacidade de satisfação desses projetos de vida determinam com frequência o processo de decisão de saída dos jovens do concelho.

Eu acho que começamos pelas oportunidades, porque no meu caso, eu sempre pensei que não havia espaço para mim no Centro de Saúde de Mortágua ou no redor, em Mortágua e como se calhar como Mortágua concelho é tão grande e tão vasto em termos de área, eu, nós de localidades mais próximas de Coimbra, sempre a minha vertente foi deslocar. Nunca pensei ir para Viseu trabalhar, nunca pensei... embora estivesse um ano a trabalhar lá. Porque não fica... não é. Eu acho que acima de tudo os jovens vêem-se obrigados a sair, a procurar outras opções de trabalho. Outras opções, porque no fundo não há oferta para todos! E se ponderarmos que a maior parte dos jovens em Mortágua estudam, portanto, as pessoas não têm... o concelho não tem capacidade para absorver toda a gente, porque no fundo nós temos uma alta.. nós temos uma alta escolaridade. (Entrevista_09_DS, pág. 1, linha 13 a 23)

Entre os jovens entrevistados denota-se ainda a clara noção de que o concelho de Mortágua possui um elevado nível de qualificação dos jovens, o que é, se assumirmos o capital humano, como elemento chave de qualquer território, uma vantagem comparativa do concelho. Contudo, existe também a noção de que o concelho não tem capacidade para absorver esse leque tão diversificado de qualificações. Este capital humano que poderia à partida, ser entendido como uma mais-valia para o concelho, poderá, por tal motivo, surtir o efeito perverso de fuga para outros territórios mais atrativos, seja territórios urbanos do país seja do estrangeiro.

Porque... porque eu acho que cada vez mais nós temos grandes expectativas em relação ao nosso futuro, não é? E depois nós temos cada vez mais formação em muitas áreas, não é? Porque antes não se sabia falar línguas. Agora uma pessoa tira um curso e sabe falar não sei quantas línguas, tem cada vez mais formação em tudo, não é? E quer... quer... quer ver isso de alguma forma... não sei? Quer ter uma boa carreira, quer subir na carreira e isso cá é quase impossívél!!! Ter um emprego já é difícil, não é? E depois ter um emprego que corresponda às expetativas de uma pessoa é difícil em muitas áreas. (Entrevista 13_DF, pág. 8-9, linha 225 a 231)

Conclui-se, contudo, das entrevistas realizadas, que existem no concelho algumas áreas profissionais de qualificação superior com elevado nível de empregabilidade, nomeadamente na área das ciências farmacêuticas, dada a existência de indústrias farmacêuticas no concelho. Nessas áreas de formação, o concelho de Mortágua oferece, na perspetiva dos jovens, empregabilidade e, conseqüentemente, condições de fixação.

Sim. Na minha área sim. Nas outras áreas não. Eu por acaso tenho sorte de ser de farmácia e tenho a Labialfarma, tenho a Basi e tenho a farmácia onde fiquei e acabo por ter... eu acho que até tenho boas condições e boa qualidade de vida. (...) Nos outros é muito complicado. Tem... principalmente as pessoas que eu conheço que têm cursos... é muito complicado. Estão numa certa área e que não têm emprego. É mais essa a questão. Por exemplo, o meu irmão tirou design e multimédia. Aqui em Mortágua, provavelmente, não ía ter nenhum emprego relevante, não é?! Não havia nada para ele, porque não há! Não é?! Como ele, muita gente! Pessoas tem que acabar... acabam por sair, porque não tem... não tem emprego, nem tem perspetivas de evolução na carreira, nem tem nada desse género. (Entrevista 13_DF, pág. 7 – 8, linha 188 a 204)

Para além de bem identificados os setores de atividade, as áreas de maior empregabilidade oferecidas pelo concelho e reconhecida a escassez de oportunidades nas restantes áreas, as entrevistas realizadas permitem ainda evidenciar o desenvolvimento económico do concelho dos últimos anos, com a instalação de novas empresas e a consequente maior oferta de emprego qualificado.

Sim, porque é como eu te disse há bocado, há várias... há várias áreas em que tu em Mortágua consegues ter uma perspetiva de carreira e consegues avançar, mas há outras que nem por isso. (...) É assim... não são áreas... temos as duas vertentes. Tens, nós ultimamente temos em Mortágua a indústria farmacêutica a crescer muito. Isso é uma área qualificada e acho que nessa área sim. Quem opta pela formação farmacêutica, poderá ter, com alguma sorte claro, alguma perspetiva futura. Agora... a área florestal, também, não é? Há sempre a parte da mão-de-obra que não é necessariamente qualificada, mas depois há a parte da engenharia florestal, há várias áreas, nós temos a Central Termoelétrica, temos a *Pellets Power*, temos várias empresas que se especializaram na floresta e que necessitam de mão-de-obra qualificada. (...). Em determinadas áreas claro que tem. Se calhar há 10 anos atrás não tinha! Nós tivemos um *boom* para aí há uns 6 ou 7 anos atrás. Antes tínhamos uma única indústria farmacêutica pequenina que era a *Labialfarma*." (Entrevista 18_DF, pág.8, linha 238 a 252)

Por outro lado, as entrevistas realizadas permitem também concluir que a maioria dos jovens, dos três grupos em análise, considera que o concelho de Mortágua oferece melhores condições de atração para os jovens com menores qualificações. Nos casos dos jovens entrevistados com menores habilitações, verifica-se, por vezes, a ideia de que não há desemprego entre os jovens menos qualificados.

Eu acho que aqui em Mortágua isto é um lugar assim mais direcionado para as pessoas que não tenham assim muito... tipo um curso superior, não sei?! Por exemplo, temos ali a zona industrial, mas uma pessoa não tira um curso superior para depois ir trabalhar numa fábrica (...) Pronto... lá está, a indústria farmacêutica ainda emprega alguns cursos universitários. Mas isso é só em alguma parte. Não sei?! Mesmo a área florestal também está... bem estou agora a pensar, tenho um colega meu que está a pensar tirar um curso superior nisso para continuar [com a empresa do pai que é empresário florestal] (Entrevista 04_ND, pág. 7, linha 190 a201)

Essa opinião é transversal a todas as idades, variando sobretudo com o nível de qualificações dos entrevistados.

Entre os jovens entrevistados que tomaram a decisão de ficar no território de origem, com habilitações superiores, verifica-se que ou tiveram uma oportunidade de emprego na área ou, por outras razões, maioritariamente familiares, optaram por se fixar no concelho de Mortágua, embora aceitando trabalhos menos qualificados e com menores remunerações.

...É como lhe disse, as pessoas que não conseguem trabalho na área de formação superior que seguiram e, então, sujeitam-se ao trabalho menos... com... ao trabalho que carece de menos formação, não é?! E sujeitam-se tanto ao trabalho mais baixo, mas ao menos tem um emprego, têm um ordenado, não é? (...) Infelizmente há muitos licenciados a não ganharem mais do que o ordenado mínimo, acho eu? Cada vez mais!" (Entrevista 16_DF, pág. 12, linha 298 a 305)

Foi o caso, da jovem licenciada em fotografia, que optou por um trabalho menos qualificado e numa área de atividade completamente diferente, apenas, porque por razões familiares, se decidiu fixar no concelho.

e - Sim. Tirei licenciatura em fotografia e em muitos sítios aqui na zona, não só em Mortágua, mas em Santa Comba e todos estes..., onde eu ia pedir emprego, diziam-me pois se não fosse licenciada, conseguíamos-lhe pagar a um preço muito mais baixo e dar-lhe-ia emprego mais facilmente do que com uma licenciatura.

E - E acabaste por te fixar noutra área?

e - Sim noutra área, sem ser a minha, para me poder manter cá. (Entrevista 17_DF, pág.6, linha 167 a 177)

Das entrevistas realizadas aos jovens, nomeadamente do grupo de jovens que tomou a decisão de ficar no concelho, foi também possível perceber dos seus discursos a fixação no concelho de alguns adultos jovens, por razões familiares e que diariamente se deslocam para as cidades mais próximas como Coimbra e Viseu. Entre todos os auscultados, apenas um jovem efetua este tipo de migração pendular para a vizinha cidade de Tondela. No entanto, em conversa com os entrevistados foi possível perceber a existência de vários jovens do concelho, a realizarem essa mobilidade pendular sobretudo

acima dos 35 anos de idade, maioritariamente do sexo feminino e numa fase de vida familiar já estabilizada, com habitação em Mortágua e com filhos.

Concordo. Concordo. Vai ao encontro daquilo que eu disse. Se não há formas de fixar, não há emprego. Há pouco emprego, não é só ao nível do concelho de Mortágua, pronto, é também a nível nacional, mas nós aqui, atendendo a que é um meio pequeno, a indústria está parada, não existem outros meios de aliciar os jovens a cá ficar, ou existe realmente uma relação muito forte familiar e as pessoas acabam por fazer o sacrifício de fazer os transportes... de realizar as distâncias a uma grande cidade para ir trabalhar, para uma cidade como Coimbra e Viseu e fazem esse esforço atendendo a que tem uma boa relação familiar e para manter um pouco as suas raízes ou então têm mesmo de sair daqui. (...) Mais para quadros superiores. Mais, talvez, para quem tem expectativas superiores. Eu acho que a nível de... como é que eu hei-de dizer, os não quadro técnicos ainda vão conseguindo alguma coisa. Nós vivemos bastante a nível da floresta, não é?! Mortágua, o principal rendimento a nível do concelho é esse. Há... para pessoas que não tenham cursos superiores, que não sejam quadros superiores, talvez por aí... esses talvez se mantenham cá. Agora os outros, talvez dificilmente.” (Entrevista 22_DF, pág.5-6, linha 143 a 162)

Segundo Paulo Baronet, no estudo de carácter exploratório que conduziu no concelho de Castro Daire aquando da elaboração da sua dissertação,

A representação geral destes jovens sobre quem migra e para onde, é clara: os jovens qualificados tentam colmatar as falhas de inserção no mercado de emprego local nos grandes centros urbanos, dentro de Portugal enquanto os jovens menos qualificados, procuram a sua sorte no estrangeiro. Mas será fundamentada esta representação? Se formos analisar a problemática no contexto do mercado de trabalho e das recompensas diretas ou indiretas que ele implica (reconhecimento, bons/fracos salários, status, progressão na carreira, realização profissional, etc), veremos que poderá haver uma explicação para este facto. As remunerações no mercado secundário tendencialmente correspondem a um salário mínimo ou pouco mais do que isso. Os jovens pouco qualificados, perfil adequado desse mercado secundário, poucas oportunidades têm de crescer dentro desse mercado. Se associarmos a essa dificuldade, a questão do desemprego e uma certa ambição, veremos que existem razões plausíveis para que os jovens com menos qualificações optem

pelo estrangeiro onde os salários permitem, numa mesma profissão exercida em Portugal, uma qualidade de vida superior a que se poderia viver no continente. O que está em jogo não é a profissão em si, mas as regalias que ela permite. (Baronet, 2010:74).

No caso de Mortágua, a conclusão parece ser divergente, os jovens identificam oportunidades de emprego no concelho maioritariamente para os jovens com menores qualificações e que estão disponíveis para integrarem o mercado formal de emprego em profissões indiferenciadas, com menor remuneração e menor *status*.

“Sim, tem cá grandes empresas e assim que dão emprego a muitos jovens e assim... se quiserem têm hipóteses de cá ficar. (...) Por exemplo, na LABIALFARMA talvez. Mas são assim áreas em que não é preciso assim nenhum curso específico. É mais trabalho... trabalho com o 12º ou assim que eles aceitam lá os jovens. (...) Na floresta também, só que aí já é uma área mais dura, mas tem muito trabalho. “ (Entrevista_20_ND, pág.8, linha 228 a 255)

Pelo contrário, as suas representações sobre quem migra recaem sobretudo sobre os jovens com maiores qualificações que migram necessariamente para as cidades dentro do país ou que, cada vez mais, emigram mesmo para as principais cidades dos países da Europa Central e também de África, em busca de melhores oportunidades de emprego e condições económicas, recorrendo às redes de apoio e conhecimento de familiares e amigos que anteriormente seguiram já trajetórias de emigração.

4.4 Decisões condicionadas pela crise?

Auscultámos também os jovens a fim de verificar a existência de relação entre o atual contexto de crise e a tomada de decisão dos jovens.

Mas porque se fala tanto de crise?

Em grego, *krisis* significa decisão. E decisão vem de cisão [*scission*]. As cisões aparecem associadas ao caos e à instabilidade gerando indecisão. A crise é o momento de indecisão que apela à decisão. A crise deve pois ser entendida no sentido de que os paradigmas emergentes da contemporaneidade são os da indecisão. Tudo é instável. (Pais, 2001:20)

Ainda segundo Pais (1990), são muitos os problemas que afetam a “juventude”, mas um dos problemas que mais faz dela um problema social deriva da sua dificuldade, sempre crescente, de entrada no mundo do trabalho. Segundo este autor, “de facto, a crise de emprego, que é extensiva a toda a Europa Ocidental e que, entre outras razões, se deve ao *baby boom* posterior à segunda guerra mundial, tem afetado principalmente os jovens.”(Pais, 1990:141)

Quando questionados, sobre se a crise económica que vivenciamos pode condicionar e determinar o sentido da sua decisão, os jovens são unânimes ao afirmar que a crise condiciona. Mas se todos concordam que a crise condiciona, já não o fazem de forma tão unânime relativamente ao sentido que determina, ficar ou partir e, no caso de partir, para onde.

Na sua maioria, os jovens entendem que a crise condiciona a sua decisão no sentido de sair do concelho para as cidades e hoje, também, para o estrangeiro.

Acho que sim. Pode. Pode. Pode principalmente na procura de emprego. Eu não vou ficar para sempre a depender dos meus familiares. Tem de se fazer alguma opção, tem de se tomar alguma decisão e ir à luta e pronto. E... é a crise, não é?! Não é tão fácil para quem... nós, quem está a depender de outros, acaba por se sentir mal também e quer procurar e quer também fazer a sua vida e não ficar sempre a depender dos outros que também passam dificuldades neste momento. (...) alguns mesmo para o estrangeiro. Eu, por exemplo, da minha área, do meu curso foi tudo para o estrangeiro. Tudo, os que já conseguiram, claro! (...) Tenho dois colegas na Bélgica e três em Inglaterra. (Entrevista 27_ND, pág. 12, linha 325 a 328)

Há, no entanto, na reflexão dos jovens entrevistados, a noção de que este contexto de crise e as dificuldades que lhe estão associadas não são apenas uma problemática do concelho de Mortágua, mas de todo o país, pelo que, em seu entender, as cidades, os principais meios urbanos do país, já não representam o *el dorado* que atraiu durante anos os jovens rurais. Também aí nesses territórios se verifica a redução de oportunidades e a existência de desemprego, o que faz ponderar a decisão dos jovens, colocando na balança os prós e contras de ambos os territórios.

As pessoas afastam-se mais para os meios... para as cidades onde há mais procura de emprego, há mais oferta, há mais perspetivas de evolução e talvez

nos meios mais rurais as pessoas por esse motivo não se fixem tanto. Apesar de agora estarem a voltar novamente aos meios rurais. (...) Porque também comece a haver algum emprego nessas zonas, há o apoio também da família que nos momentos difíceis que atravessam leva a que eles regressem e se fixem pela vida mais calma e sossegada e também porque há mais ofertas de emprego. (Entrevista 05_DS, pág. 1, linha 13 a 21)

Por estas razões, alguns jovens entendem que o atual contexto de crise pode determinar a decisão de regresso “à zona de conforto” do apoio familiar.

Pode determinar e muito! Voltar... voltar ao meio rural, voltar a casa dos pais... por força da crise e do desemprego estar a aumentar e não terem condições financeiramente para viver no meio urbano. (...) Sim. Pode ser favorável à fixação de jovens no meio rural. (Entrevista 02_DS_ pág. 7, linha 193 a 198)

Na representação dos jovens entrevistados, verifica-se, pois, em contexto de crise, um maior equilíbrio e aproximação entre as oportunidades oferecidas aos jovens pelos territórios rurais e urbanos, fazendo-os ponderar melhor as suas decisões.

Eu acho que possivelmente a crise vai fazer com que a maior parte das pessoas acabem por optar por ficar no local de origem, porque a crise de emprego neste momento há em todo o lado e acaba por ser mais fácil e muito mais vantajoso viver no meio rural em que se tem sempre acesso a bens alimentares, melhor qualidade de vida e menor despesa a nível da casa, de transportes e de tudo o mais do que numa grande cidade. Falta de emprego numa grande cidade não é opção de vida para ninguém! (...) que já se verifica em muitos casos e há muitas pessoas a voltar para os meios rurais à conta da crise que se faz sentir nas cidades. (Entrevista 06_DS, pág. 8, linha 215 a 223)

Por último, na representação de alguns jovens entrevistados, o contexto de crise manifesta-se como uma eventual janela de oportunidades. A criação do próprio emprego, o empreendedorismo e a inovação poderão ser, em seu entender, o reverso da crise e um desafio de criatividade para a fixação de jovens no seu território de origem e para o desenvolvimento destes territórios rurais e do próprio país.

Eu acho que às vezes... tipo... isto da crise acaba por ser tipo uma porta de criatividade e tudo para estes jovens que não conseguem até emprego e que podem criar o seu próprio emprego. Há zonas... sem dúvida que agora... e tendo a pirâmide das necessidades como referência (...) se começarmos por baixo pela

agricultura e pela pecuária, acho que é por aí que o país se vai desenvolver e os jovens vão desenvolver os próprios projetos. Acho eu que agora nos últimos tempos em que se tem falado desta crise, a agricultura até se tem desenvolvido bastante bem... tipo que há muitos projetos a surgir e há apoios da comunidade europeia e tudo. Penso que este contexto de crise e tudo que se fala às vezes acaba por ser.. por ser benéfico para algumas pessoas que acabam por não se acomodar basicamente àquele emprego que tinham e que pensam que é o emprego que era para a vida e que deixou de ser e até acabam por montar o seu próprio negócio por ser bem-sucedidos. Se calhar até há outros que correm mal. Mas isso é como em tudo na vida. Sem dúvida que o pessoal novo, não tendo... não tendo emprego e tudo pode ter um espírito muito mais empreendedor, porque acabam por não ter nada a perder Só têm a ganhar e até conseguem exportar e internacionalizar. Não é a primeira empresa de Mortágua que está bem cotada a nível internacional, de jovens. (Entrevista 21_DS, pág. 11, linha 287 a 303)

4.5 Consequências do êxodo rural

A generalidade dos jovens entrevistados apresentam como consequências da saída dos jovens do concelho de Mortágua para outros territórios, o “envelhecimento da população”, “cada vez menos crianças”, “cada vez aldeias mais vazias” e “casas abandonadas”, “os idosos morrem e não há quem se dedique à agricultura e está tudo a acabar!”

“... O que está à vista é o envelhecimento da população para começar. Porque jovens há cada vez... jovens há muitos ao fim de semana, à noite, há muitos porque vêm passar o fim-de-semana a casa. Mas depois durante a semana nota-se que... Sim, como há cada vez menos jovens a fixarem-se independentemente da razão, há... é óbvio que não há renovação das gerações, as escolas têm cada vez menos meninos, há cada vez mais idosos a irem para o centro de saúde, para o lar, etc. e não há aqui a renovação do sangue que normalmente é necessário para a dinamização de uma economia e isto a médio prazo pode ser um grande problema para o nosso concelho e para muitos concelhos interiores. Isso sem dúvida! Nacional! É basicamente metade do território, o envelhecimento da população que leva por sua vez ao pouco dinamismo económico porque não há pessoas que queiram apostar, que

queiram criar coisas novas no sítio, porque também não há clientes. É todo o efeito bola de neve, mas acho que o envelhecimento da população e a não renovação do sangue ainda não é problema, mas pode rapidamente passar a ser.” (Entrevista_07_DF, pág. 15-16, linha 407 a 433)

É possível denotar no discurso destes jovens o desalento com que encaram o futuro de um concelho que consideram em risco de sustentabilidade. Em seu entender, Mortágua enfrenta reais ameaças de apatia económica, social e cultural, provocada pelas sucessivas perdas de capital humano, jovem, crescentemente qualificado, dinâmico, com espírito crítico, em idade fértil e que, deste modo, coloca o concelho perante reais cenários de desertificação.

Fica desertificado, não é?! A população não se renova. Hã... não há... portanto, as pessoas como cá não têm cá emprego vão para fora e todo... toda a parte económica que ainda existe na vila não tem sustento. As lojas, o comércio, não há pessoas, não há capital, não há circulação e acaba por não se conseguir sustentar. Portanto, era bom que as pessoas regressassem. Em termos económicos, associativos e em tudo. Não há renovação, não há quem pegue, quem assuma. Não há ideias novas e isso depois faz com que a vila fique estagnada (...) Acho... tem que haver alguém que venha e se envolva, não é?! Porque a verdade é que ninguém quer assumir encargos e responsabilidades. O melhor é andar livre e sem nada para fazer. Assim faço o que quero! (Entrevista 05_DS, pág. 13, linha 358 a 371)

Em todos os grupos de jovens entrevistados, o êxodo rural, o despovoamento, as migrações internas em direção ao litoral urbanizado e externas em direção aos países da Europa Central ou de África, são entendidos como um processo de aprendizagem, fazendo parte integrante dos seus processos de socialização. Há sucessivas décadas que estes fenómenos se fazem sentir no concelho, pelo que existe forte familiaridade com os contextos de decisão de saída.

“As consequências... Mortágua está... tem... as consequências... eu utilizo sempre exemplos mais pequenos para depois extrapolar para os grandes. É o que vai acontecer nas aldeias. Há aldeias que estão a desaparecer, depois são as vilas, depois vai ser não sei o quê e depois só vai haver... é óbvio que não é em 5 ou 10 anos, mas a tendência julgo eu... eu sinceramente acho que a tendência é essa. Acho que... mesmo nas aldeias, eu não sei como é cá em

Mortágua, mas noto... eu acho que...agora, tipo com esta crise, a quantidade de pessoal que eu vi sair de Portugal da minha idade é um...como é que eu hei-de dizer... a mim assusta-me, porque eu começo a pensar que também vou ter de fazer o mesmo porque está toda a gente a fazer isso. E não tem lógica! Tipo... acho que... eu sou... tipo um sonhador, eu acho que Portugal, Mortágua e todos os sítios têm excelentes condições para tudo e mais alguma coisa. E acho que há sempre uma pessoa interessada num negócio qualquer, para fazer a coisa mais bonita. Pode não interessar a 200 pessoas, mas há sempre alguém que interessa. Por isso, se houvesse outra dinâmica e conseguisse desenvolver, se fosse preciso cá gente, se houvesse mais oferta do que pessoas, isso automaticamente ia fazer com que as coisas evoluíssem. (...) Não é esta saída que me preocupa. O que me preocupa são todas as pessoas que andaram a estudar e que bazaram. Isso é que me preocupa muito!!!” (Entrevista 08_DS, pág 494 a 515)

Existe, no entanto, entre os jovens entrevistados a perceção de que este novo fenómeno migratório a que assistimos atualmente, apresenta configurações diferentes dos verificados em décadas anteriores. Os novos fenómenos de emigração não representam o envio de remessas para o concelho tal como acontecia anteriormente. Em seu entender, esta emigração não configura a vontade de retorno a curto ou médio prazo, mas apenas a longo prazo, talvez, já só na idade de reforma.

Eu acho que podemos dividir isto em duas partes... ou pelo menos se fosse há 30 anos atrás dividiam-se dizia-se que era benéfico, porque a saída dos emigrantes traria remessas e divisas para o concelho. Hoje em dia, penso que não será para investir de novo no concelho, penso que não é benéfico. Ou seja, o êxodo, a população fica muito mais envelhecida e acho que a minha geração de pessoas que estão a sair do concelho não é com a perspectiva de passar 10 anos para fora e voltar para o concelho de Mortágua... e não é benéfico para o concelho de Mortágua! (Entrevista 01_DS, pág. 12 - 13, linha 342 a 349)

4.6 Perspetivas de Retorno

Das entrevistas realizadas com os jovens do concelho de Mortágua que decidiram partir, e que se encontram fora do concelho há pelo menos 5 anos, foi possível aferir o desejo de regresso às suas origens.

Gostaria muito. Imenso! (...) Porque sou muito dada à raiz. Eu sou... lá está, como eu falei anteriormente, porque eu sou muito ligada à família e os laços familiares são muito fortes, em primeiro lugar, e, em segundo lugar, porque gosto muito do meu concelho e da minha terra, das suas origens e de tudo o que envolve, as tradições, os costumes e disso tudo” (Entrevista 02_DS, pág. 8, linha 208 a 214)

As raízes, a família, os fortes laços familiares, a ligação ao território de origem e às suas características de ruralidade, são os fatores que mais pesam e influenciam essa decisão de retorno.

É assim... não é nada que não me tenha passado pela cabeça. Hã... residir cá e possivelmente virei, não é? Mais pelo acompanhamento familiar. (...) Vir para mais próximo. Já tive várias vezes essa ideia de vir para mais próximo. Penso que sim, o futuro irá passar por essa... por essa escolha. (Entrevista 05_DS, pág. 12, linha 327 a 348)

No caso do perfil de jovens mais ambiciosos e que seguiram percursos de emigração, essas ligações parecem ser mais ténues. Não é colocada de parte a possibilidade de retorno, mas o horizonte temporal de regresso é colocado apenas numa perspetiva mais longínqua.

Acho que sim... que poderia voltar, mas primeiro nunca fui uma pessoa muito presa à terra, nem... Gosto muito do sítio onde nasci e cresci. Não nego as minhas origens, mas não é... não tinha aquela coisa quero sair 10 anos e quero voltar porque é aqui que quero fazer a minha vida... acho que também há outros sítios que também são interessantes. Mas o inverso também não me é indiferente. Nunca digo, não, não quero voltar! Uma palavra assim um bocado feia, digamos que a indiferença... não me é indiferente, mas não é uma prioridade para mim voltar para Mortágua ou voltar para viver no concelho de Mortágua. (Entrevista 01_DS, pág. 12, linha 332 a 339)

4.7 Projetos Futuros

Quando questionados sobre o interesse na participação em projetos locais a desenvolver em Mortágua, de um modo geral, todos os entrevistados manifestam vontade em colaborar, em alguns casos assumindo, mesmo, papel de organização e dinamização. As sugestões de projetos a desenvolver são variadas e vão desde o empreendedorismo/ações de dinamização empresarial, à cultura, ao desporto, ao associativismo e ação social, ao património e ambiente.

“Acho que o desenvolvimento empresarial. Dinamizar um pouco. Acho que isto... o concelho de Mortágua precisa um pouco... a determinada altura precisa de um abanão! Não só esperar que sejam as instituições públicas a criar trabalho. Falta-nos algum empreendedorismo. Acho eu. Sempre foi! (...) acho que sim, sempre tivemos um pouco de medo de arriscar! Eu morei na zona de Leiria durante 5 anos (Leiria, Batalha, Porto de Mós...) e o que é certo é que havia... também porque havia muitos mais serviços, não é? Havendo muito mais empresas, havia muito mais necessidade e é possível encontrar um nicho que sirva a todas as partes. Aqui não. A maior parte das nossas atividades restringem-se às culturas do... às áreas das madeiras e a alguns serviços. É muito mais difícil criar algo... se nós não temos procura. Mas também me dá a ideia de que... que nós não temos muito este nervo assim de... vamos criar, vamos fazer algo, vamos arriscar! Acho que falta-nos um pouco de... arriscar um pouco. Acho que é um pouco isso!” (Entrevista 01_DS, pág.6-7, linha 158 a 171)

O mesmo jovem, apesar de ser emigrante, quando questionado quanto ao papel que gostaria de assumir refere:

... Não sei... dinamizador, sim! Mas isso não se faz... não se faz... é uma corrente que tem que se criar um pouco e não se faz sozinho e essa corrente tem de partir... eu acho... acabamos por optar pela corrente que é mais fácil... ou seja, eu não tenho aqui, então vamos criar aqui, vamos andar aqui, vamos puxar por nós, porque acreditamos que é possível fazer. Achamos que é tudo muito difícil e o caminho mais fácil é mesmo... porque é que eu tenho de estar aqui... desloco-me 100 km ou 150 km procuro noutro lado e vivo bem na mesma. Acho que é um pouco também por comodismo, se calhar. (Entrevista 01_DS, pág.7, linha 175 a 183)

A cultura, o desporto e o associativismo são também áreas onde são sugeridos inúmeros projetos.

Hum... é assim... daqueles eventos tipo... férias para crianças. Das férias de verão, de os acompanhar... tipo daquelas férias de Verão que há aqui. Estar num clube também era engraçado. Treinar uma equipa e também incentivar aí os jovens a descobrirem outros tipos de desportos que nos meios rurais não há.
(Entrevista 03_ND, pág.5, linha 135 a 139)

A preocupação com as questões ambientais, nomeadamente com a necessidade de proteção da floresta autóctone é também referida por alguns entrevistados que sugerem a dinamização de projetos na área da sensibilização ambiental e da prática de desporto ao ar livre.

Sei lá, talvez na dinamização de projetos mais lúdicos e desportivos. Proteção do meio ambiente que acho que está assim a ser descurada. (...) Porque toda a gente se preocupa ou começa a preocupar em arranjar dinheiro fácil nomeadamente na destruição de tudo o que é floresta original e tudo o que é plantado é eucaliptos e afins e que dá dinheiro fácil, mas logo aí acabam... portanto, depois não temos água, cada vez os rios têm menos caudal e pronto... Também a nível infantil, cada vez os miúdos estão mais em casa a ver televisão, pelo que a dinamização de eventos desportivos e ao ar livre seriam uma forma de os levar à rua e àquilo que nós vivíamos quando éramos crianças!!! Que era de uma liberdade e uma saúde completamente diferente!!!
(Entrevista 06_DS_ pág.5, linha 127 a 134)

De realçar, sobretudo, a vontade de manter a ligação ao território de origem e a manifestação de interesse na participação, ou até organização, em projetos locais a dinamizar no futuro.

5 CONCLUSÃO

Num Portugal de desequilíbrios e fortes assimetrias, contrariamos com José Reis (1997) “algumas das opiniões urbanocêntricas que por vezes enformam as visões dominantes e julgam que no interior há apenas lugares visitáveis” e acreditamos com ele que “o desafio que vale a pena aceitarmos é o de termos a certeza que o interior não é apenas visitável, é também, cada vez mais habitável”.

O desafio central que se coloca, pois, aos territórios do interior cada vez mais habitáveis é o de permanecerem habitados! E os jovens, ativos e em idade fértil, com capacidade e espírito crítico, portadores de potencial endógeno e principais agentes de mudança, são bem preciosos e escassos nestes territórios, constituindo-se como peça central neste *puzzle* a que chamamos Futuro e Desenvolvimento. Mas são eles os “principais protagonistas do despovoamento” (Baronet, 2010). Quisemos saber o porquê?

Ao longo da investigação realizada no concelho de Mortágua demos voz aos jovens, diferentes jovens, procurando perceber *as razões que, na sua perspetiva, determinam a sua opção de saída ou fixação nesses territórios*.

A conclusão central da investigação realizada, transversal a todos os grupos de jovens entrevistados, é a de que a existência de oportunidades de emprego se torna determinante para a sua tomada de decisão de fixação no interior. Corrobora-se, assim, a nossa hipótese de que “a oportunidade de emprego constitui a condição principal de fixação”. Em simultâneo, a não existência dessa oportunidade de emprego constitui-se também como determinante para a decisão de saída.

Na opinião da maioria dos jovens, o território de Mortágua oferece boas condições para a fixação, boa localização geográfica, boa qualidade de vida, boa integração familiar, boas relações primárias (de amizade e vizinhança) e de participação associativa. Consideram-se, também, fortes as relações primárias e aceita-se a sua influência na tomada de decisão, mas apenas a família fixa no território.

Contudo, o facto de o território não oferecer oportunidades de emprego compatível com as qualificações e expectativas pessoais e profissionais dos jovens, sobretudo, os mais ambiciosos, força-os a procurar territórios urbanos capazes de

oferecer essas oportunidades. E a avaliação da existência ou não dessas oportunidades é efetuada de forma diferenciada, o que corrobora também a hipótese secundária de que “a avaliação pelos jovens dessas condições varia com o nível de escolaridade, condição social e idade”.

Existe entre os entrevistados mais jovens, que ainda não decidiram e que estão mais próximos da passagem para a vida adulta, a percepção de que a sua tomada de decisão será de inevitável saída do território para centros urbanos, e face ao contexto de crise que vivemos em Portugal, até mesmo para outros países. Essa percepção, relativamente ao contexto de crise, não é transversal a todos os jovens, entendendo alguns que pode determinar a decisão de regresso à “zona de conforto” do apoio familiar, ou abrir janelas de oportunidade de criação de negócio e de inovação. Para além disso, o contexto de crise, parece gerar um maior equilíbrio de forças entre os territórios de origem e os territórios urbanos. Os jovens identificam, por um lado, escassez de oportunidades de emprego e rendimentos menores também nas cidades e, por outro lado, maior segurança, devido à retaguarda familiar no território de origem, o que os leva agora a ponderar melhor aquando da tomada de decisão.

Verifica-se também que os jovens com menor escolaridade, avaliam de forma mais favorável a existência de boas condições para a fixação, pela maior facilidade de obtenção de emprego no território de origem.

Relativamente às perspetivas futuras de retorno dos jovens mais velhos, que decidiram sair do concelho há pelo menos 5 anos, ele é encarado de forma diferenciada, sendo a temporalidade indicada apenas na situação de reforma e para fruir da qualidade de vida que o concelho tem para oferecer no caso dos mais ambiciosos, ou a curto prazo para os restantes, desde que garantida a obtenção de emprego. Por último, na percepção da totalidade dos jovens entrevistados, o futuro do território do concelho de Mortágua, em resultado da contínua saída dos jovens, é sombrio e encontra-se fortemente ameaçado. Haverá volta a dar?

Em seu entender, a condição essencial para inverter a saída de jovens do concelho passa pelo desenvolvimento económico, captação de investimento e criação de emprego. Essa é aliás, uma das áreas em que surgem propostas de projetos futuros a desenvolver

no concelho, onde os jovens gostariam de participar. De uma maneira geral, todos os entrevistados, mesmo os mais velhos que já saíram há alguns anos do concelho, manifestam disponibilidade para participação em projetos futuros a organizar no concelho e deixam sugestões.

Em suma, é possível concluir que os territórios de origem, apesar de terem identificado inúmeros fatores de atração, forte enraizamento, boa localização geográfica, boas condições naturais, sociais, culturais e económicas, boas acessibilidades, boas infraestruturas, boa dinâmica associativa, coesão social, boas condições e qualidade de vida, não oferecem condições de fixação, sempre que não possibilitarem a existência de oportunidades de emprego, nomeadamente, emprego compatível com as habilitações escolares e profissionais, capazes de possibilitar localmente a realização de aspirações profissionais e materiais construídas enquanto projeto de vida pelos jovens no seu contexto de transição para a vida adulta.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICES (1999) *O Presente e o Futuro sobre o Olhar Atento das Nossas Crianças*. Santa Comba Dão: Adices.
- Almeida, João Ferreira de (1999) *Classes Sociais nos Campos*. Oeiras: Celta Editora.
- Baronet de Sousa, Paulo Renato (2010) *As encruzilhadas do despovoamento. Interior, jovens e emprego. O caso do concelho de Castro Daire*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade de Coimbra.
- Bourdieu, Pierre (1980) *Questions de Sociologie*, Paris: Éditions de Minuit.
- Caleiras, Jorge M. A. (2011) *Para além dos números as consequências pessoais do desemprego*. Tese de doutoramento em Sociologia. Universidade de Coimbra.
- Câmara Municipal de Mortágua (2002), *Pré-Diagnóstico Social do Concelho de Mortágua*. Mortágua <http://www.cm-mortagua.pt/docs/RedeSocial/prediagnostico.pdf> [agosto de 2014]
- Câmara Municipal de Mortágua (2004), *Diagnóstico Social do Concelho de Mortágua*. Mortágua. <http://www.cm-mortagua.pt/docs/RedeSocial/diagnostico.pdf> [agosto de 2014]
- Castro, Fátima (2012) “Imigração e territórios em mudança. Teoria e prática(s) do modelo de atração-repulsão numa região de baixa densidade” *Cadernos de Geografia*. Nº 30/31, 203-213 http://www.uc.pt/fluc/depgeo/Cadernos_Geografia/Numeros_publicados/Cad_Geo30_31/Eixo2_5 [novembro de 2013].
- DPP: Departamento de Prospetiva e Planeamento e Relações Internacionais do Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional (2008) *Provere Programas de Valorização Económica de Recursos Endógenos. Das Ideias à Ação*. Lisboa.

- Ferrão, João (2000) “Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação atual e pistas para o futuro” *Sociologia Problemas e Práticas*. nº 33, 45-54.
- Figueiredo, Elisabete (2012), “Há rural depois da agricultura?”. *Pessoas e Lugares*, nº 4, Janeiro de 2012, pp.20-21.
- Ghiglione, Rodolphe; Matalon, Benjamim (1993) *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Guerreiro, Maria das Dores; Abrantes, Pedro (2007), “Transições incertas – os jovens perante o trabalho e a família”, *Coleção Estudos*. Nº 2, Lisboa, CITE.
- Hespanha, Pedro (1994) *Com os pés na terra – Práticas fundiárias da população rural portuguesa*. Porto: Edições Afrontamento.
- Hespanha, Pedro (2003) “Os estudos rurais e a economia agrária: novas oportunidades e desafios à investigação” in *V Colóquio Hispano-Português de Estudos Rurais “Futuro dos Territórios Rurais numa Europa Alargada”*. Bragança, 24 de Outubro de 2003. http://www.sper.pt/VCHER/Pdfs/Pedro_Hespa.pdf [novembro 2013]
- INE (2002), *Censos da População*, Resultados Definitivos, Região Centro, 2001. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa: INE. http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=377711&PUBLICACOESmodo=2 [julho de 2014]
- INE (2012), *Censos da População*, Resultados Definitivos, Região Centro, 2011. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa: INE. http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=156644135&PUBLICACOESmodo=2 [janeiro de 2014]
- INE (2013), *Anuário Estatístico da Região Centro*, 2012. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa: INE. http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=209571958&PUBLICACOESmodo=2 [janeiro de 2014]

- Instituto de Emprego e Formação Profissional (2014), *Concelhos Estatísticas Mensais- julho 2014*, IEFP, Lisboa.
<https://www.iefp.pt/documents/10181/702497/SIE+-+Desemprego+registado+por+concelhos+junho+2014.pdf/4bc8e9b2-11bf-45b0-8056-b289b60dfa7b>
- Lee, Everett (1969), “ A Theory of Migration”, in J. A. Jackson (Ed.), *Migration*, Cambridge University Press, pp 282-297.
- Manso *et al*, (2012) “Os Municípios e a Qualidade de Vida”. Observatório para o Desenvolvimento Económico e Social da UBI, Universidade da Beira Interior (<http://www.cm-viladereira.pt/upload/files/noticias/2013/Qualidade%20de%20Vida/Os%20Munic%C3%ADpios%20e%20a%20Qualidade%20de%20Vida2012.pdf>) [agosto de 2014]
- Martins, J. *et al* (2012) “Modelação de movimentos migratórios inter-regionais” in Universidade do Porto, *VII Congresso Português de Sociologia*. Porto, 19 a 22 de Junho de 2012.
- Mendras (1971) *Les Collectivités Rurales Françaises*, Paris: Armand Colin.
- Mingione, Enzo; Pugliese, Enrico (1987) “A difícil delimitação do ‘urbano’ e do ‘rural’”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 22:83-99
- Oliveira Baptista, F. *et al* (2006) “O rural depois da agricultura” in Fonseca, M. L. (coord.) *Desenvolvimento e Território – Espaços Rurais Pós-agrícolas e os Novos Lugares de Turismo e Lazer*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 85-100.
- Pais, José Machado (1990) “A Construção Sociológica da Juventude – Alguns Contributos” *Análise Social*. Vol. XXV, nº 105-106, Lisboa: ICS, 139-165
- Pais, José Machado (1993) *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Pais, José Machado (2001) *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro*. Porto: Ambar

- Peixoto, João (2004a) “As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas” *SociusWorkingPapers* Nº11/2004.
<http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp200411.pdf>
- Peixoto, Paulo (2004b) “O desaparecimento do mundo rural” in *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: A questão social no novo milénio*. Coimbra, 16, 17 e 18 de Setembro de 2004.
<http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel11/PauloPeixoto.pdf>
[novembro 2013]
- Pinto, José M. (1985) *Estruturas Sociais e Práticas Simbólico-Ideológicas nos Campos*. Porto: Edições Afrontamento.
- Portela, José (1997) “O meio rural em Portugal entre o ontem e o amanhã” in *Seminário Internacional: A Revitalização do Mundo Rural e o Ordenamento do Território*. Centro de Estudos para o Desenvolvimento Regional e Local. Lisboa, 15-17 de Maio.
- Quivy, Raymond; Campenhoudt, Luc (2008) *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reis, José (1992) *Os Espaços da Indústria*. Porto: Edições Afrontamento.
- Reis, José (2001), “Observar a Mudança: O Papel dos estudos Rurais”, *Oficinas do CES*, 165, <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/165.pdf> [julho, 2014]
- Reis, José (1997), *Interior, desenvolvimento e território*, Jornada da interioridade, Perspetivas de Desenvolvimento do Interior, Colóquio promovido pelo Presidente da República durante a Jornada da Interioridade.
http://jorgesampaio.arquivo.presidencia.pt/pt/biblioteca/outros/interioridade/2_1.html [novembro, 2013]
- Ribeiro, Jorge Castro (2010), “Migração, *sodade* e conciliação: a prática do batuque cabo-verdiano em Portugal”, in *Côrte-Real*, Maria de São José [org.],

Revista Migrações – Número Temático música e Migração, Outubro de 2010, nº 7, Lisboa: ACIDI, 99-117.

Silva *et al*, (2010) “Estratégias de eficiência colectiva em territórios de baixa densidade: reflexões a propósito do Minho-lima e do Tâmega” *in Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia*, 6 a 9 de Outubro de 2010, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<http://web.lettras.up.pt/xiicig/comunicacoes/74.pdf> [novembro de 2013]

Vieira, Raluca E. F (2009) *Entre ficar ou partir. As Expectativas dos Jovens do Interior e o Desenho de Políticas*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade de Coimbra.

ANEXOS

ANEXO I – Guião de Entrevista



Guião de Entrevista a Jovens

A presente entrevista insere-se no âmbito da elaboração da minha dissertação de Mestrado em Sociologia a realizar na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Trata-se de um trabalho de investigação de carácter exploratório em torno dos territórios do interior de baixa densidade e que visa obter a perceção subjetiva pelos jovens sobre a sua perspetiva de saída ou permanência nesses territórios. Procura-se através deste estudo identificar “quais as razões que, na perspetiva dos jovens de territórios rurais de interior, determinam a sua opção de saída ou fixação nesses territórios?”

Assumindo o Concelho de Mortágua enquanto concelho rural, interior e de baixa densidade, gostaria de conhecer a sua perspetiva sobre esta problemática.

- 1- Em seu entender, quais são as razões que determinam a saída ou fixação dos jovens no concelho de Mortágua?
- 2- E no seu caso, já decidiu quanto a essa questão de ficar ou partir?
 - a. Sim - Qual a decisão que tomou? As razões que genericamente apontou para todos os jovens foram também as que o levaram à sua tomada de decisão? Quais foram para si as mais determinantes?
 - b. Não – Porque é que ainda não decidiu? Apesar de ainda não ter decidido, quais as razões que pensa irão ter mais peso na sua decisão futura? Por outras palavras, o que o faria, de facto, sair? O que o faria, de facto, ficar?
- 3- Em seu entender, a opinião da sua família teve/terá um peso significativo na sua tomada de decisão?
 - a. Sim. Porquê e em que medida?
 - b. Não. Porquê e em que medida?
- 4- As suas relações com a sua família são fortes ou fracas?
- 5- Depende da sua família para o seu dia-a-dia? Em que termos?

-
- 6- Com que regularidade costuma visitar os seus familiares?
- 7- E relativamente aos seus amigos e vizinhos, considera que as suas opiniões tiveram/terão um peso significativo na sua tomada de decisão?
- Sim. Porquê e de que modo?
 - Não. Porquê e de que modo?
- 8- Considera-se bem integrado socialmente em Mortágua?
- Sim. Porquê? Como?
 - Não. Porquê?
- 9- Enquanto estuda(ou) em Mortágua participa(ou) na associação de estudantes, em algum clube ou em algum projeto local de animação, cultura, planeamento, desporto, etc?
- Caso tenha participado, qual o papel que assumiu?
 - Qual a quantidade de participações?
- 10- E na sua aldeia e/ou aldeias vizinhas, faz/fez parte de uma associação?
- Que tipo de associação e qual o papel que assumiu? Qual a regularidade nas participações?
- 11- Se pudesse, participaria em mais projetos locais no concelho de Mortágua?
- Não. Porquê?
 - Sim. Que tipo de projetos?
- 12- Que papel gostaria de assumir?
- 13- Em sua opinião, o concelho oferece boas condições para a fixação dos jovens?
- Sim – Porquê e que condições oferece?
 - Não – Porquê e que condições não oferece?
- 14- Aquando da realização do estudo realizado pelo Município de Mortágua “Estratégias para a Juventude no Desenvolvimento Sócio-Económico de Mortágua”, a falta de oferta de emprego local compatível com as expectativas e formação foi referenciado como determinante na relação com a saída dos jovens do concelho. O que pensa sobre isto? Concorda ou não e porquê?
- 15- Face ao exposto anteriormente, e no caso de se encontrar ainda a estudar, o que pensa que irá acontecer quando terminar os estudos? Vai, por exemplo, procurar trabalho em Mortágua, num concelho próximo de Mortágua ou vai imediatamente para um centro urbano mais dinâmico ou qualquer outra situação...?
- 16- Se pretende procurar trabalho no concelho de Mortágua ou na região, quando terminar os estudos, indique a razão principal?
- 17- No seu caso em particular, pensa que o concelho lhe oferece/pode oferecer o “modo de vida de qualidade” que gostaria de ter para si?
- Sim – Porquê e a que corresponde para si esse “modo de vida de qualidade”?
-

b. Não – Porquê e a que corresponde para si esse “modo de vida de qualidade”? Onde poderá obter esse “modo de vida de qualidade”?

18- Em 1999, a ADICES – Associação de Desenvolvimento Local, realizou um estudo a que deu o nome “Imagens do Desenvolvimento na Infância” e em que pediu a todas as crianças do pré-escolar e 1º CEB que imaginassem a sua terra em 2030. Segundo os resultados desse projeto, para a grande maioria das crianças da nossa região, o estatuto de cidade é sinónimo de desenvolvimento. O seu desejo é que a sua aldeia fosse vila ou cidade. Preferencialmente “...uma cidade grande como Lisboa, que tivesse arranha-céus, hotéis, uma estação de comboios e um aeroporto e que o rio desse para navegar, se construísse um centro comercial, um pavilhão desportivo com piscinas, uma pista de gelo, campos de jogos...”

Em sua opinião, a cidade e o espaço urbano continuam a exercer forte atração sobre os jovens rurais?

a. Sim - Porquê?

b. Não – Porquê?

19- Face a tudo o que anteriormente analisámos, em que medida, em seu entender, o atual contexto de crise pode condicionar a tomada de decisões dos jovens e determinar o sentido dessa decisão?

20- Para terminar, no caso dos que já saíram de Mortágua há pelo menos 5 anos, gostaria de voltar a viver no seu concelho de origem?

a. Sim – Porquê e o que seria necessário para isso acontecer?

b. Não – Porquê?

21- Em sua opinião, o concelho oferece atualmente melhores condições para a fixação dos jovens do que á data da sua decisão de partir?

22- Finalmente, e retomando o fio condutor deste estudo, em seu entender quais são as consequências para o concelho da saída dos seus jovens para outros territórios?

Obrigada pela sua colaboração.

Bem haja!

ANEXO II - Tabela síntese de caracterização dos entrevistados

Nº Entrevista	Sexo	Idade	Estado civil	Freguesia de origem	Local de residência atual	Habilitações	Situação profissional	Grupo de entrevistados
01_DS	Masculino	35	Casado	Trezói - Mortágua	Rússia	Licenciatura em Engenharia Civil	Engº Civil em empresa do sector privado	Jovens que decidiram sair
02_DS	Feminino	30	Casada	Sobral - Mortágua	Viseu	Licenciatura em Gestão	Desempregada	Jovens que decidiram sair
03_ND	Masculino	20	Solteiro	U F Mortágua Mortágua	Mortágua	A frequentar o ensino superior	Estudante ensino superior - licenciatura em ciências do desporto e educação física	Jovens que ainda não decidiram
04_ND	Masculino	18	Solteiro	U F Mortágua Mortágua	Mortágua	A frequentar o 12º ano	Estudante 12º ano – científicos	Jovens que ainda não decidiram
05_DS	Feminino	32	Solteira	Sobral - Mortágua	Covilhã	Licenciatura em Gestão de Empresas	Gestora de empresa do sector privado - Responsável administrativa e financeira	Jovens que decidiram sair
06_DS	Feminino	34	Casada	Trezói- Mortágua	Lisboa	Mestrado em Gestão de Serviços de Saúde Licenciatura em Enfermagem	Enfermeira – Cuidados intensivos de pediatria em hospital público	Jovens que decidiram sair
07_DF	Feminino	32	Solteira	U F Mortágua - Mortágua	U F Mortágua - Mortágua	Licenciatura em Turismo	Secretária de direção em empresa do sector privado	Jovens que decidiram ficar

ANEXO II - Tabela síntese de caracterização dos entrevistados (continuação)

Nº Entrevista	Sexo	Idade	Estado civil	Freguesia de origem	Local de residência atual	Habilitações	Situação profissional	Grupo de entrevistados
08_DS	Masculino	33	Solteiro	Sobral - Mortágua	Coimbra	12º ano – curso tecnológico de Design	Designer gráfico em empresa do sector privado	Jovens que decidiram sair
09_DS	Feminino	35	Solteira	Trezói - Mortágua	Inglaterra – Cambridge	Licenciatura em Enfermagem	Enfermeira em Cambridge	Jovens que decidiram sair
10_DS	Masculino	29	Solteiro	Sobral- Mortágua	Suíça	Licenciatura em Relações Internacionais	Gestor em entidade do setor bancário	Jovens que decidiram sair
11_DF	Feminino	23	Solteira	Pala- Mortágua	Mortágua	12º ano – curso técnico profissional de animação sócio-cultural	Animadora sociocultural em IPSS	Jovens que decidiram ficar
12_ND	Feminino	18	Solteira	Espinho - Mortágua	Espinho - Mortágua	12º ano - curso de ciências socioeconómicas	Estudante	Jovens que ainda não decidiram
13_DF	Feminino	32	Solteira	Sobral - Mortágua	Sobral - Mortágua	Licenciatura em farmácia	Farmacêutica	Jovens que decidiram ficar
14_DS	Feminino	34	Solteira	Sobral- Mortágua	Coimbra	Licenciatura em enfermagem	Enfermeira cuidados intensivos – CHUC	Jovens que decidiram sair
15_ND	Masculino	19	Solteiro	U F Mortágua - Mortágua	U F Mortágua - Mortágua	A frequentar o 12º ano escolaridade - científicos	Estudante	Jovens que ainda não decidiram sair
16_DF	Masculino	30	Solteiro	Sobral- Mortágua	Sobral - Mortágua	12º ano	Militar	Jovens que decidiram ficar
17_DF	Feminino	30	Casada	Sobral- Mortágua	Sobral - Mortágua	Licenciatura em fotografia	Assistente de consultório	Jovens que decidiram ficar

ANEXO II - Tabela síntese de caracterização dos entrevistados (continuação)

Nº Entrevista	Sexo	Idade	Estado civil	Freguesia de origem	Local de residência atual	Habilitações	Situação profissional	Grupo de entrevistados
18_DF	Masculino	29	Solteiro/ União de facto	Sobral- Mortágua	U F Mortágua- Mortágua	Licenciatura em Contabilidade e auditoria	Gestor Financeiro	Jovens que decidiram ficar
19_DF	Masculino	29	Solteiro/União de facto	U F Mortágua- Mortágua	U F Mortágua- Mortágua	12º ano - científicos	Motorista	Jovens que decidiram ficar
20_ND	Masculino	18	Solteiro	Sobral - Mortágua	Sobral - Mortágua	A frequentar o 12º ano de escolaridade	Estudante	Jovens que ainda não decidiram
21_DS	Masculino	27	Solteiro	Trezoi - Mortágua	Figueira da Foz	Mestrado em radiologia osteoarticular Técnico de licenciatura em radiologia	Técnico de Radiologia	Jovens que decidiram partir
22_DF	Feminino	35	Casada	Sobral - Mortágua	Sobral - Mortágua	Mestrado em enfermagem de reabilitação Licenciatura em enfermagem	Enfermeira – U CSF Mortágua	Jovens que decidiram ficar
23_DS	Feminino	30	Solteira/União de facto	Sobral - Mortágua	Porto	Licenciatura em Gestão do Território e Património Cultural	Operadora Call Center	Jovens que decidiram partir
24_ND	Feminino	18	Solteira	Sobral - Mortágua	Sobral - Mortágua	Frequência 12º ano	Estudante	Jovens que ainda não decidiram
25_ND	Feminino	20	Solteira	Sobral - Mortágua	Sobral - Mortágua	Estudante 3º ano da licenciatura em Medicina	Estudante	Jovens que ainda não decidiram

ANEXO II - Tabela síntese de caracterização dos entrevistados (continuação)

Nº Entrevista	Sexo	Idade	Estado civil	Freguesia de origem	Local de residência atual	Habilitações	Situação profissional	Grupo de entrevistados
26_DF	Masculino	31	Solteiro/união de facto	Espinho - Mortágua	Espinho - Mortágua	Licenciatura em eng ^a eletrotécnica	Empresário	Jovens que decidiram ficar
27_ND	Feminino	23	Solteira	U F Mortágua Mortágua	U F Mortágua Mortágua	Licenciatura em Medicina Nuclear	Desempregada à procura do 1º emprego	Jovens que ainda não decidiram
28_ND	Masculino	22	Solteiro	Marmeleira - Mortágua	Marmeleira - Mortágua	12º ano Curso profissional de Técnicas Laboratoriais	Desempregada à procura do 1º emprego	Jovens que ainda não decidiram
29_DF	Feminino	33	Solteira	Sobral - Mortágua	Sobral - Mortágua	Licenciatura em Turismo	Empresária em Nome Individual	Jovens que decidiram ficar